Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História

Os Bruxos do Século XX: Neopaganismo e Invenção de Tradições na Inglaterra do Pós-Guerras

Janluis Duarte

Brasília
2008

Janluis Duarte

Os Bruxos do Século XX: Neopaganismo e Invenção de Tradições na Inglaterra do Pós-Guerras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do título de Mestre em História.
Área de concentração: História Social.
Orientador: Prof. Dr. Vicente Dobroruka

Brasília
2008

“Antes de conversar sobre coisas sagradas, preparamo-nos por meio de oferendas. Um encherá o cachimbo e passará a outro que o acenderá, oferecendo-o à terra e ao céu... depois fumarão juntos... Só então estarão prontos para conversar”.

Mato-Kuwapi, ou Caçado pelos Ursos,
um Sioux Santee-Yanktonai.

Dedicatória

Haveria, sem dúvida, muitas pessoas a quem eu poderia – e deveria – dedicar este trabalho. Minha mãe, Jany, a quem eu devo a dádiva da leitura e a bênção de ter me tornado um professor. Meus avós, Manoel, Isabel e Laura, cujo carinho e dedicação me deram forças para enfrentar os momentos mais difíceis. Ao querido professor Geraldo Barnabé Antunes, cuja presença tão breve foi tão significativa. Todos eles, no entanto, já se encontram além da necessidade real de minhas dedicatórias.

Dedico, portanto, este texto a quem desenvolveu em mim não apenas o gosto pelo insólito, pelo intangível, pelo que ainda havia de ser comprovado e pesquisado, mas que também me deu a força e a motivação, ainda que de forma indireta, para que eu prosseguisse em minhas pesquisas: meu pai. Apenas me permito corrigi-lo em um ponto: não sou *mais* que o dedicado verdureiro ou o disciplinado oficial da Aeronáutica. Sou o resultado imediato dos ensinamentos que vocês me legaram.

Quem sabe possamos, um dia, todas essas pessoas que citei, sentarmo-nos em algum lugar de um possível paraíso neopagão (como tantos outros paraísos possíveis), num "País do Verão", e acendermos um cachimbo, enquanto falamos de coisas sagradas?

Agradecimentos

Agradeço sobretudo aos meus filhos, pelo tempo que lhes roubei ao longo da elaboração deste trabalho. À minha querida Ana, pela paciência de ler meus rascunhos e emitir sempre sua opinião ponderada quando minhas elucubrações iam além do que se esperava que alguém compreendesse. À amiga Lílian, pelo incentivo incondicional.

Agradeço de forma enfática ao meu orientador, Prof. Dr. Vicente Dobroruka, pela confiança extrema que sempre me fez encontrar forças para acreditar no meu trabalho. “Orientar”, caro amigo, não significa “indicar o caminho”, mas sim permitir que os caminhos possíveis sejam plenamente explorados.

Agradeço ainda aos professores que me deram apoio para que eu desenvolvesse minha pesquisa em um tema não-convencional: Dr. Estevão Martins, Dra. Eleonora Ziccari e Dra. Cléria Botelho.

Por fim, agradeço a inestimável contribuição dos *bruxos*, em especial de Melissa Seims, Janet Farrar e Gavin Bones, sem a qual este trabalho pertenceria apenas ao campo das especulações.

Resumo

Este trabalho enfoca o surgimento de uma religião: a moderna bruxaria neopagã, ou *Wicca*, a partir da obra do funcionário aposentado da Coroa Britânica, Gerald Brosseau Gardner, em meados do século XX. Baseada em crenças e idéias já bastante difundidas desde fins do século anterior, mas restritas a uma parcela específica da sociedade inglesa – entre as quais se incluem as teorias antropológicas de Sir James Frazer e de Margaret Murray – poucos anos após a sua divulgação a doutrina de Gardner alcançou imensa popularidade, sendo hoje contada entre as religiões com maior número de adeptos. Além disso, causou a ressignificação não apenas do movimento neopagão, cujo cunho nacionalista ou literário é abandonado em prol do caráter religioso, como da própria figura da *bruxa*. O que buscamos traçar, portanto, foram não apenas as origens e influências que resultaram na síntese de Gardner, mas igualmente os fatores sociais que possibilitaram seu surgimento e sua rápida expansão, entre os quais se incluem a necessidade de recuperação de poder numa Inglaterra devastada pela guerra e que perdera a sua posição hegemônica no panorama mundial, bem como a criação de uma identidade contra-cultural em um mundo em rápida transformação.

Palavras-chave: bruxaria, neopaganismo, religiões contemporâneas.

Abstract

This work focuses on the birth of a new religion: the contemporary neopagan witchcraft, or *Wicca*, centered on the work of the retired servant of the British Empire, Gerald Brosseau Gardner, in the middle 20th Century. Based on beliefs and ideas strongly spread since the end of the last century, but restricted to a specific portion of the british society – among which are included the anthropological theories of Sir James Frazer and Margaret Murray – just a few years after its publishing, Gardner's doctrine has reached an immense popularity, being ranked, today, between the greater religions of the world in number of adherents. In addition, it caused the resignification of not only the neopagan movement, which nationalist or literarily pattern is abandoned by means of the religious character, but also of the figure of the *witch* itself. What we tried to trace, this way, were not only the origins and influences that results in the Gardner's synthesis, but also the social factors that granted its rising and its fast spreading, among which are included the need of power retrieving in a war-devastated England that has lost his hegemonic position in the world background, asides the creation of a counter-cultural identity in a fast transforming world.

Keywords: witchcraft, neopaganism, contemporary religions.

Sumário

INTRODUÇÃO

É a madrugada de 20 para 21 de junho de 2007. Uma chuva intermitente rega os campos ondulantes de Whiltshire, lugarejo ao norte de Salisbury, Inglaterra. Por vezes, a Lua surge por trás de camadas de nuvens que desfilam pelo céu, que começa a tingir-se dos tons rosados do dia que se aproxima. Cada vez que isso acontece, a multidão de mais de 20 mil pessoas, reunida em torno do imemorial conjunto megalítico de Stonehenge, redobra a intensidade de seus cânticos.

Essa multidão heterogênea, formada por pessoas de todas as idades, uma boa parte delas vestindo indumentárias que parecem pertencer a um outro tempo, embora ao mesmo lugar, está ali reunida com um sólido intento, que a faz arrostar com alegria os incômodos da noite insone, da mistura enjoativa de odores – incenso, flores variadas e *cannabis* – da chuva que parece não dar trégua e dos muitos ritmos pulsando ao longo das horas. Todas deixaram suas casas, algumas percorrendo centenas de quilômetros, para assistir ao nascer do sol sobre a *Heel Stone*, no dia mais longo do ano, o Solstício de Verão no hemisfério norte.

Um momento de anticlímax, de expectativa quase palpável, percorre o monumento ao se avizinhar a hora prevista. Pouco antes das 4:58h – horário cientificamente determinado pelos meteorologistas para o nascer do Sol naquelas paragens – uma figura que aparenta ter saído diretamente das lendas arturianas assume implicitamente o controle da multidão. Ele se autodenomina Arthur Pendragon, mas sua aparência é, antes, a de outro personagem: o mítico Merlin. Uma presença fascinante, no lusco-fusco da alvorada: um homem alto, de meia-idade, com o olhar

faiscante emoldurado pela barba espessa e pelos cabelos compridos e ondulados. Um grosseiro surrão de algodão cru, bordado com um dragão estilizado, cobre seu robe branco de mangas largas e esvoaçantes, terminando em uma longa capa do mesmo tecido. Na mão esquerda, um cajado ricamente trabalhado.

Com voz tonitruante, o homem aproxima-se da fogueira recém-acesa e enuncia:

– O fogo dá as boas vindas ao Sol no dia mais longo do ano, parte da roda sazonal que nós celebramos, como druidas e pagãos! Até o final do dia, este templo vivo que chamamos de Stonehenge pertence a todos nós! Todos temos o direito de vir aqui e celebrar o solstício!

Novamente o coro de vozes e instrumentos de sopro e percussão os mais estranhos e variados aumenta de intensidade, saudando o sol ainda invisível. Por todos os lados, grupos menores, formados e liderados por pessoas bem mais "comuns" ou de aparência tão exuberante quanto o incrível Pendragon, iniciam seus rituais particulares. Finalmente, com mais de uma hora de atraso, às 6:15h, o sol finalmente ganha força para romper o cinturão de nuvens que encobre a paisagem campestre inglesa e surge, já um tanto alto, sobre a *Heel Stone*[1].

Nem a cerimônia que acabamos de descrever, nem a quantidade de pessoas presentes representam novidade. Na verdade, existem registros de cerimônias semelhantes levadas a cabo em Stonehenge desde pelo menos 1905, inicialmente por grupos de entusiastas do druidismo e,

[1] A descrição acima baseia-se nos noticiários de diversos jornais *on-line* ingleses, em edição de 22 de junho de 2007, destacando-se entre eles o artigo de S. Bruxelles, no Times Online, disponível em <http://www.timesonline.co.uk/tol/news/uk/article448346.ece> , o de Jane Fryer, no Daily Mail, disponível em <http://www.dailymail.co.uk/pages/live/articles/news/news.html?in_article_id=463607&in_page_id=1770> e no *podcast* de Kerry Fox, disponível em < http://kerryfoxlive.com/wordpress/?p=798>, todos acessados em 14/11/2007.

depois, por uma multidão crescente de praticantes de diversas seitas neopagãs, *hippies* e outros adeptos de religiões e filosofias alternativas. Em 1985, uma tentativa oficial de proibir o festival de solstício de verão em Stonehenge, na esteira da criação do *English Heritage*[2], causou um confronto entre os integrantes de um comboio de cerca de 140 veículos e 500 policiais, resultando em 20 feridos e mais de 300 presos[3]. Após este episódio, que ficou conhecido como "A Batalha de Beanfield", a proibição de realização de cerimônias no local só foi revogada em 2000. Desde então, o número de pessoas que acorrem ao local a cada solstício vem se mantendo constante, se não crescente.

Para essas pessoas, pouco importa a opinião de historiadores e arqueólogos, que desvinculam completamente a construção e o uso de Stonehenge dos druidas, e que não são concordes, ao menos, de que o monumento tenha sido um local de culto. No seu imaginário, o imponente círculo de pedras de Whiltshire, bem como diversos outros espalhados pelas ilhas britânicas, ou outros marcos tão díspares quanto a Abadia de Glastonbury ou as ruínas do Castelo de Tintagel, estão inequivocamente ligados à existência de uma antiga religião européia centrada no culto às divindades naturais. Tal religião, de origens paleolíticas, teria atravessado os tempos às margens do cristianismo, preservada em grupos familiares pela tradição oral e, tendo sobrevivido nas sombras durante os tempos de perseguição cristã, voltado a eclodir nos tempos atuais. Dependendo da vertente que seguem – no interior das quais as variações de

---

[2] O English Heritage é um órgão do governo encarregado de administrar o patrimônio histórico da Inglaterra.

[3] *1985: Hippies clashed with police at Stonehenge*. **BBC On this day.** Disponível em <http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/june/1/newsid_2493000/2493267.stm>, acessado em 17/11/2007.

culto e crenças são, na verdade, bem pequenas - denominam-se druidas, *wiccans*, pagãos, neopagãos ou, simplesmente, *bruxos*.

Independentemente da inverossimilhança do enredo de imensa antiguidade por eles apregoado, a verdade é que essas pessoas pertencem, genericamente, ao que poderia se chamar da mais jovem religião existente e, também, provavelmente, a que mais se expande. A obra da jornalista norte-americana Margot Adler, *Drawing Down the Moon*, publicada originalmente em 1979 e constantemente revisada a partir de 1986 em várias reedições, nos oferece alguns números notáveis para os EUA: mais de 400 mil praticantes do neopaganismo, mais de 350 festivais neopagãos anuais e pelo menos 5000 *websites* dedicados ao assunto[4]. O *site* adherents.com[5], dedicado a estatísticas mundiais sobre religião, aponta o neopaganismo como a 19ª religião mundial em número de seguidores, com a observação adicional que este é um "termo guarda-chuva" que abriga diversas denominações religiosas que possuem apenas um substrato comum, e ressaltando as dificuldades de se proceder a um levantamento confiável devido à inexistência de uma centralização.

Apesar desses números consideráveis, o neopaganismo como religião surgiu apenas na segunda metade da década de 1950, com o advento da *Wicca*, ou "bruxaria moderna", e é uma das manifestações religiosas menos estudadas pelos pesquisadores acadêmicos.

Diversos historiadores se dedicaram a estudar o fenômeno da bruxaria como manifestação característica do

---

[4] Margot Adler. *Drawing Down the Moon*. New York: Penguim Books, 2006, pp.xi e 104.

[5] *Major Religions of the World Ranked by Number of Adherents*, disponível em <http://www.adherents.com/Religions_By_Adherents.html>, acessado em 17/11/2007.

final da Idade Média e início da Idade Moderna, desse esforço resultando vários clássicos da historiografia, como *O queijo e os vermes*, de Carlo Ginzburg, ou *A religião e o declínio da magia*, de Keith Thomas. A lista dos autores a se dedicarem ao assunto, aliás, se estende longamente, desde o romântico Michelet até o atualíssimo Stuart Clark, passando por nomes como Jeffrey Russell, Brian Levack, Jean-Michel Sallmann, ou os brasileiros Carlos Nogueira e Laura de Mello e Souza. No entanto, pouquíssimos reconheceram ou dedicaram algum tempo à existência de uma bruxaria viva e atuante nos dias atuais, com roupagens de religião e pautada em um modelo, mesmo que em grande parte fictício, que remete aos seus objetos de estudo.

O professor Jeffrey B. Russell, da Universidade da Califórnia, dedica dois capítulos de sua obra *História da feitiçaria*[6] à bruxaria moderna. Uma única obra acadêmica de grande porte dedica-se exclusivamente ao assunto do surgimento dessa religião: *The Triumph of the Moon*, do professor Ronald Hutton, da Universidade de Bristol[7]. Algumas obras acadêmicas surgiram, nos últimos anos, enfocando especialmente o crescimento do neopaganismo nos Estados Unidos, como *Witching Culture: Folklore and Neo-Paganism in America*, de Sabina Magliocco, ou *Her Hidden Children: The Rise of Wicca and Paganism in America*, de Chas Clifton.

Fora isso, o que se pode encontrar é apenas uma miríade de livros escritos por autores neopagãos. Alguns poucos destes livros são baseados em extensa pesquisa documental, como as obras de Philip Heselton sobre Gerald Gardner, ou possuem pinceladas de informações concretas que

---

[6] Jeffrey B. Russell. *História da feitiçaria*. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

[7] Ronald Hutton. *The Triumph of the Moon. A history of modern pagan witchcraft*. New York: Oxford University Press, 1999.

podem e devem ser levadas em consideração, como as obras produzidas pelo casal Janet e Stewart Farrar, na década de 1970. A imensa maioria, no entanto, dedica-se apenas a repetir de forma maçante informações fantasiosas ou claramente falsas, ou ainda são simples receituários de rituais e "feitiços".

Graças a isso, a "história real" do surgimento do neopaganismo como manifestação religiosa constitui-se, na verdade, de uma série de lacunas, não apenas para os estudiosos da história das religiões como para os próprios neopagãos. O professor Hutton, no prefácio da sua obra, apresenta a bruxaria neopagã como "a única religião que a Inglaterra jamais ofereceu ao mundo" e adverte que seu livro é "a primeira tentativa sistemática de um historiador profissional de caracterizar e descrever esse aspecto da cultura ocidental"[8], aproveitando para acrescentar, dirigindo-se especialmente aos jovens pesquisadores, que é indubitável que outros trabalhos sobre o mesmo tema são indispensáveis.

O presente trabalho, no entanto, não surgiu a partir do incentivo do professor Hutton, com o qual tomei contato apenas no decurso da minha pesquisa. Ele surgiu de um longo processo de aproximação e afastamento do pesquisador com o seu objeto, profundamente marcado pela intuição e pelo empirismo, e que apenas nos últimos anos pôde receber um tratamento metodológico mais adequado, a partir do momento em que tive condições de superar minhas próprias limitações nesta área.

Meu interesse pelo fenômeno religioso surgiu já na infância, a partir de uma orientação nada ortodoxa nessa

---

[8] "the only religion which England has ever given the world" e "the first systematic attempt by a professional historian to characterize and account for this aspect of modern Western culture". Idem, p.vii.

área, fornecida pelos meus pais. Creio poder afirmar que tomei contato com a doutrina de Allan Kardec e com as exuberantes teorias de Erich von Däniken antes mesmo de receber os rudimentos do catolicismo que seriam comuns a uma criança da minha idade e extrato social. Leitor ávido e crítico, deleitei-me durante anos a fio com as obras do realismo fantástico francês, sem ter noção exata que tais livros eram, grosso modo, frutos do mesmo movimento que, na Inglaterra, iria desembocar na bruxaria neopagã.

A inquietação diante da religião, como característica e como resposta específica de determinados grupos a determinados estímulos sociais, a mística emotiva dos ritos como fator de constituição de identidades, perseguiu-me mesmo durante os anos em que diversos fatores levaram-me a construir uma carreira de professor nas assim chamadas "ciências exatas". Essa inquietação me levou a inúmeros templos e a infinitas comparações entre aquilo que era reconhecido como "religiosidade ocidental", de caráter judaico-cristão, e as concepções específicas e apropriações das "religiosidades alternativas", eivadas de mistério e orientalismos. Postava-me, contudo, nessas sempre breves incursões, como observador das pessoas, suas dinâmicas e suas crenças.

Esse interesse sempre presente nos diversos aspectos da religiosidade e do misticismo, no entanto, não se desenvolveu como atividade regular de pesquisa até a segunda metade da década de 1990, quando me deparei, de forma meio casual e através da Internet, com o neopaganismo e com a chamada "bruxaria moderna". Havia ali um universo novo de conceitos, como o culto a uma divindade feminina e a alegação de que as bruxas condenadas pela Santa Inquisição eram, na verdade, sacerdotisas desse antigo culto. Havia, além de tudo, pessoas que, em plena era

tecnológica, denominavam-se bruxas e afirmavam sua ligação espiritual com as bruxas de outras eras.

Buscando descobrir quem eram essas pessoas, percebi que, embora a magia exercesse um forte apelo para os mais jovens, em sua maioria os bruxos neopagãos eram advogados, professores, estudantes universitários, funcionários públicos; pessoas, enfim, com suas vidas estabilizadas e bom nível cultural, que deixavam de lado sua rotina cotidiana, por algumas horas semanais, para dedicar-se a um universo onde a crença na magia era prevalente. Pessoas que pareciam dedicar-se a destruir o antigo arquétipo da "bruxa" e substituí-lo por uma figura mítica, que beirava a perfeição, associando-o a uma "Deusa" dos vencidos, dos derrotados pelo cristianismo reinante no mundo ocidental. A uma "Deusa" que, mediante sua atuação, reconquistaria o seu espaço perdido e substituiria um mundo dominado pelo capitalismo por uma espécie de paraíso idílico de harmonia, respeito e conservação da natureza.

Além de tudo, havia ali um paradoxo implícito. Ao contrário do que eu observara em diversas religiosidades alternativas, especialmente naquelas que deliberadamente buscavam se afastar do cristianismo, entre esses bruxos e bruxas - pelo menos em muitos deles - não parecia haver a necessidade de adotar um *modo alternativo de vida*, caracterizado pelo abandono das pretensões materiais, das profissões convencionais ou dos pequenos vícios que formam o cotidiano. Ao contrário, havia a constante afirmação de que "bruxas são pessoas normais" e mesmo um mal-disfarçado convite ao hedonismo.

Com a curiosidade aguçada, concentrei meus esforços em ler o que havia disponível no mercado sobre bruxaria. Cotejando as obras de historiadores como Ginzburg, Russell e Carlos Nogueira, ou de antropólogos como Evans-Pritchard,

com os diversos livros de autores "bruxos", não tardei a perceber que grande parte das alegações desses últimos eram historicamente infundadas. Eu não estava diante do ressurgimento de uma *antiga religião*, mas sim presenciando os momentos de consolidação – os primeiros 40 anos – de *uma nova religião*.

A essa altura o objeto já havia exercido o seu direito de escolha sobre o pesquisador. Ao longo de mais de cinco anos, durante meu tempo livre, procurei me informar ao máximo sobre a bruxaria, tanto aquela que era explicada pela academia quanto aquela que era praticada pelos neopagãos. Nesse processo, conheci pessoas, fiz amizades (e talvez algumas inimizades), freqüentei cursos, palestras e rituais. No entanto, minha atividade de pesquisador amador era, obviamente, prejudicada pelas minhas próprias limitações teóricas, o que me fez voltar aos bancos da universidade e ingressar no curso de História.

Busquei complementar as disciplinas obrigatórias do meu curso com aquelas que me proporcionassem subsídios para ampliar e refinar minha pesquisa. Acima de tudo, a *figura da bruxa* me parecia o ponto focal do meu objeto: o processo endógeno de formação da *identidade* da bruxa e o processo exógeno de criação da *representação* da bruxa. Seguindo essa linha, em minha monografia de conclusão de curso, trabalhei sobre o julgamento das Bruxas de Salem, focando não sobre a transcrição dos autos do processo, mas sim sobre a literatura contemporânea produzida sobre o evento[9], cotejando-a com a resignificação produzida por Arthur Miller, em sua peça teatral de 1953. Afinal, se as mais de quinhentas páginas impressas à minha disposição de

---

[9] Especificamente os livros dos reverendos Cotton Mather e Jonh Hale, ambos publicados na Nova Inglaterra poucos anos após os eventos em Salem, e contendo opiniões divergentes sobre os acontecimentos.

transcrições *verbatim* do julgamento me diziam algo sobre as pessoas nele envolvidas, a literatura produzida a respeito certamente me oferecia pistas sobre o *papel social* atribuído a essas pessoas, aos eventos em si e ao julgamento.

O que assim se desenhava era o episódio de *caça às bruxas* como uma reação a transformações sociais profundas, em tempos de crise, nos quais a “voz das bruxas” era a representação da mudança – figurada em membros da comunidade que fugiam aos padrões estipulados como convencionais – e a perseguição era uma forma de reação da comunidade, tentando expurgar seus medos e manter a coesão. Definir claramente (e demonizar) o *outro* era, tanto na Nova Inglaterra puritana de fins do séc.XVIII quanto nos Estados Unidos de inícios da década de 1950, uma forma de estabelecer uma identidade conservadora, avessa ao novo ou, simplesmente, ao diferente.

Considero o presente trabalho uma continuação daquele iniciado em minha monografia. Novamente a tentativa é de traçar os fatores sociais que desencadearam um processo de formação e consolidação de identidades. Contudo, há diferenças significativas: nos processos do séc.XVIII e anteriores, buscava-se definir a bruxa como a representante de um culto demoníaco que desafiava a Igreja e a sociedade. A existência da bruxaria e a identidade da bruxa, embora baseadas em concepções populares, eram validadas e definidas pelas autoridades seculares e eclesiásticas, através de um *ato de direito*. Nas palavras de Pierre Bourdieu,

> *Este ato de direito que consiste em afirmar com autoridade uma verdade com força de lei constitui um ato de conhecimento que, por estar fundado, como qualquer poder simbólico, no reconhecimento, produz a*

> *existência do que enuncia* [...]. *Mesmo quando se limita a dizer com autoridade aquilo que é, ou então, quando apenas se contenta em enunciar o ser, o* auctor *produz uma mudança no ser: pelo fato de dizer as coisas com autoridade, ou seja, diante de todos e em nome de todos, pública e oficialmente, ele as destaca do arbitrário, sancionando-as, santificando-as e consagrando-as, fazendo-as existir como dignas de existir, ajustadas à natureza das coisas, 'naturais'*[10].

No caso em estudo, dá-se o contrário: os acontecimentos que focamos ocorrem mais de 150 anos após as autoridades britânicas deixarem de aceitar e tentar definir a existência da bruxaria, especialmente com o caráter de culto organizado e pernicioso, mais de 30 anos após certas teorias levantadas pelas ciências sociais terem se tornado obsoletas e, ainda, num momento em que a crença popular em bruxaria subsistia apenas numa pequena parcela da população, e enfraquecida. Neste contexto, *um grupo* passa a se definir como "bruxos" e afirma sua identidade através da prática de uma suposta *antiga religião da bruxaria*, revisitando, neste intento, aquelas hipóteses sociológicas e antropológicas que, mesmo ultrapassadas, podiam corroborar suas alegações, e buscando resignificar a atuação das autoridades, nos séculos anteriores, a partir das noções de preconceito e de intolerância religiosa.

Se a presunção de autoridade, capaz de dar existência ao grupo, está aqui ausente (a não ser, talvez, nos argumentos pretensamente científicos utilizados pelos defensores da existência da "antiga religião"), o que efetivamente ocorre é que, nas décadas que se seguem ao final dos anos 1950, o grupo em questão – os bruxos modernos – afirma a sua individualidade e estabelece-se

[10] Pierre Bourdieu. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996, p.109.

como religião, com milhares de seguidores em todo o mundo. Parafraseando ainda Bourdieu, esses bruxos conseguiram realizar talvez sua principal magia, ou seja: através da sua própria auto-afirmação como bruxos, deram existência à bruxaria conforme preconizavam, tornando-a conhecida e reconhecida.

O nosso objeto de estudo, portanto, será justamente as condições e os mecanismos segundo os quais esse "ato mágico" se processou.

Cabem ainda aqui, por fim, algumas considerações de cunho metodológico. No seu *The Triumph of the Moon*, o professor Ronald Hutton traçou um amplo panorama da bruxaria moderna, buscando historicizar o seu surgimento, seu desenvolvimento e as suas perspectivas atuais. Em suma, dedicou-se a *contar a história* dessa religião efervescente, de forma consideravelmente profunda, ao longo de mais de quatrocentas páginas em letras miúdas. Não tenho, certamente, semelhante pretensão, nem disporia dos meios para isso, ainda que discordasse das assertivas do professor Hutton.

Minha pretensão, com o presente estudo, foi muito mais pontual. Pretendi buscar algumas das respostas possíveis para duas questões principais. A primeira delas refere-se ao próprio processo de "invenção de tradições" realizado pelos fundadores da bruxaria moderna, no sentido estabelecido por Hobsbawn, e que me parece determinante no surgimento de toda e qualquer religião:

> *por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se*

> *estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado*[11].

A questão, portanto, seria: quantas e quais dessas práticas seriam, por assim dizer, *inéditas*, tendo sido criadas pelo fundador Gerald B. Gardner e seus seguidores imediatos, e quantas estariam já presentes e sedimentadas, embora em outros grupos ou parcelas da sociedade inglesa? Em outras palavras: a moderna bruxaria neopagã é uma criação ou uma colagem, admitindo-se, é claro, a possibilidade de um meio termo entre esses dois extremos?

A segunda questão decorre da primeira: caso crenças e práticas já estivessem disseminadas, pelo menos de forma dispersa, que fatores sociais específicos levaram à sua popularização e extraordinário crescimento a partir do trabalho de Gardner e daqueles que o sucederam imediatamente?

Para responder a essas perguntas, concentrei-me especialmente no período que abrange da segunda metade da década de 1950 até fins da década de 1960, período este que corresponde à publicação dos dois livros de Gardner, *The Meaning of Witchcraft* e *Witchcraft Today* e à consolidação da doutrina, mas que exclui, pelo menos a princípio, as posteriores influências do movimento *New-Age*. No entanto, a própria necessidade de cotejar a bruxaria neopagã com a *sua história* – a que é possível traçar e a que ela se atribui – obrigou-me a recuar, constantemente, ao fim do séc.XVIII ou ainda antes, buscando elementos dos movimentos neopagãos nacionalistas ou românticos, ou mesmo da bruxaria entendida como fenômeno histórico peculiar à Idade Média e início da Idade Moderna.

Uma pesquisa desse tipo tem, quase obrigatoriamente,

---

[11] E. Hobsbawn e T. Ranger. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.9.

um caráter marcadamente bibliográfico, muitas vezes beirando a análise do discurso. Minhas principais fontes escritas foram, além das duas obras já citadas de Gerald Gardner e dois outros livros escritos por ele[12], sua biografia – *Gerald Gardner: Witch*, por Jack B. Bracelin – e as duas obras de Philip Heselton – *Wiccan Roots* e *Gerald Gardner and the Cauldron of Inspiration* – baseadas em extensa pesquisa documental do autor. Recorri também, frequentemente, ao *Witches' Bible*, do casal Janet e Stewart Farrar que, embora de publicação ligeiramente posterior ao período analisado, apresenta-se como uma síntese das crenças e das práticas da bruxaria neopagã.

Além disso, numa breve incursão pela história oral, tive a oportunidade de estabelecer contato com algumas pessoas que viveram os primeiros anos da *Wicca*, inclusive algumas que tiveram contato próximo com o próprio Gardner, e outros expoentes atuais da bruxaria neopagã. Nesse ponto, a contribuição de pessoas como Janet Farrar, Gavin Bones, Patricia Crowther, Melissa Seims, para citar alguns dos que gentilmente passaram-me suas impressões sobre essa fase inicial, foi inestimável.

Este trabalho, portanto, compõe-se de três partes: na primeira, traçaremos o perfil das diversas tendências, práticas e idéias que permeavam determinadas parcelas da sociedade britânica, no período de pouco mais de 150 anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial, e que podem ser, genericamente, agrupadas sob o rótulo de "neopaganismo britânico", e ainda sobre elementos específicos que possuíam pontos em comum com a posterior formação da moderna bruxaria neopagã. Na segunda, examinaremos as crenças e práticas dessa religião nascente ou revivida,

---

[12] Trata-se dos romances de Gardner *A Goddess Arrives* e *High Magic's Aid*, os quais serão amplamente referenciados adiante.

conforme estabelecidas pelo seu fundador, Gerald B. Gardner, ou ainda, como ele mesmo afirmou, apenas "reveladas" ou tornadas públicas após séculos de obscurantismo. Por fim, tentaremos lançar alguma luz sobre os motivos do imenso sucesso e penetração dessa religião, não apenas na sua Inglaterra natal como em diversas partes do mundo ocidental.

Contudo, antes de nos lançarmos nessa busca de explicações sobre um passado relativamente recente, mas que reivindica suas raízes num passado distante e na continuidade de conhecimentos e tradições ancestrais, é interessante não deixarmos de citar as palavras do historiador David Lowenthal que, ao mesmo tempo em que nos lembra que o passado é um país estrangeiro, visto que então as coisas eram feitas de forma diferente, afirma que

> *O passado sempre é alterado por motivos que refletem as necessidades atuais. Nós reformulamos nossa herança para torná-la atraente em termos modernos; buscamos torná-la parte de nós, e nós parte dela; nós a adequamos à nossa auto-imagem e aspirações. Desenhada grandiosa ou familiar, aumentada ou suavizada, a história é continuamente alterada em prol de nossos interesses particulares, ou em favor de nossa comunidade ou país*[13].

[13] "The past is always altered for motives that reflects present needs. We reshape our heritage to make it attractive in modern terms; we seek to make it part of ourselves, and ourselves part of it; we conform it to our self-images and aspirations. Rendered grand or homely, magnified or tarnished, history is continually altered in our private interests or on behalf of our community or country". LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. New York: Cambridge University Press, 1985, p.348.

CAPÍTULO 1

DAS ORIGENS DO NEOPAGANISMO BRITÂNICO À RELIGIÃO DA GRANDE MÃE

Embora tenhamos nos referido, até agora, ao neopaganismo como um "movimento", é preciso relativizar esta expressão para termos uma dimensão mais correta do que ele representou e representa. A palavra *movimento* implica alguma organização e coesão em torno de determinadas tendências, sejam elas artísticas, literárias, religiosas ou políticas, o que não é exatamente o caso quando nos referimos ao neopaganismo no período que antecede a Segunda Guerra Mundial, a não ser que consideremos o uso intensivo da simbologia pagã e de idéias arianistas feito pelo nazismo. Talvez, portanto, seja correto falar em *movimento neopagão* apenas quando nos referimos ao movimento de cunho religioso, englobando diversas seitas com características comuns, que ganha corpo a partir da década de 1960.

O próprio termo "neopagão" foi popularizado apenas a partir de 1967, pelo psicólogo Timothy Zell, mais conhecido como Oberon Zell-Ravenheart, criador da *Church of All Worlds* e editor da revista *Green Egg*, dedicada ao assunto, numa tentativa de nomear o movimento que ele mesmo ajudava a formar[14]. No período que abordo, portanto, talvez seja mais adequado falarmos em *movimentos* neopagãos ou em tendências e idéias que remetem ao paganismo.

É difícil encontrar um ponto de partida para o neopaganismo. A bem da verdade, pode-se dizer que, desde a Baixa Idade Média até o início da Renascença, a busca de

---

[14] Adler. Op. cit., cap.10.

raízes no passado greco-romano, especialmente pelas elites sociais e intelectuais, já introduzia uma espécie de imagem engrandecida da cultura pagã clássica, como forma de afirmação de uma identidade nacional. Porém, como nos diz Patrick Geary, professor da UCLA, "a partir da Renascença, intelectuais da França, da Alemanha e do Leste Europeu começaram a se identificar com as vítimas da expansão imperialista romana, os germanos, gauleses ou eslavos"[15], o que acabou por proporcionar um crescente interesse e uma progressiva admiração pelos valores – mesmo que romantizados ou imaginados – desses povos.

De uma maneira geral, portanto, é possível afirmar que o surgimento de movimentos neopagãos em sentido mais estrito – com a exaltação das virtudes dos povos em tela e a recriação de tradições supostamente atribuídas a esses povos – se deu, especialmente a partir de fins do séc.XVIII, na esteira de movimentos de afirmação de identidades nacionais, em toda a Europa. Sendo movimentos característicos de uma elite intelectual, foram influenciados pelas tendências correntes dessa elite, em especial pelo interesse no folclore e no ocultismo característico do romantismo. Porém, em cada um dos principais locais onde eles se desenvolveram, ao longo do séc.XIX e início do séc.XX, as colorações locais determinaram suas tendências futuras.

Na Alemanha, o *Völkish Movement* é uma das suas primeiras expressões, e surge no contexto das guerras napoleônicas. Intelectuais como Johann Gotlieb Fichte que, em seus *Discursos à Nação Alemã* (1808), perguntava "o que é um Povo, no mais alto sentido do termo, e o que é o amor à

---

[15] Patrick J. Geary. *O Mito das Nações*. São Paulo: Conrad Editora, 2005, p.31.

Pátria?”[16], buscavam politizar a cultura alemã, valorizando um caráter nacional baseado na herança germânica. Assim, a descrição das virtudes germanas ou da vitória de Armínio sobre as legiões romanas, encontradas em Tácito, aliadas ao caráter guerreiro das divindades da mitologia nórdica, contrapunham-se, presumivelmente, à derrota para Napoleão em 1806 e à divisão provocada pelas guerras religiosas ocasionadas pela Reforma – tidas talvez como herança da fraqueza do cristianismo – como elementos unificadores do povo alemão.

A essas iniciativas seguiram-se, já em inícios do séc.XX, a criação de sociedades secretas, de caráter eminentemente ocultista, como a pouco conhecida *Germanische Glaubens-Gemeinschaft* (Comunidade da Fé Germânica), ou a muito controversa *Thule-Gesellschaft* (Sociedade Thule) que, sob a capa de promover estudos sobre o folclore germânico, incentivavam a idéia de superioridade da ancestralidade indo-européia do povo alemão e o arianismo.

Embora a maior parte de tais sociedades secretas tenha sido dissolvida pelo nazismo, a Sociedade Thule, devido ao seu patrocínio aos primeiros tempos do *Deustch Aberteipartei*, ficou irremediavelmente associada ao Partido Nazista. Foi esse tipo de associação, aliás, que levou o neopaganismo alemão ao virtual ostracismo após a Segunda Guerra Mundial. Este somente voltou a ganhar força a partir da década de 1970, e já na esteira do movimento religioso neopagão capitaneado pela bruxaria moderna, com a revitalização do *Ásatrú*, do Odinismo e de outras vertentes baseadas na mitologia nórdica (todas oriundas do séc.XIX), mas remetendo às práticas e crenças inerentes àquela.

---

[16] Petteri Pietikainen. *The Volk and Its Unconscious: Jung, Hauer and the 'German Revolution'* in *Journal of Contemporary History* 35.4, October 2000, p.524.

Na França, cuja identidade nacional era mais solidamente estabelecida – quando menos não fosse por conta de uma longa tradição monárquica – os movimentos de cunho neopagão vinculados ao Romantismo tomaram outro caminho. Mais do que uma ligação com antepassados diretos ou tradições ancestrais, os ocultistas franceses herdaram e desenvolveram a herança medieval do estudo da Cabala e da Alta Magia, mesclando-as com o espiritualismo e com elementos trazidos do Egito e do Oriente. Nesse contexto, destacaram-se os nomes de Joséphin Peladán, Stanislas de Guaita, Saint-Yves D'Alveidre, Gérard Encausse (Papus) e, especialmente, Alphonse Louis Constant (Eliphas Levi), ao qual nos referiremos oportunamente. Na França, entre o séc.XIX e o início do séc.XX, é talvez mais correto falar-se de "ocultismo" do que, propriamente, de neopaganismo.

De forma geral, não houve na França uma tendência de rechaçar ou desligar-se do Cristianismo, mas antes de absorvê-lo em meio a um emaranhado de tendências esotéricas, destacando-se a idéia de um mundo governado (ou pelo menos orientado) pelos "Superiores Desconhecidos", geralmente relacionados ao fabuloso mundo subterrâneo da Agartha, em cujo "Conselho Superior" oficiariam vários luminares da hierarquia católica, como São João Evangelista[17]. É preciso lembrar, igualmente que, se a bruxaria moderna é, nas palavras já citadas de Ronald Hutton, "a única religião que a Inglaterra deu ao mundo", o mesmo poderia ser dito, para o caso francês, em relação ao kardecismo, de origem contemporânea ao neopaganismo, mas de cunho marcadamente cristão. Apesar disso, a contribuição francesa à bruxaria neopagã é bem mais acentuada, como veremos oportunamente, do que a alemã.

---

[17] Robert Charroux. *A história desconhecida dos homens*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976, p.148.

Por fim, vale notar que, a exemplo dos alemães, e afiliando-se igualmente a sociedades herméticas, como os Rosacruzes ou a Teosofia, os escritores ocultistas franceses tiveram também a sua dose de anti-semitismo e xenofobia, apesar do aparente paradoxo dessa tendência, dado o seu interesse na Cabala e nos motivos de origem oriental. No entanto, ao contrário do que ocorreu na Alemanha – e compreensivelmente – tal tendência não representou uma solução de continuidade no ocultismo francês e, na verdade, continuou presente na herança que esses escritores deixaram após a Segunda Guerra Mundial, e que veio a constituir-se – em especial de meados dos 1960 até fins dos 1970 – num dos maiores filões literários da atualidade: o chamado "realismo fantástico". Este, apesar das pretensões de cientificismo características do pós-guerras, pouco mais fez do que revisitar as fantásticas e sedutoras teorias conspiratórias do *fin-de-siècle* sobre os "superiores desconhecidos". O trecho que se segue, retirado da obra de um dos expoentes dessa corrente literária, cuja primeira edição data de 1971, é suficiente para ilustrá-lo:

> *Uma propaganda bem dirigida mantém permanentemente o mundo ocidental ao corrente dos progressos chineses em matéria de armamento destruidor. Nisto reside a armadilha! Sim, porque aos dirigentes de Pequim não interessa de forma alguma uma guerra termonuclear, da qual sairiam certamente vencidos. O objetivo visado pelos amarelos é mais sutil; pretendem conquistar o mundo sem disparar um só tiro.* [...] *A sua longa marcha iniciou-se já. Sob ação de sua droga, a juventude avilta-se e corrompe-se; o ópio é a chave que abre todas as portas; os Estados Unidos já sentem o mal em toda a sua extensão e há poucos anos a Europa começou a ser invadida. O erotismo e a pornografia reduzem o valor moral dos indivíduos e, a partir deles, o das nações. Não acreditamos na espontaneidade de movimentos subversivos que se declaram, como foi o caso de maio de 1968, em dez capitais européias ao*

> *mesmo tempo. Por trás da revolta estudantil, adivinha-se um vasto movimento dirigido por peritos de guerra psicológica*[18].

No entanto, se na Alemanha e na França os movimentos neopagãos assumiram características próprias e tiveram, depois do interregno representado pela Segunda Guerra, evoluções e conseqüências próprias, é no neopaganismo britânico que tais movimentos encontraram a sua forma mais acabada, que veio a resultar na moderna bruxaria neopagã, objeto de nosso estudo. Concentremos-nos, portanto, nas próximas páginas, naqueles movimentos e tendências que nos darão uma melhor compreensão sobre este objeto.

1.1. A reinvenção da antigüidade britânica

Embora as principais características associadas ao neopaganismo – em especial o interesse demonstrado pelos intelectuais no ocultismo e no folclore local – estivessem presentes em quase toda a Europa continental, entre fins do séc.XVIII e início do séc.XX, foi nas ilhas britânicas que essas características se desenvolveram de forma consistente nos elementos formadores da futura bruxaria neopagã. Esse desenvolvimento se deu, paralelamente, em várias frentes, que envolveram a afirmação de sentimentos nacionalistas, a valorização de determinadas virtudes pela sociedade vitoriana, a disseminação de sociedades herméticas, a popularidade de certas correntes literárias e, ainda, a atuação de folcloristas e antropólogos que, direta ou indiretamente, ajudaram a construir uma imagem romantizada da antiguidade britânica e das crenças religiosas a ela associadas.

---

[18] Guy Tarade. *Os arquivos do insólito*. São Paulo: DIFEL, 1976, p.104. Grifo no original.

Desde o início do séc.XVIII, os estudiosos da antiguidade passaram a ter acesso mais fácil a versões impressas de textos clássicos, como o *Agricola* de Tácito ou as *Guerras Gálicas* de Júlio César, além de apresentarem um maior interesse e melhor conhecimento dos artefatos e monumentos pré-históricos dos seus países. Isso os levou a criar uma visão do passado povoada por celtas e druidas.

Na Inglaterra, um estudioso da história sagrada de larga imaginação, chamado Willian Stukeley, começou a escrever em 1723 uma vasta *História dos Antigos Celtas*, que nunca foi completada. Nos dois volumes publicados por volta de 1740, no entanto, Stukeley defendia vigorosamente a idéia de que todos os monumentos pré-históricos das ilhas britânicas, especialmente Stonehenge e Avebury, eram obra dos "druidas britânicos".

No início dos anos 1760, o escocês James MacPherson foi protagonista de uma farsa que ganhou proporções notáveis: alegou ter descoberto e traduzido uma série de poemas épicos, escritos em gaélico e de autoria de um bardo escocês chamado *Ossian*. Na verdade, Macpherson era o verdadeiro autor dos poemas, criados a partir de baladas irlandesas. O próprio nome Ossian derivava de um personagem do ciclo Feniano[19] da mitologia irlandesa, *Óisin*, que segundo a lenda seria o maior poeta da Irlanda. A publicação desses poemas criou uma polêmica que se estendeu por quase um século. Ao mesmo tempo que a epopéia

[19] A mitologia irlandesa é dividida comumente em 4 ciclos. O *Ciclo Mitológico* contém uma pseudo-história da Irlanda, enfocando principalmente a guerra dos Thuatha de Dannan contra os Fomorianos e a posterior invasão da Irlanda pelos Milesianos, quando os primeiros teriam se retirado para o submundo e se tornado as fadas das lendas posteriores. O *Ciclo do Ulster* é datado do início da era cristã e enfoca as aventuras do rei Conchobar mac Nessa e do herói Cuchulainn. O *Ciclo Feniano* data do 3° século e retrata as aventuras de Fionn mac Cunhaill e seus soldados, os Fianna. O último ciclo é o *Ciclo Histórico*, medieval, composto de relatos míticos ou históricos de feitos e genealogias de reis da Irlanda.

"traduzida" por Macpherson levou o seu suposto Ossian a ser chamado de "Homero céltico" e influenciou escritores como Sir Walter Scott, ela reconstruía a história da Escócia e a colocava em posição de supremacia frente a Irlanda, que era, na realidade, a fonte a partir da qual o "bardo" e seus poemas foram criados. Polêmicas à parte, o Ossian de Macpherson teve o mérito de chamar a atenção da comunidade intelectual britânica para sua mitologia nativa.

Ainda no séc.XVIII, a dedicação de um certo Edward Williams, pedreiro galês mais conhecido pelo nome que adotou – Iolo Morganwg – levou à consolidação, nos primeiros anos do século seguinte, da imagem romantizada dos druidas britânicos. Visionário e sonhador, Iolo, partindo do interesse generalizado pelo druidismo em sua época e baseando-se na tradição galesa dos *Eisteddfodau* – festival ou competição de bardos cuja tradição remonta, pelo menos, até o séc.XII – criou a idéia de que os bardos galeses "eram os herdeiros dos antigos druidas, haviam herdado deles os rituais e os ritos, a religião e a mitologia"[20], e não apenas isso: que a antiga tradição druídica teria sido *preservada intacta* pelos bardos galeses, apesar da conquista romana, do cristianismo e da perseguição promovida pelo rei Eduardo I (1239-1307).

Iolo foi um dedicado ativista na propagação de suas próprias idéias. Criou uma série de *Gorseddau* (grupos de bardos) em todo o país, nos quais se desenvolveu sua ritualística, e a cerimônia do *Gorsedd*, baseada nessa ritualística, foi incorporada aos *Eisteddfodd* a partir de 1819. Em sua associação com o editor e literato Willian Owen, conhecido como *Pughe*, publicou uma imensa quantidade de poemas de antigos autores galeses, nas quais sempre

[20] Prys Morgan. *Da morte a uma perspectiva: a busca do passado galês no período romântico* in Hobsbawn e Ranger. Op. cit., p.71.

introduzia algumas falsificações de sua própria lavra, reforçando suas fantasias bárdicas. Entre as suas criações, algumas das quais publicadas após sua morte, em 1826, por seu filho Taliesin ab Iolo e por um de seus discípulos, John Willians, figura a "Prece dos Druidas" ou *Gorsedd Prayer*, ainda hoje uma das partes principais nos rituais de grupos de neo-druidas:

> *Conceda-nos, oh Deus e Deusa, Vossa proteção;*
> *E na proteção, força;*
> *E na força, entendimento;*
> *E no entendimento, conhecimento;*
> *E no conhecimento, o conhecimento da justiça;*
> *E no conhecimento da justiça, o amor por ela;*
> *E naquele amor, o amor por todas as existências;*
> *E no amor por todas as existências, o amor de Deus e da Deusa*[21].

Segundo Prys Morgan, Iolo Morganwg foi

> *um louco sonhador, viciado crônico em láudano, uma droga que causava alucinações; mas era impulsionado pelos mitos históricos, usando-os, por sua vez, para criar novas tradições que tiveram efeitos profundos e abragentes*[22]*.*

Vale lembrar, no entanto, que tais episódios de invenção de tradições, por mais que evocassem o antigo folclore, mitologia e religião celta, não tinham intenções religiosas, mas eram antes uma resposta à dominação inglesa sobre países como Gales e Escócia, e o conseqüente embaçamento de suas tradições. É o professor de arqueologia

---

[21] "Grant, O God and Goddess, Thy protection; And in protection, strength; And in strength, understanding; And in understanding, knowledge; And in knowledge, the knowledge of justice; And in the knowledge of justice, the love of it; And in that love, the love of all existences; And in the love of all existences, the love of God and the Goddess". Rev. John Williams (ed.). *Barddas; or, a Collection of Original Documents, Illustrative of the Theology, Wisdom, and Usages of the Bardo-Druidic System of the Isle of Britain*. London: Longman & Co.,1862, p.360.

[22] Morgan. Op. cit., p.72.

européia de Oxford, Barry Cunliffe, quem nos lembra, num espectro mais amplo, que

> *Sob o Celtismo romântico do séc.XVIII jazia uma corrente oculta de nacionalismo que se intensificou e tornou-se mais explícita no séc.XIX. As fontes clássicas forneceram uma galáxia de heróis nacionais - Boudica na Inglaterra, Vercingetorix na França, Ambiorix na Bélgica, Viriathus na Península Ibérica - todos eles podendo ser usados como símbolos de identidade nacional e liberdade, quando necessário. A estátua de Vercingetorix erigida em Alesia em 1865, a de Boudica colocada no Dique de Thames, em Londres em 1902 e Ambiorix em pose heróica em Tangres, na Bélgica, estiveram lá para prover um necessário sentimento de nacionalidade no século tumultuoso entre o fim das guerras napoleônicas e a deflagração da Primeira Guerra Mundial*[23].

Mas não apenas os celtas foram alvo de transformações, reinvenções e admiração na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX. Igualmente o foram os vikings, que desde as crônicas medievais até pelo menos o século anterior tinham sido descritos como um povo cruel, sanguinário, violento e opressor. Nas mãos de estudiosos ingleses, os vikings passaram por uma lenta mas constante reformulação de sua imagem, que atingiu o ápice na era vitoriana, quando chegou-se a afirmar que a própria Rainha Vitória e toda a linhagem de Hanover possuía sangue viking em suas veias.

Segundo Andrew Wawn, professor de estudos anglo-

---

[23] "Beneath the romantic Celtism of the eighteent century lay an undercurrent of nationalism which intensified and became more explicit in the nineteenth century. The classical sources provided a galaxy of national heroes- Boudica in Britain, Vercingetorix in France, Abiorix in Belgium, Viriathus in Iberia - all of whom could be used as symbols of national identity and freedom when required. The statue of Vercingetorix rected at Alesia in 1865, that of Boudica set up on the Thames Embankment in London in 1902, and Ambiorix depicted in heroic guise at Tongres in Belgium were to provide much-needed inspiration of nationhood in the tumultuous century between the end of Napoleonic War and the outbreak of the First World War". Barry Cunliffe. *The Ancient Celts*. New York: Oxford University Press, 1997, p.13.

islandeses na Universidade de Leeds, tal interesse se deu principalmente a partir da tradução para o inglês e publicação, em 1834, da *Saga de Frithof*, poema épico do bispo sueco Esaias Tegnér publicado alguns anos antes e que, em pouco tempo, alcançou grande sucesso em toda a Europa. A tradução, feita pelo Rev. William Strong, capelão da então princesa Vitória, foi dedicada a ela. O poema, baseado numa saga islandesa do séc.XIV, atribui uma série de virtudes heróicas ao bravo cavaleiro viking Frithof, tornando atrativa e exemplar uma cultura medieval até então grandemente negligenciada. De acordo com o professor Wawn,

> *Bruxas das profundezas conjuram uma tempestade para destruir o navio mágico do herói, e durante a tempestade Frithof revela muitas das qualidades que os vitorianos admiravam e projetavam em seus vikings: ele é destemido, corajoso, lacônico, poético e uma fonte de inspiração para a sua apavorada tripulação. Além disso, retornando em segurança para a terra firme, o 'robusto' Frithof revela outras virtudes: no seu casamento com a (então) viúva* [princesa] *Ingeborg, ao derrotar os príncipes reais, em sua eleição para a liderança, em sua disposição de aceitar a nova religião cristã, nós encontramos um paradigma dos valores vitorianos. Frithof, o viking, torna-se a face aceitável da monarquia constitucional, responsabilidade democrática, Darwinismo social, ascensão social e valores espirituais familiares*[24]*.*

---

[24] "Witches of the deep conjure up a tempest to destroy the hero's magic ship, and during the storm Frithiof reveals many of the qualities that the Victorians admired in, and projected onto, their Vikings: he is bold, brave, laconic, poetic, and a source of inspiration to his terrified crew. Moreover, safely back on dry land, 'stalwart' Frithiof reveals other virtues: in his marriage to the (by now) widowed Ingeborg, in his defeat of the royal princes, in his election to leadership, and in his willingness to accept the new Christian religion, we find a paradigm of Victorian values. Frithiof the Viking becomes the acceptable face of constitutional monarchy, democratic accountability, social Darwinism, upward social mobility, and family values spirituality". Andrew Wanw. *The Viking Revival*. 2001: BBC History, artigo disponível em <http://www.bbc.co.uk/history/ancient/vikings/revival_01.shtml>, acessado em 12/12/2007, p.3.

Portanto, a releitura de costumes e a romantização de povos ligados, ainda que indiretamente, à antiguidade britânica, serviu não apenas para a contestação de situações de opressão de determinados grupos e para a afirmação de sua identidade, mas também como forma de disseminação dos valores sociais vigentes. De qualquer maneira, os exemplos citados ilustram a existência de uma predisposição, ao menos entre as classes intelectualizadas, de supervalorizar um passado mítico, reinventá-lo e buscar uma continuidade com ele, no período que ora enfocamos.

1.2. Sociedades secretas, ritos de iniciação e rituais

Segundo Ronald Hutton, uma das características marcantes da Europa dos sécs. XVIII e XIX foi o crescimento e a propagação de sociedades secretas, nas quais os membros eram iniciados através de um juramento de manter confidenciais os seus protocolos, e que continham um forte elemento cerimonial[25]. Essas sociedades foram criadas nos moldes da maçonaria e tinham (e algumas ainda têm) a característica comum de alegarem origens antiqüíssimas e serem portadoras e transmissoras de uma sabedoria secreta imemorial.

Estudos recentes[26] apontam a origem da maçonaria na Escócia do final do séc.XVI e a desvinculam de qualquer ligação direta com as associações de artesãos medievais, bem como apontam o desenvolvimento de seus ritos e regulamentos como contribuição inglesa, especialmente ao longo do século seguinte. No entanto, conforme esse

---

[25] Hutton. Op. cit., p.52.

[26] Como, por exemplo, STEVENSON, David. *The Origins of Freemansonry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988 e JACOB, Margaret C. *Living the Enlightenment: Freemansonry and Politics in Eighteenth Century Europe*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

desenvolvimento se dava, cada vez mais os próprios maçons recuavam no tempo a origem de sua sociedade, conforme se sucediam as mais recentes descobertas da arqueologia. Dessa forma, das guildas medievais, a maçonaria recuou sua própria origem para os tempos bíblicos do Rei Salomão e, subsequentemente, ao longo séc.XIX, para a civilização egípcia, para os cultos de mistérios do Oriente Próximo e, finalmente, já em inícios do séc.XX, para os ritos tribais pré-históricos.

A parte esses progressivos recuos no tempo de suas origens, determinados símbolos e ritos da Maçonaria permaneceram relativamente constantes ao longo do período que enfocamos, e têm especial interesse para o nosso assunto: entre os seus membros, a maçonaria era comumente chamada de *The Craft* (a arte). Desde o início, um dos seus principais símbolos foi o pentagrama, ou estrela de cinco pontas. A fórmula cerimonial adotada para encerramento das reuniões, provavelmente retirada de tradições populares, era aproximadamente "happy have we meet, happy may we part and happy meet again!" (felizes nos encontramos, felizes partiremos e felizes nos encontraremos novamente). Nas cerimônias de iniciação, o postulante era desnudado, amarrado, vendado, apresentado aos quatro quadrantes, ajoelhava-se diante de um altar onde estavam colocadas as "ferramentas do ofício" e, sob a ameaça de uma espada apontada para sua garganta ou peito, pronunciava seus juramentos. Como veremos no próximo capítulo, todos esses elementos, com pequenas variações, foram incorporados à bruxaria moderna.

Porém, na maçonaria e demais sociedades secretas que a sucederam imediatamente, não havia uma ligação declarada ou implícita com a magia. Tal ligação vai surgir em sociedades que se formaram a partir da segunda metade do séc.XIX,

influenciadas principalmente pela obra do ocultista francês Eliphas Levi.

Levi, nascido Alphonse Louis Constant em 1810, chegou a freqüentar um seminário na sua juventude, mas abandonou a futura carreira religiosa após ordenar-se diácono. Dedicou-se por algum tempo à política, abandonando-a após duas ligeiras sentenças de prisão no decurso da revolução de 1848, devidas a escritos seus. A partir de 1850, começou a publicar obras sobre magia, usando a experiência ritual adquirida nos anos de seminário e como participante da *Ordo Templi Orientis* (O.T.O.), sociedade secreta derivada da maçonaria[27].

Sua obra principal, até hoje republicada, data de 1855: *Dogma e ritual de alta magia*, na qual ele sintetiza suas vastas leituras de textos mágicos e alquímicos medievais, bem como de filósofos setecentistas, para criar não apenas um arcabouço teórico, mas igualmente um conjunto de práticas para aqueles que quisessem se dedicar à magia, sob o título de "ocultismo". No livro, organizado em duas partes com 22 capítulos cada, seguindo a ordem dos 22 arcanos maiores do tarô, Levi expandiu a simbologia do pentagrama, associando-o ao microcosmo e, ao mesmo tempo, apresentando-o como símbolo divino, quando com duas pontas da estrela viradas para baixo, e como símbolo demoníaco, quando invertido[28]. Introduziu ainda a associação direta dos quatro pontos cardeais com os quatro elementos que compõem o universo (conforme a doutrina aristotélica)[29] e a prática de traçar-se um pentagrama no ar na direção de cada

[27] Segundo Carlos R. F. Nogueira. *O nascimento da bruxaria*. São Paulo: Ed. Imaginário, 1995, p.190. No entanto, o prof. Nogueira afirma, na mesma página, que Levi teria se associado à Rosa-Cruz inglesa, do que não obtive confirmação.
[28] Eliphas Levi. *Dogma e ritual de alta magia*. São Paulo: Madras, 1997, caps. 5 do *Dogma* e do *Ritual*.
[29] Idem, cap.4 do *Dogma*.

um dos quatro elementos, para evocar ou banir do *círculo mágico* os espíritos elementais. É ao longo dessa obra, ainda, que Levi apresentou as diversas ferramentas do mago (espada, cálice, bastão, etc.), e a forma de consagrá-las e utilizá-las.

A presença dos elementos citados na bruxaria moderna será discutida oportunamente, mas sem dúvida ela se deu devido à larga popularidade e penetração na Inglaterra da obra de Levi, especialmente entre os membros das sociedades secretas.

Já em 1867, surgiu a *Rosacrucian Society in England*, fundada também sob a matriz da maçonaria, já que todos os seus membros iniciais eram maçons de alto grau. A Sociedade foi formada como uma espécie de "elite maçônica", dedicada ao estudo dos "segredos do universo", mas adotando o mesmo ecletismo de fontes – incluindo a cabala, o tarô, a alquimia e outras – postuladas por Levi, embora afastando-se da efetiva prática de algum tipo de magia[30]. Do seio desta sociedade surgiu, em 1888, a *Hermetic Order of the Golden Dawn*, fundada por Samuel L. Mathers, antigo rosacruciano, dedicada antes à prática mágica do que à teoria, e bastante influenciada pela Sociedade Teosófica de Mme. Blavatsky. Tanto a original quanto sua dissidência, no entanto, como de costume reivindicavam sua ascendência dos rosacrucianos "originais", uma suposta ordem medieval que teria guardado a sabedoria secreta desde tempos imemoriais.

Não demorou muito, entretanto, para que a *Golden Dawn* fosse tomada por uma série de tensões inerentes à sua própria permissividade. Criada sobre o ecletismo mágico de Levi e absorvendo as influências sincréticas da teosofia, que remetiam a um Oriente imaginário tão colorido quanto o Ocidente imaginário do primeiro, seu *corpus* ritual não

[30] Hutton. Op. cit., pp.72-74.

conseguia dar conta da infinidade de crenças pessoais e do caleidoscópio de divindades nele inserida por seus participantes. Embora os rituais da sociedade não se dedicassem, especificamente, a nenhum tipo de culto, entre os seus membros influentes (entre os quais o poeta Yeats e o escritor Bram Stoker) contavam-se cristãos fervorosos, como Arthur Waite, e ardentes defensores de um paganismo feroz, como Aleister Crowley. Na primeira década do séc.XX, essas tensões já haviam causado o desmembramento da Ordem em pelo menos quatro outras sociedades.

Destas, a que tem maior relevância para o nosso estudo é a *Astrum Argenteum* (A.˙.A.˙.), fundada por Crowley em 1907, por introduzir este exótico personagem que terá ligação com a posterior formação da bruxaria moderna. A desavença entre Crowley e Mathers, desde o início, teve proporções públicas e épicas, o que dá uma boa medida da personalidade de ambos. Denunciado pelo primeiro como impostor, Mathers teria revidado mandando um vampiro atacar Crowley e este, em contrapartida, teria enviado nada menos que Belzebu e 49 demônios contra seu oponente[31]!

Ainda em 1904, quando estava no Cairo, Crowley formulara a essência de sua filosofia mística, que denominou *Thelema*[32], alegadamente sob a influência de uma entidade sobrenatural denominada *Aiwass*. A expressão máxima dessa filosofia foi publicada simultaneamente à criação da A.˙.A.˙. e constitui *Os Livros Sagrados da Thelema*, série de escritos permeados de alusões a divindades egípcias, simbolismo hebreu, algaravia como "mu pa telai, tu wa melai ã, ã, ã, tu fu tulu"[33], e alegorias numéricas

[31] Jeffrey B. Russell. *A história da feitiçaria*. Rio de Janeiro: Campus, 1993, p.119.
[32] Transliteração inglesa do grego antigo θέλημα, significando "vontade".
[33] Aleister Crowley. Os *livros sagrados da Thelema*. São Paulo: Madras,

ininteligíveis. Nada disso, no entanto, era estranho à *Golden Dawn*. O que Crowley introduziu de novo foi um forte apelo ao erotismo e, especialmente, à violência, como no trecho que se segue:

> *Tu tens amor; arranca tua mãe do teu coração e cospe na face do teu pai. Que teu pé pisoteie a barriga de tua mulher, e que o bebê no seio dela seja a presa de cachorros e abutres. Pois se não fizeres isso com a tua vontade, então Nós o faremos, a despeito da tua vontade. Assim, que tu consigas o Sacramento do Graal na Capela das Abominações*[34]*.*

Foi no mesmo livro, no entanto, que Crowley formulou as duas assertivas que se tornariam chavões não apenas dentro de sua própria ordem, mas nos meios ocultistas de uma forma geral: "amor é a lei, amor sob vontade"[35] e "não há lei além de Faze o que tu queres"[36].

Nos anos que se seguiram, Crowley foi admitido na O.T.O. e, em seguida, autorizado a criar a sucursal britânica desta ordem, passando a integrar a *Thelema* em seu sistema. Posteriormente, envolveu-se numa série de escândalos, ligados ao massivo consumo de drogas e prática de orgias sexuais em seus rituais, que acabaram gerando sua expulsão da Inglaterra (supostamente devido a sua colaboração com os alemães durante a Primeira Guerra). Refugiou-se na Itália, de onde igualmente veio a ser expulso, em 1924, depois que o ator Raul Loveday morreu em circunstâncias misteriosas durante um de seus rituais.

Aleister Crowley morreu na miséria e no obscurantismo em Londres, em 1947. Junto com ele, morreu um capítulo romântico da história do ocultismo. Embora a A.˙.A.˙. e a

---

1998, p.109.
[34] Idem, p.121.
[35] Idem, p.129.
[36] Idem, p.142.

O.T.O. sobrevivam até hoje, e existam novas versões tanto da Golden Dawn quanto do Rosacrucianismo, a Segunda Guerra Mundial desarticulou as sociedades secretas e modificou seus rumos e princípios.

Vale acrescentar, no entanto, que apesar do envolvimento com o ocultismo e com a magia, e do caráter cerimonial e ritual de suas reuniões, essas sociedades secretas às quais aludimos nunca tiveram, nos respectivos pré-guerras, um caráter explicitamente religioso, em especial de religiosidade *pagã*. Mesmo levando-se em conta as coloridas alusões a divindades e ritos egípcios, greco-romanos e outros, as alusões à mitologia cristã e/ou judaica foram sempre mais numerosas, e poucos dos seus membros mais influentes renegaram abertamente o cristianismo.

Além disso, o propósito de seus rituais, apesar da invocação de anjos, demônios e entidades diversas, não era o culto a essas entidades ou a vontade que elas atendessem os desejos de seus participantes, mas sim a aquisição de poder *pelo próprio praticante*. A doutrina elaborada por Levi, Mathers e outros, sempre esteve focada no princípio, bastante característico do *fin-de-siècle*, da plenipotencialidade do homem, ainda que para isso ele precisasse unir-se aos poderes cósmicos ou naturais, com o objetivo de liberar esse potencial. O foco das cerimônias e rituais das ordens e sociedades secretas, portanto, ao contrário das religiões, não era a divindade evocada, mas aquele que a evocava.

1.3. Odes ao paganismo

Como vimos, as sociedades secretas e ordens místicas que proliferaram na Inglaterra do séc.XIX, embora nem

sempre tenham sido inicialmente criadas por pessoas pertencentes à elite intelectual britânica, atraíam para suas fileiras uma grande quantidade de membros dessa elite. Na verdade, estes formavam o núcleo em torno do qual os demais participantes, menos gabaritados, orbitavam.

Nesse círculo intelectualizado, proliferavam nomes ligados à literatura, como os amplamente conhecidos e já citados W. B. Yeats e Bram Stoker. Na verdade, não seria incorreto dizer que quase todos os membros proeminentes das sociedades secretas aventuraram-se nas letras, em prosa ficcional ou poesia, mesmo não adquirindo o reconhecimento e a fama de um Yeats. É possível entrever, no entanto, certos motivos para isso.

Pertence à literatura a primazia de buscar resgatar um passado histórico, ou um passado mítico, embora adaptando-o aos gostos e padrões contemporâneos e embelezando-o para preservar o sentimento estético. Já nos referimos à obra do bispo Esaias Tegnér, que reconfigurou a figura do viking na Inglaterra vitoriana, e não poderíamos deixar de citar Alfred Tennyson, que conferiu às lendas do Ciclo Arturiano sua versão definitiva (*Idylls of the King*, 1859). Muito antes destes, em pleno séc.XVI, Edmund Spenser já criara uma alegoria das virtudes recorrendo aos Cavaleiros do Rei Arthur e suas aventuras no mítico "Reino das Fadas", em *The Fairie Queene* (1590).

Na Inglaterra do período romântico, esse retorno ao passado era expresso, no meio artístico-intelectual, sobretudo por uma supervalorização da Grécia clássica. Charles Kingsley (1819-1875), novelista britânico, ele mesmo autor de uma série de romances históricos com essa temática, disse que alguém dificilmente encontraria um livro bem escrito que não contivesse nomes, e palavras, e provérbios gregos; não caminharia por uma grande cidade sem

passar por edifícios gregos; não entraria num aposento bem mobiliado sem ver estátuas e ornamentos gregos[37].

Essa paixão pelas coisas gregas permeou uma parcela significativa da produção literária inglesa durante todo o séc.XIX. Já no início do século, ela se fez presente na obra (e na vida) de Lord Byron, e especialmente em Percy Shelley e John Keats, autores de inúmeros poemas baseados na mitologia grega. Ao final, ela ainda se encontrava vigorosa, como mostram as inúmeras referências, explícitas ou não, nas páginas de *O Retrato de Dorian Gray*, publicado por Oscar Wilde em 1891.

A tendência, no entanto, não significava uma deliberada opção religiosa pelo paganismo por parte da elite culta inglesa, mas antes era uma forma de exprimir sua desilusão com os valores tradicionais da sociedade. Progressivamente, conforme o século avançava e a Inglaterra mergulhava na era vitoriana, tornou-se uma forma de se contrapor ao conservadorismo, usando metáforas gregas para defender idéias de culto à beleza, hedonismo e liberdade sexual. Uma breve passagem de *Dorian Gray*, na qual o personagem Lord Henry se dirige ao personagem título, ilustra perfeitamente tal espírito:

> *Oh! Dê valor à sua mocidade, enquanto a tem. Não malbarate o ouro dos seus dias, escutando os maçadores, tentando remediar o irremediável, desperdiçando a sua vida com o ignorante, o comum e o vulgar. São as finalidades nocivas, os falsos ideais da nossa idade. Viva! Viva a vida maravilhosa que tem em si! Não desperdice sequer as migalhas. Procure sempre sensações novas. Não tema nada... Um novo hedonismo: eis o que quer o nosso século*[38].

---

[37] Richard Jenkins. *The Victorians and Ancient Greece*. Oxford: Blackwell, 1980.

[38] Oscar Wilde. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p.32.

Rebeldia, bem-viver, busca do prazer em meio à sisudez vitoriana, culto ao ócio e ao ar livre em contraste com o cinzento e o trabalho incessante nas *dark satanic mills*[39]. Nenhum personagem da mitologia grega poderia expressar melhor esse sentimento do que o alegre e lúbrico Pã, o deus árcade da natureza e da sexualidade, que enlouquecia homens e deuses com o som de sua flauta. Uma série de *Hinos a Pã*, escritos ao longo do séc.XIX e início do séc.XX por autores britânicos, que vão de Percy Shelley a Aleister Crowley, atestam a importância deste personagem nas alegorias dos autores contemporâneos.

Evidentemente, tal ataque aos valores tradicionais não poderia deixar de suscitar alguma reação. É Frederick Turner quem nos fala da aversão cristã ao mundo natural e aos instintos, herança, segundo ele, da tradição judaica da expulsão do paraíso e da advertência divina para não ceder às tentações, durante a peregrinação no deserto, que poderiam desviar o *povo escolhido* da aliança com seu Deus.

> *Amaldiçoado, o homem foi lançado num mundo de terras selvagens e rompeu para sempre com a natureza, que se tornou um adversário maldito, eternamente hostil aos esforços humanos para sobreviver. Seu destino agora inclui também ser inimigo dos animais, de modo que sua vida nesse mundo vira uma luta implacável contra a natureza, dentro da qual ele trabalha duramente para cumprir a ordem divina de dominar a terra cheia de espinhos e ervas e conquistá-la*[40].

Nada mais contrário ao zelo cristão em uma Inglaterra predominantemente puritana, portanto, que uma divindade que figurava justamente o ambiente natural e os prazeres, que

---

[39] Frase de um poema de William Blake de 1804, musicado por Hubert Parry em 1916, que tornou-se corrente em língua inglesa como referência à destruição da natureza provocada pela Revolução Industrial.

[40] Frederick Turner. *O espírito ocidental contra a natureza*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

retratava a natureza primitiva e essencial do ser humano ao ser representado como meio-homem, meio-animal, estivesse erguida novamente a uma posição de relevo. É por isso mesmo que data do séc.XIX[41] a disseminação da imagem do Diabo como um ser meio-humano, com pés e chifres de bode, à semelhança do personagem da mitologia grega. Retratado durante toda a Idade Média e início da Renascença como um homem escuro, um monstro informe com chifres nos joelhos e rosto nas nádegas, um anão grotesco ou diversos animais, em especial a serpente[42], é a reação cristã à proeminência cada vez maior de Pã na literatura que cunha a imagem do Diabo que adentraria os tempos atuais. Veremos, mais adiante, a relevância deste pormenor para o nosso assunto.

Além da ascensão de Pã como divindade favorita entre os literatos ingleses, a exaltação do natural e do irracional promovida pelo Romantismo trouxe uma outra conseqüência: como tais qualidades, além de serem convencionalmente menosprezadas, eram normalmente caracterizadas como femininas, buscou-se encontrar uma contraparte para Pã, uma deusa que representasse de forma conveniente aquilo que agora se apresentava como virtude.

Essa deusa, no entanto, precisou ser “construída” ao longo de praticamente 150 anos. A única referência pagã conhecida a uma divindade agrupadora, que unisse em si as qualidades de todas as demais deusas e que fosse diretamente identificada com a natureza e com a Lua aparecia, e de forma muito pessoal, nas *Metamorfoses* de Apuleio, texto que data do séc.II d.C.. Sendo o autor, segundo consta, ele mesmo iniciado em diversos cultos de mistérios, não é surpreendente que, nessa obra, ele

---

[41] Hutton. Op. cit., p.46.
[42] Ver, a respeito, Jeffrey B. Russell. *Lúcifer: o Diabo na Idade Média*. São Paulo: Madras, 2003, cap.8-9.

colocasse uma visão pessoal de sua deusa favorita e não uma que fosse amplamente difundida:

> *Sou a mãe natural de todas as coisas, senhora e governante de todos os elementos, progenitora primordial dos mundos, chefe dos poderes divinos, rainha de todos que estão nos infernos, a principal dentre os que habitam os céus, manifestação absoluta, sob uma forma única, de todos os deuses e deusas Minha vontade dispõe sobre os planetas do céu, sobre todos os ventos dos mares e sobre o lamentável silêncio do inferno. Minha pessoa e minha divindade são adoradas por todo o mundo, de maneiras diversas, em costumes variáveis e sob diferentes nomes*[43].

Na verdade, durante a Idade Média e nos primeiros séculos da Idade Moderna, as diversas deusas da mitologia grega ou do Oriente Próximo continuaram a ser lembradas, na arte, mais ou menos da mesma forma que na Antiguidade: como seres individuais e pelas suas propriedades, ou como representações de valores que, na sociedade cristã, poderiam ser levados em consideração. Dessa maneira, Vênus-Afrodite, como deusa do amor, assumia a primazia entre os poetas, seguida por Diana-Ártemis como símbolo da castidade feminina, Minerva-Atena como símbolo da sabedoria e Juno-Hera, associada à família, à maternidade e à altivez da realeza.

Por volta dos 1800, no entanto, pela pena dos poetas românticos, começa a ocorrer uma mudança nesse padrão. Perséfone, divindade ligada à mudança das estações do ano, e Deméter, associada à colheita, começam a ocupar lugar de destaque, ao mesmo tempo em que Vênus passa a ser associada às florestas e mares e Diana à Lua e aos animais selvagens. Na obra dos poetas românticos, passa a ser comum aparecer uma deusa genérica, associada ao luar e à natureza, muitas

---

[43] Robert Graves. *A Deusa Branca*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p.91.

vezes chamada simplesmente de “Mãe-Natureza” ou “Mãe-Terra”.

Em *Endymion*, Keats elege Cibele – deusa lunar – e a cerca de majestade, em um carro puxado por leões. Em *The Cloud*, Shelley personifica essa divindade natural, a um tempo criadora, nutridora e destruidora, na nuvem, embora não deixe de lembrar da “donzela carregada de fogo branco, a quem os mortais chamam de Lua”.

Essa idéia de uma deusa pagã, uma “Grande Mãe” associada à Lua e à natureza e apresentando diversas faces, recebe no decorrer do séc.XIX não apenas a contribuição da literatura para se firmar, mas também de antropólogos e arqueólogos. Deixaremos, no entanto, para comentar essa contribuição adiante, mas é certo que ela foi decisiva para a concepção da obra literária que consolidou a figura da “Grande Mãe”, já em meados do séc.XX: *A deusa branca*, de Robert Graves, publicada em 1946.

Nessa obra, usando

> *seu tremendo talento como poeta, seu excelente conhecimento dos clássicos Gregos e Romanos e uma familiaridade apenas um pouco menor com a literatura galesa e irlandesa*[44],

Graves estabelece a idéia de uma divindade feminina que teria sido adorada em toda a antiguidade ocidental, sob cujo signo poderia se encontrar um nexo comum à todas as diversas religiões que, a partir de então, se desenvolveram. Uma deusa tríplice, com cada uma de suas faces – a donzela, a mãe e a anciã – associada a uma das fases da Lua. Cuja religião da Grande Mãe, de raízes paleolíticas, teria sido derrotada, com o advento do patriarcalismo, pela religião contrária, a do Deus-Pai,

---

[44] Hutton. Op. cit., p.41.

usurpador do trono celeste supremo.

Graves proclama tais coisas com uma certa arrogância, dirigida especialmente aos críticos de suas obras e sugerindo que temas por ele abordados, anteriormente, encontravam agora comprovação. Mesmo assim é difícil dizer se ele, com *A deusa branca*, buscava reescrever e sintetizar uma nova história religiosa do Ocidente ou se, simplesmente, estendia-se nas metáforas histórico-religiosas para figurar aquilo que ele chamava de “linguagem da verdadeira poesia”:

> *Minha tese consiste em afirmar que a linguagem do mito poético difundido na Antiguidade, pelo Mediterrâneo e pelo norte da Europa, era uma linguagem mágica vinculada a cerimônias religiosas populares em honra à deusa-lua ou Musa, algumas das quais datavam da Idade da Pedra, a qual permanece como linguagem da verdadeira poesia.* [...] *A referida linguagem foi adulterada na tardia era minóica, quando invasores da Ásia Central começaram a substituir as instituições matrilineares pelas patrilineares e a remodelar ou a refutar os mitos a fim de justificar as modificações sociais.* [...] *a antiga linguagem sobreviveu com bastante pureza nos secretos cultos mistéricos de Elêusis, de Corinto, da Samotrácia e alhures. Quando estes foram proibidos pelos primeiros imperadores Cristãos, ela continuou sendo ensinada nas escolas poéticas da Irlanda e de Gales, bem como nos covens das bruxas da Europa Ocidental*[45].

Seja como for, embora de forma ligeiramente extemporânea, o que Graves sintetizava, já no prefácio, era uma série de teorias que haviam se tornado correntes (e declinado), ao longo dos últimos 100 anos, nos meios acadêmicos ingleses, como veremos a seguir.

---

[45] Graves. Op. cit., p.12 e 14.

1.4. O "rei-sagrado" e a religião da "Grande Mãe"

Foi também entre meados do séc.XIX e início do séc.XX que diversos acadêmicos europeus ocuparam-se do estudo da religiosidade dita "primitiva", e vieram a reconfigurar muito do que se pensava a respeito desse assunto. Algumas das obras produzidas nesse período mantiveram-se influentes no próprio meio acadêmico durante muito tempo, ao passo que outras foram quase que imediatamente contestadas, mas, de qualquer forma, as linhas gerais das teorias então divulgadas causaram forte impressão no público que a elas teve acesso, e não apenas sobrevivem como são correntes até hoje em diversos meios.

As idéias a que nos referimos começaram a tomar forma na Alemanha, por volta de 1850, quando o estudioso da antiguidade clássica Eduard Gehard sugeriu que "por trás das diversas deusas da Grécia histórica havia uma única grande deusa, representando a Mãe-Terra e venerada antes da história começar"[46]. No entanto, essa teoria só começa a ganhar corpo e receber a atenção do meio acadêmico quando é abraçada pelo eminente arqueólogo britânico, Sir Arthur Evans, ao escavar as ruínas de Cnossos, a partir de 1901. Segundo Evans, a Creta pré-histórica teria adorado uma única divindade feminina. As diversas figuras femininas encontradas no sítio arqueológico seriam representações de diferentes aspectos dessa deusa, bem como as figuras masculinas seriam representações de uma também única divindade masculina, a ela subordinado como filho e consorte. Posteriormente, Evans associou todas as diversas deusas do Oriente Próximo a essa sua suposta Deusa-Mãe.

---

[46] "Behind the various goddess of historic Greece stood a single great one, representing Mother-Earth and venerated before history began". Hutton. Op. cit., p.36.

Apesar da discordância de alguns colegas, a teoria de Evans, até mesmo devido ao peso do nome de seu formulador, rapidamente se tornou amplamente aceita, pelo menos no que dizia respeito à religiosidade da civilização minóica.

Imediatamente após Evans, outra respeitada estudiosa da Grécia, Jane Ellen Harrison, desenvolveu, a partir do seu *Prolegomena to the Study of Greek Religion*, de 1903, a idéia de uma deusa tríplice, ou de uma deusa única venerada em três aspectos, à qual, seguindo a idéia de Evans, todos os deuses teriam sido subordinados. Para Harrison, essa deusa-mãe seria a representação da Terra como fornecedora dos dons naturais, ao passo que o deus-filho seria a representação dos próprios frutos da Terra.

> *Até então os olhos dos homens dirigiam-se à terra como doadora de alimento. Na sua estrutura social, a característica relevante eram a Mãe e o Filho e, projetando suas próprias emoções na natureza ao seu redor, ele via na terra a Mãe como doadora de alimentos e nos frutos da terra seu Filho, seu* kouros, *sendo seu símbolo o ramo florido de uma árvore*[47].

Entretanto, a concepção definitiva da teoria de uma deusa única e de um deus único de múltiplas faces, a ela subordinado, como uma espécie de "religião primordial" com raízes no paleolítico, e de toda uma série de rituais daí derivados, surgiu num livro que não apenas pode ter influenciado os dois autores acima citados, como certamente encontrou eco na obra de diversos outros autores que mencionamos anteriormente e, em tempos mais recentes, na de folcloristas e antropólogos como Joseph Campbell, Marija

[47] "So far man's eyes are bent on earth as food-giver. In his social structure the important features are Mother and Son, and, projecting his own emotions into nature round him, he sees in the earth the Mother as food-giver, and in the fruits of the earth her Son, her Kouros, his symbol the blossoming branch of a tree". Jane E. Harrison. *Themis: A Study of the Social Origins of Greek Religion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1912, p.xvi.

Gimbutas e outros. Trata-se de *The Golden Bough*, de Sir James G. Frazer.

The Golden Bough foi publicado originalmente em 1890, em dois volumes. Sua segunda edição, de 1900, foi ampliada para três volumes e a terceira, publicada entre 1906 e 1915, possuía 12 volumes. Em 1922, foi publicada uma edição resumida, em volume único. A idéia central de Frazer era a de que as antigas religiões eram cultos de fertilidade, baseados no culto de uma deusa da natureza e seu consorte, um rei-sagrado. O matrimônio entre a deusa e o rei-sagrado e o posterior sacrifício e renascimento deste, segundo Frazer, seria um mito central em praticamente todas as religiões. Já no primeiro capítulo, ele afirma:

> *Devemos concluir que o culto de Diana em seu bosque sagrado em Nemi foi de grande importância e imemorial antiguidade; que ela era reverenciada como a deusa das florestas e das criaturas selvagens, provavelmente também dos rebanhos e dos frutos da terra* [...]*. Que Diana das Florestas, ela própria possuía um companheiro masculino* [...] [que] *foi representado em tempos históricos por uma linhagem de sacerdotes conhecidos como Reis da Floresta, que regularmente pereciam pela espada de seus sucessores*[48]*.*

Mais a frente, Frazer explica o rito do casamento sagrado partindo do princípio que

> *a deusa da fertilidade precisava ela mesma ser fértil, e isto requeria que Diana tivesse um parceiro masculino. O objetivo de sua união seria promover a*

[48] "We may conclude that the worship of Diana in her sacred grove at Nemi was of great importance and immemorial antiquity; that she was revered as the goddess of woodlands and of wild creatures, probably also of domestic cattle and of the fruits of the earth(…). That Diana of the Wood herself had a male companion (…) was represented in historical times by a line of priests known as Kings of the Wood, who regularly perished by the swords of their successors". Sir James G. Frazer. *The Golden Bough: a Study in Magic and Religion*. London: McMillan & Co., 1922, p.19.

fecundidade da terra, dos animais e da humanidade[49].

Adiante, alude à morte do rei-divino como uma metáfora da sucessão das estações do ano e do ciclo de plantio e colheita: o rei deve morrer ao demonstrar a perda de suas forças ou ao fim de um determinado período, justamente para garantir (ao "renascer" ou ser substituído) sua função de fecundador da natureza.

Dos diversos aspectos abordados por Frazer em sua obra, vale ressaltar, tendo em vista os nossos propósitos, sua descrição dos "festivais do fogo" da Europa, sobre os quais ele fala, no capítulo 62:

> *Por toda a Europa os camponeses acostumaram-se, desde tempos imemoriais, a acender fogueiras em determinados dias do ano, e a dançar à sua volta ou pulá-las. Costumes desse tipo podem ser traçados em evidências históricas desde a Idade Média, e sua analogia com costumes similares na antiguidade têm fortes evidências internas que provam que sua origem deve ser buscada em um período muito anterior à disseminação da Cristandade. Na verdade, a mais antiga prova da sua observância na Europa Setentrional é fornecida pelas tentativas feitas pelos sínodos cristãos de desqualificá-los como ritos pagãos*[50].

Frazer identificou seis momentos, no decorrer do ano, nos quais os "festivais do fogo" estariam enraizados desde tempos imemoriais na cultura popular européia. Quatro deles corresponderiam aos equinócios e solstícios, e dois outros

---

[49] "the goddess of fertility must herself be fertile, it behoved Diana to have a male partner. The aim of their union would be to promote the fruitfulness of the earth, of animals, and of mankind". Idem, p.102.

[50] "All over Europe the peasants have been accustomed from time immemorial to kindle bonfires on certain days of the year, and to dance round or leap over them. Customs of this kind can be traced back on historical evidence to the Middle Ages, and their analogy to similar customs observed in antiquity goes with strong internal evidence to prove that their origin must be sought in a period long prior to the spread of Christianity. Indeed the earliest proof of their observance in Northern Europe is furnished by the attempts made by Christian synods in the eighth century to put them down as heathenish rites". Idem, p.394.

seguiriam o calendário celta e marcariam os inícios das metades “claras” e “escuras” do ano. O propósito de tais festivais, segundo ele, seria

> *promover o crescimento das colheitas e o bem-estar dos homens e dos animais, tanto positivamente pela sua estimulação, quanto negativamente, por evitar os perigos e calamidades que os ameaçavam, causados por tempestades, incêndios, geada, orvalho, verminoses, esterilidade, doenças e não em menor grau, feitiçaria*[51].

No entanto, ao enumerar os festivais, Frazer parece contradizer-se, uma vez que ele aponta apenas três deles ligados diretamente ao ano sideral e, destes, associa apenas um diretamente à fertilidade das colheitas: os “Fogos da Páscoa”. Os outros dois, celebrados no Solstício de Verão e de Inverno, surgem antes como ritos associados ao ápice da trajetória solar (e, portanto, início do seu declínio no céu) e do seu ponto mais baixo (simbolizando a consequente vitória da escuridão pela luz).

Frazer acrescenta a estes os festivais presumivelmente celtas de Beltane (primeiro de maio) e de Halloween (31 de outubro), os quais poderiam ser associados, com motivos, aos “reais” inícios do verão e do inverno[52]. Esses festivais, segundo ele, estariam ligados à fertilidade dos homens e animais durante a estação quente, e à sua sobrevivência nos tempos de inverno, visando, sobretudo, evitar os malefícios causados por bruxaria. Tanto a véspera do primeiro de maio (*Walpurgis Night*) quanto o Halloween,

---

[51] “to promote the growth of the crops and the welfare of man and beast, either positively by stimulating them, or negatively by averting the dangers and calamities which threaten them from such causes as thunder and lightning, conflagration, blight, mildew, vermin, sterility, disease, and not least of all witchcraft”. Idem, p.414.

[52] E não ao seu auge, ou “meio”, como sugerem os termos *midsummer* e *midwinter* associados aos solstícios.

nesse sentido, seriam conhecidos como dias em que a ação das bruxas era particularmente intensa. Além disso, Frazer descreve ainda os "Fogos da Quaresma", entre o solstício de inverno e o equinócio de primavera, sugerindo que estes seriam destinados a garantir a fertilidade da terra para o plantio vindouro.

Como em outros pontos de sua obra, Frazer ilustra os costumes relacionados aos festivais do fogo europeus com exemplos de diversas partes da Europa, do oriente próximo e da África, com isso defendendo sua tese de uma "religiosidade pagã" difundida por toda a antiguidade e que teria influenciado a formação das crenças atuais.

Uma boa parte das teorias e conclusões de Sir James Frazer em *The Golden Bough* são altamente controversas desde a sua publicação. O prof. Hutton afirma, inclusive, que um dos propósitos do autor com a obra era desacreditar o cristianismo, ao mostrar sua mitologia como um mero desenvolvimento de antigas idéias religiosas pagãs[53]. Sendo Frazer essencialmente um "antropólogo de gabinete", posteriores trabalhos de campo demonstraram que muitas das suas conclusões, especialmente aquelas que se referiam a uma "origem comum" das crenças, eram infundadas.

Para os nossos propósitos, no entanto, o que interessa é a enorme popularidade que seu trabalho alcançou, ao seu tempo, e a grande influência que exerceu não apenas no meio acadêmico, mas ainda na imaginação de diversos autores de ficção (entre os quais o já discutido Robert Graves) e, especialmente, na há pouco fundada *Folk-Lore Society* britânica.

Pelo que vimos até agora, portanto, creio ter estabelecido, ao menos em linhas gerais, a existência em princípios do séc.XX de uma forte tendência, tanto nos

---

[53] Hutton. Op. cit., p.141.

meios acadêmicos quanto nos meios literários e, em conseqüência, no imaginário popular. Essa tendência dizia respeito a uma forma de enxergar a religiosidade dos povos que constituíram uma "Europa ancestral" de maneira mais ou menos homogênea, como cultos de fertilidade marcados por celebrações sazonais, onde a idéia de morte e renascimento, seguindo os ciclos naturais, era predominante.

Essa visão, no entanto, embora povoada por ritos próprios e mitologias paralelas, não se desvinculara de um "aparato cristão" característico do etnocentrismo. Ao contrário, ela tendia a interpretar todas as religiões a partir de um esquema único, cuja estrutura era aquela encontrada no cristianismo. Teorias como a de Frazer, de forma proposital ou não, impunham como religião primitiva européia uma espécie de "cristianismo invertido": ao invés de um "deus do céu" todo-poderoso, que através de uma Grande Mãe oferecera seu filho em holocausto para o bem da humanidade, surgia uma "deusa da terra" igualmente única e suprema, que oferecia periodicamente seu filho-consorte para que as benesses naturais fossem alcançadas.

Resta ainda indicar, portanto, de que forma essa imagem de uma "antiga religião" foi associada à bruxaria, o que farei a seguir.

1.5. Reinventando as bruxas

Embora outros autores, entre eles Michelet (1798-1874), tenham aventado a idéia de que várias das pessoas acusadas de bruxaria seriam, de alguma forma, praticantes de antigas religiões pagãs – ou de uma "antiga religião" européia – duas pessoas tiveram maior destaque no desenvolvimento e na divulgação dessa idéia, especialmente pela influência que suas obras causaram na posterior

ascensão da “bruxaria moderna”: Charles G. Leland e Margaret A. Murray.

Charles Leland, embora residisse na Inglaterra, era de origem norte-americana. Renomado escritor e folclorista, publicou em 1899 um pequeno livro intitulado *Aradia, o evangelho das bruxas*, cuja história é, no mínimo, curiosa. Segundo o próprio Leland, desde 1886 ele ficara sabendo da existência de “um manuscrito que estabelecia as doutrinas da bruxaria italiana”[54]. Para ele, leitor ávido de Michelet, a bruxaria italiana, ou *stregheria*, apresentava-se como a reminiscência de uma antiga religião, sufocada pela Igreja Católica durante a Idade Média, mas mantida em segredo e transmitida especialmente pela tradição oral, no seio de famílias que preservavam seus ritos e sua doutrina. Nessa época, ele teria uma informante, Maddalena Zinaldi, ela própria uma *stregha*, ou bruxa:

> *Travei íntimo contato com uma dessas mulheres em 1886, e desde então encarreguei-a especialmente de coletar, entre suas irmãs do encantamento oculto, todas as antigas tradições de diversos lugares. É verdade que me vali de outras fontes, mas essa mulher, por sua vasta prática, aprendeu perfeitamente o que poucos compreendem, ou* exatamente o que eu desejo, *e como extrair esse conhecimento de entre os seus semelhantes*[55].

Como se depreende do trecho acima, Maddalena revelou a Leland exatamente o que ele desejava ouvir, provavelmente mediante pagamentos módicos, como ele lhe prometera por livros e manuscritos antigos que ela lhe conseguisse. Assim, em 1887, Maddalena lhe entregou o manuscrito tão esperado, que constituiu o *Evangelho*. Nele, conta-se a

---

[54] Charles G. Leland. *Aradia, o evangelho das bruxas*. São Paulo: Outras Palavras, 2000, p.139.

[55] Idem, pp.24-25. Grifo meu.

história de Aradia, filha da grande deusa Diana com seu irmão Lúcifer, de como ela se tornou a primeira das bruxas e de como ela instruiu suas aprendizes:

> *Este é o Evangelho das Bruxas:*
> *Diana amava muito a seu irmão Lúcifer, o deus do Sol e da Lua, o Deus da Luz (Esplendor) que, de tão orgulhoso de sua beleza, foi expulso do Paraíso.*
> *Diana tivera uma filha de seu irmão, a quem deram o nome de Aradia (Herodius).*
> *Naquela época havia na terra muitos ricos e muitos pobres. Os ricos escravizavam os pobres. Havia, naqueles dias, muitos escravos, os quais eram cruelmente tratados; tortura em toda parte, prisioneiros em todo castelo.*
> [...]
> *Diana disse um dia a sua filha Aradia:*
> *É certo que és um espírito,*
> *Mas foste gerada para voltar a ser*
> *Um mortal; deves descer à terra*
> *E ser uma mestra de homens e mulheres*
> *Os quais, de bom grado*
> *Devem estudar bruxaria em tua escola.*
> [...]
> *E deves ser a primeira das bruxas conhecidas;*
> *E deves ser a primeira de todas no mundo;*
> *E deves ensinar a arte do envenenamento;*
> *Do envenenamento daqueles que são os maiores dentre os senhores;*
> *Sim, deves fazer com que morram em seus palácios;*
> *E deves sujeitar a alma do opressor (pela força)*[56]*;*

Semelhante enredo era certamente irresistível para Leland, como teria sido para Michelet, ambos radicais em política e progressistas: um culto imemorial da bruxaria, que pregava a revolta contra a opressão dos senhores e era abertamente anticlerical, além de pregar a liberação feminina. Leland, no entanto, nunca apresentou à comunidade científica nem provas da existência de Maddalena nem do próprio manuscrito por ela entregue. E, evidentemente, aquilo que ele descrevia não coadunava com qualquer

---

[56] Idem, pp.31-33.

conhecimento que se tinha ou que se tenha sobre bruxaria. Segundo o prof. Russell,

> *As doutrinas e práticas das bruxas, conforme a descrição de Leland, são uma mistura de feitiçaria, heresia medieval, conceitos inspirados na caça às bruxas e radicalismo político* [...]. Aradia *não é o que se esperaria de um culto sobrevivente de bruxaria; é, sim, o que poderia esperar de um* scholar *do final do séc.XIX tentando descobrir tal culto. Para se dizer melhor do livro,* Aradia *não é idôneo*[57].

Idôneo ou não, o fato é que *Aradia* mostrou ser de grande influência. Além de ser rico em conjurações e sortilégios, estabelecia não apenas a mitologia como a prática dessa religião da bruxaria, detalhando reuniões mensais com fogueiras ao ar livre (*sabbats*), nas quais os participantes deveriam apresentar-se nus e, ao fim, banquetear-se, dançar, cantar e, ao apagarem-se as luzes, "amar-se livremente"[58].

Poucos anos depois de Leland, em 1921, surgia o livro de Margaret Murray, *O culto das bruxas na Europa Ocidental*. Murray, com formação em lingüística e antropologia, dedicava-se principalmente à egiptologia. Tinha participado de várias escavações no Egito e na Palestina ao longo da década de 1890, com Sir William Flinders Petrie, o que lhe valeu seu posto de Professora Assistente de Egiptologia no University College de Londres. Murray foi também uma das primeiras ativistas dos direitos das mulheres.

Escrito em um período em que a autora estava impedida de fazer trabalho de campo no Egito, o *Culto das bruxas* foi fortemente influenciado pelas teorias de Frazer: nele, a bruxaria é tratada como um culto de fertilidade e a religião primitiva da Grã-Bretanha (e de toda a Europa

[57] Russell. Op. cit., pp.134-135.
[58] Leland. Op. cit., p.40.

Ocidental), datando do neolítico. Ela não seria uma religião centrada numa Grande-Mãe, ao contrário do postulado por Frazer, mas sim baseada no culto a um deus de chifres – Dianus – em cuja figura a Igreja teria baseado a imagem do diabo. Este seria representado entre os adeptos por um Rei-Divino, que se sacrificaria periodicamente. Com a perseguição movida pelo cristianismo, o culto teria se tornado secreto, sendo mantido na obscuridade por seus praticantes durante toda a Idade Média, até ser exposto e combatido pela Inquisição, durante a epidemia de caça às bruxas, entre os sécs. XV e XVII.

Para Murray, virtualmente *todas* as pessoas acusadas e condenadas por bruxaria teriam sido membros desse culto, inclusive Joana D'Arc, cuja condenação teria sido "o primeiro grande julgamento de força entre as religiões nova e antiga"[59]. O culto se organizaria em células de treze bruxas, os *covens*, e promoveria reuniões para "todos os membros da religião", os *sabbaths*, e outras "para um número especial e limitado que conduzia os ritos e as práticas do culto"[60], chamadas *esbats*.

Como *O culto das bruxas* pretendia ser um trabalho acadêmico, ele não demorou a atrair algumas críticas da comunidade acadêmica. O historiador da bruxaria C. L. Ewen referiu-se ao livro como "baboseira insípida" e vários outros apontaram as falhas e os exageros, tanto na argumentação quanto nos métodos de Murray. Na verdade, ela utilizou basicamente documentos produzidos pela Inquisição e confissões obtidas sob tortura, e mesmo assim numa quantidade limitada, para embasar suas alegações. Viu na coerência das diversas confissões a "prova" da existência

[59] Margaret A. Murray. O culto das bruxas na Europa Ocidental. São Paulo: Madras, 2003, p.248.
[60] Idem, p.87.

do culto, deixando de lado a evidência que aquilo que era redigido pelos inquisidores devia adequar-se aos manuais de demonologia, seguindo, portanto, um padrão ditado pela Igreja. Além disso, diversos documentos utilizados por Murray foram por ela truncados ou tiveram seu sentido alterado para se adequar à sua teoria.

No entanto, as críticas ao seu trabalho à época em que foi escrito foram muito esparsas e publicadas em periódicos especializados, o que não afetou a popularidade de sua teoria nos meios leigos. Murray, por sua vez, absteve-se de produzir outras obras acadêmicas sobre o assunto, concentrando-se na egiptologia até sua aposentadoria, em 1935. Seus outros livros que abordam o tema – *O deus das feiticeiras* (1931) e *The Divine King in England* (1954) – foram escritos em linguagem bem mais popular que *O Culto das Bruxas*, sendo declaradamente dirigidos ao público "leigo, bem como para o estudante de antropologia"[61]. Nessas obras, ela tornou-se cada vez mais veemente na defesa de sua tese, criando toda uma teoria conspiratória de pagãos contra a alta-nobreza inglesa e desenvolvendo a idéia de que as fadas dos contos eram na realidade os adeptos da sua "antiga religião"[62].

É evidente que não se pode descartar a sobrevivência de determinados elementos do paganismo, embora em grande parte esvaziados do seu significado original, nos costumes e festividades populares, ao longo da Idade Média e até mesmo nos tempos atuais. Isso, no entanto, é bastante distinto de uma *sobrevivência do paganismo*, ainda mais como uma religião organizada, levando em consideração que virtualmente toda a Europa estava convertida ao

---

[61] Margaret A. Murray. *O Deus das Feiticeiras*. São Paulo: Gaia, 2002, p.9.
[62] Idem, cap.II e VI.

cristianismo por volta do séc.XII[63].

Apesar disso, a obra de Margaret Murray foi essencial para dar uma suposta corroboração acadêmica ao que já havia sido proposto por Leland: que a "antiga religião" da Europa pagã, conforme defendida por Frazer e outros, teria sobrevivido de forma sub-reptícia através daquelas pessoas chamadas de bruxas e bruxos.

Na Inglaterra da primeira metade do séc.XX, portanto, promoveu-se uma reinvenção da figura da bruxa: se na virada do séc.XVII ela tinha deixado de ser a odiada causadora de malefícios, associada ao demônio, para ser vista simplesmente, no máximo, como uma curandeira charlatã, agora passava a ser retratada como a sábia sacerdotisa de um antigo culto pagão, guardiã de segredos que remontavam a um passado remoto, além de vítima da intolerância religiosa promovida pelo cristianismo.

No decorrer deste capítulo, fiz um resumo necessariamente breve de idéias e tendências que estiveram em voga nas Ilhas Britânicas, de fins do séc.XVIII até a primeira metade do séc.XX. Embora tenha sido inevitável historicizar algumas dessas idéias e tendências, não pretendi traçar uma história do neopaganismo britânico nos cerca de 150 anos que antecederam a Segunda Guerra, o que estaria muito além do objetivo deste trabalho. Pelo contrário, entre os inúmeros elementos e referências possíveis, pincei aqueles que, a meu ver, estão mais diretamente relacionados com esse objetivo e aos quais recorreremos mais a frente, descrevendo-os em linhas gerais. Evitei, igualmente, tecer maiores considerações sobre as condições que podem ter proporcionado o surgimento dos movimentos, organizações e teorias que citei, já que tais considerações não trariam, pelo menos nesse momento,

[63] Russell. Op. cit., p.30.

qualquer vantagem para o entendimento de sua influência nos eventos que constituem o foco de minha pesquisa.

As idéias e tendências a que me referi, portanto, diziam respeito a reinterpretações, revalorização e romantização do paganismo, mas, como vimos, não diziam respeito à prática efetiva de algum tipo de religião pagã, real, imaginada ou recriada, com raras e pontuais exceções. Seus propagadores permaneciam cristãos, ou eram ateus ou agnósticos, antes preocupados com a disseminação de ideais que lhes eram caros ou de teorias que lhes pareciam corretas do que em lançarem-se como fundadores de uma nova religião, ou continuadores de uma antiga.

Até mesmo pela sua ampla divulgação no meio literário, creio ser impossível supor que os vários exemplos de pensamento neopagão e de teses que o corroboravam a que me referi não tenham exercido nenhuma influência sobre a população em geral. No entanto, é preciso deixar claro que essas idéias não estavam disseminadas em toda sua profundidade, mas antes grassavam em segmentos determinados da sociedade, geralmente nos círculos freqüentados por pessoas de nível cultural e social elevado.

Tendo em mente essas últimas observações, passemos a examinar os novos rumos tomados pelo neopaganismo nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial.

CAPÍTULO 2

AS BRUXAS DO SÉCULO XX

A seqüência das duas guerras mundiais, intercaladas pela Grande Depressão, promoveu significativas mudanças sociais na Europa, que afetaram de forma decisiva várias das tendências às quais nos referimos no capítulo anterior. Uma boa parte das efervescentes sociedades secretas e ordens iniciáticas em torno das quais gravitavam os movimentos neopagãos e seus principais mentores foi dissolvida nesse período, sendo que algumas tornaram a organizar-se – e geralmente em outras bases – apenas a partir da década de 1970. Este foi o caso da Golden Dawn e de algumas derivações dos Rosacrucianos.

Na Alemanha nazista quase todas as ordens místicas foram deliberadamente banidas, apesar de tudo que foi escrito sobre associações entre os nazistas e o ocultismo. Segundo o historiador Nicholas Goodrick-Clarke[64], embora algumas figuras proeminentes do partido, como Himmler, possuíssem alguma atração pelo oculto, a imensa maioria das teorias envolvendo um "ocultismo nazista" nada mais são do que teorias conspiratórias, surgidas principalmente ao longo dos anos 1960, a partir do trabalho de escritores como Jacques Bergier e outros[65].

Aliás, é justamente a partir da publicação de *O*

---

[64] Nicholas Goodrick-Clarke. *The Occult Roots of Nazism: the Ariosophists of Austria and Germany, 1890-1935*. Dartford: Aquarian Press, 1985.

[65] Apesar disso, é inegável a utilização intensiva da temática pagã pela cúpula do Partido Nazista, bem como a associação de pelo menos alguns membros desta cúpula (incluindo o próprio Hitler) com o ocultismo e/ou o misticismo. Esta associação, contudo, não pode ser tomada como uma crença generalizada entre os membros do Partido.

despertar dos mágicos, de Bergier e Louis Pauwels, em outubro de 1959, que a França irá dar a sua contribuição às tendências místicas e esotéricas do pós-guerras. O grande sucesso dessa obra (estima-se mais de 2 milhões de exemplares vendidos apenas em francês), bem como da revista *Planète*, criada pela dupla, impulsionou o gênero literário que ficou conhecido como "realismo fantástico". Misto das crenças teosóficas nos "ancestrais superiores", ufologia, teorias conspiratórias diversas, fenômenos fortianos[66] e doses maciças de misticismo, o realismo fantástico, apesar de ter aguçado a imaginação de escritores e leitores de todo o mundo, teve entre os franceses seus precursores e alguns de seus maiores expoentes. Nomes como Robert Charroux, Guy Tarade, Louis Charpentier e outros, foram decisivos na criação de um mundo fantástico que reunia magia, alquimia e sociedades secretas, com o medo do holocausto nuclear e uma visão quase milenarista de seres extraterrestres, criadores ou guias da humanidade. De fato, foi esta versão do "oculto" de origem francesa que se tornou predominante entre o público leigo ao longo dos anos 1960 e 1970.

No entanto, enquanto na Europa Continental e nas Américas o interesse pelo oculto e pelo misticismo lentamente voltava a aflorar nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, conforme se reorganizavam as sociedades iniciáticas e a ficção científica enveredava pela ciência fantástica ou fantasiosa, outro processo, paralelo a este, já começara a tomar forma nas ilhas Britânicas: a criação da moderna bruxaria neopagã.

Falar em "criação" é sempre um termo discutível, se tratamos de um movimento que alega ser a revitalização de

---

[66] Relativo aos fenômenos insólitos colecionados pelo escritor norte-americano Charles H. Fort (1874-1932).

uma religião de origens antiqüíssimas e que, embora tornada secreta por séculos, *nunca teria deixado* de ser praticada. Tal argumentação, todavia, pode ser deixada de lado ao menos por enquanto, até mesmo para que não adiantemos conclusões indevidas. Dessa forma, como veremos mais adiante, mesmo que fosse possível admitir a preexistência de tal religião ancestral, o certo é que aquilo que estamos chamando de "moderna bruxaria neopagã" apenas surgiu nos anos do pós-guerras, e apenas ganhou notoriedade a partir da obra de uma pessoa: o inglês Gerald Brosseau Gardner.

2.1. Gerald Brosseau Gardner

Quando falamos na moderna bruxaria neopagã, ou *Wicca*, existem poucas unanimidades. Autores diversos expressam opiniões igualmente diversas sobre aspectos relacionados a crenças e ritos, embora, obviamente, exista um cerne comum que dá uniformidade à religião. Uma das poucas unanimidades, no entanto, diz respeito à figura de Gardner e seu papel, se não de criador, pelo menos de sistematizador.

As fontes de informação disponíveis sobre a vida de Gardner e seu envolvimento com a bruxaria são, no mínimo, tão envoltas em controvérsias quanto seus livros que, como geralmente aceito, lançaram a pedra fundamental da bruxaria moderna: *Witchcraft Today* (1954) e *The Meaning of Witchcraft* (1959). A principal delas é sua biografia – *Gerald Gardner: Witch* – publicada em 1960 e creditada a Jack Bracelin, um dos primeiros colaboradores de Gardner. Esta biografia, porém, tem sido atribuída a um notório escritor indiano, chamado Idries Shah, autoridade em Sufismo e fundador da editora que publicou o livro, a Octagon Press. Shah teria sido apresentado a Gardner em

meados dos anos 1950. Como nos diz Philip Heselton:

> [...] *uma biografia de Gardner foi sugerida porque ele sentia que não lhe restavam mais muitos anos de vida e que era importante ter algo publicado rapidamente, o que responderia diversos ataques verbais lançados contra ele. Quando o livro foi completado, Shah sentiu-se desconfortável com o uso de seu nome, possivelmente porque era um livro bastante diferente daqueles que ele normalmente escrevia, e Jack Bracelin, outro amigo de Gardner, concordou em assinar o livro*[67].

A biografia de Gardner também tem sido citada, por alguns dos seus primeiros colaboradores ou seguidores, como uma *autobiografia*, na qual Bracelin ou Shah teriam servido como *ghost-writers*. Porém, tais opiniões não são passíveis de confirmação, bem como não afetam nossos objetivos.

Afora *Gerald Gardner: Witch* e as diversas citações esparsas em livros publicados por autores ligados aos primeiros anos da bruxaria neopagã, como Doreen Valiente e Patricia Crowther, o que possuímos sobre a vida e as alegações de Gardner são os trabalhos de Philip Heselton, geógrafo e pesquisador que reuniu sistematicamente e analisou diversas informações sobre ele e os personagens e episódios citados em seus livros. Embora elogiado em seus métodos por acadêmicos como Ronald Hutton, a obra de Heselton, todavia, parece contaminada pela necessidade de comprovar aquilo em que ele mesmo acredita como praticante da *Wicca*, detalhe ao qual aludiremos adiante.

Gerald Brosseau Gardner nasceu em 13 de junho de 1884,

---

[67] "[...] a biography of Gardner was suggested because he felt that he hadn't got many years left in this lifetime and that it was important to get something published quickly which would answer various verbal attacks which were being leveled at him. When the book was completed, Shah felt unhappy about using his own name, possibly because it was such a different book from those which he normally wrote, and Jack Bracelin, another friend of Gardner's, agreed to put his name to it". Philip Heselton. *Wiccan Roots*. Chieveley: Capall Bann, 2000, p.9.

filho de uma família abastada de importadores de madeira de lei. Sofria de asma desde a mais tenra infância, e os médicos da família aconselharam que o menino fosse afastado do clima da Inglaterra. Dessa forma, com apenas quatro anos, ele foi entregue aos cuidados de uma ama-seca e empreendeu constantes viagens pelo Mediterrâneo, Ilhas Canárias e Madeira. Com isso, ficou afastado de qualquer tipo de educação formal, tornando-se desde muito cedo um autodidata.

Nestes primeiros anos, Gardner desenvolveu duas paixões que o acompanhariam pelo resto da vida: uma delas foi colecionar armas brancas, especialmente punhais e adagas; a outra foi a paixão pela leitura, o que acabou despertando seu profundo interesse por doutrinas espirituais reencarnacionistas, a partir principalmente do seu contato com as obras de Florence Marryat, conhecida escritora espiritualista de fins do séc.XIX.

Em 1900, quando Gardner tinha 16 anos, sua ama-seca casou-se com um plantador de chá estabelecido no Ceilão, e Gardner mudou-se com ela para aquele país. Um emprego na plantação de chá deu-lhe a oportunidade de manter contato com a população local, através da qual ele buscou compreender os costumes e crenças nativas. Ao que tudo indica, foi também no Ceilão que ele manteve os seus primeiros contatos com a maçonaria.

Após oito anos no Ceilão, Gardner mudou-se para Bornéo, onde empregou-se nas plantações de seringueira e aprofundou-se nas crenças do povo nativo Dyak. Padecendo de malária, planejou retornar para o Ceilão, mas acabou aceitando um emprego nos seringais da Malásia central, onde permaneceu até 1923, quando candidatou-se a um posto como inspetor da Coroa Britânica dos seringais de Johore. O emprego público possibilitou-lhe viajar sozinho por todo o

país e dar vazão ao seu interesse pelos costumes e crenças nativas, especialmente aqueles relacionados à magia, ao uso de armas rituais e à reencarnação.

Ao longo do restante dos anos 20 e início dos anos 30, Gardner aproveitava as suas licenças para visitar a Inglaterra, ao mesmo tempo que aumentava o seu interesse pela arqueologia malaia. Numa dessas licenças, em 1932, ao demorar-se um pouco no Oriente Médio, foi apresentado a Sir Flinders Petrie, que o encorajou nas suas pesquisas como arqueólogo e antropólogo amador, levando-o a percorrer, juntamente com sua esposa Donna, as cavernas pré-históricas da França e a realizar escavações em seu próprio país. Ao aposentar-se, em 1936, com 52 anos, Gardner

> [...] *retornou para a Inglaterra lentamente. Para começar, ele juntou-se às escavações da antiga cidade de Lachish, na Palestina, sob a direção de J. L. Starkey. Viajando de volta via Turquia, Grécia e Alemanha, ele chegou em Londres aproximadamente em maio de 1936. O restante de sua vida, e provavelmente a parte mais significativa, estava prestes a começar*[68].

Ao chegar na Inglaterra, todavia, Gardner precisou defrontar-se com um problema mais imediato do que seus interesses intelectuais. Exceto por visitas esparsas de alguns meses, ele passara toda a sua vida afastado dos invernos ingleses e, assim, sua saúde definhou devido ao clima. Inesperadamente, ao consultar um médico, este lhe aconselhou a freqüentar um clube de nudismo, assegurando-lhe que a exposição ao sol e ao ar livre lhe seria

---

[68] "[...] came back to England slowly. To start with, he joined the excavations of the ancient city of Lachish in Palestine, under the directorship of J. L. Starkey. Travelling back via Turkey, Greece and Germany, he arrived back in London in about May 1936. The rest of his life, and probably the most significant part, was about to begin". Idem, p.22.

benéfica. Uma vez que Gardner já tivera uma experiência semelhante ao curar-se de uma sinovite no joelho, ainda na Malásia, ele decidiu, mesmo com certa relutância, seguir o conselho do médico. Dessa maneira, associou-se a um clube chamado *Lotus League*, estabelecido em uma grande casa em Finchley, nos arredores de Londres.

Mais do que a melhora da sua saúde, o convívio no clube trouxe outros atrativos para Gardner, que tornou-se adepto do naturismo. Segundo Bracelin,

> [...] *ele sentia que encontrara pessoas nesse caminho as quais ele não sabia existirem na Inglaterra; pessoas interessantes, preparadas para falar, argumentar e discutir. Muitas tinham um vago interesse pelo oculto: leitura da sorte, quiromancia, astrologia, espiritualismo vago. Ele sentia-se saudável, também, e gostava da falta de diferenciação entre classes propiciada pelo naturismo*[69].

Vale dizer que o Gardner de fins da década de 1930, reanimado pelo contato ao ar livre proporcionado pelo naturismo, já prenunciava, de acordo com os seus amigos e biógrafos, a figura folclórica que se tornaria, na capa de livros e em diversas outras fotos, conhecida nos dias atuais. Se os brancos cabelos revoltos e a igualmente branca barba hirsuta ainda não estavam presentes, ainda assim ele foi descrito como uma figura bizarra de pele bronzeada, com tatuagens nos braços, que usava bermudas e sandálias fosse qual fosse o tempo, e que levava as crianças a mudarem de lado na rua assim que o viam na mesma calçada[70].

---

[69] "[...] he felt that he met people in this way whom he did not know existed in England; interesting people, prepared to talk, argue and discuss. Many had a faint occult interest: fortune telling, palmistry, astrology, vague spiritualism. He felt healthier, too, and liked the lack of class-consciousness which naturism brought". Jack Bracelin. *Gerald Gardner, Witch*. London: Octagon Press, 1960, pp.155-156.

[70] Heselton. Op. cit., p.39

Em meados de 1938, Gardner mudou-se para uma residência maior em Highcliff, onde podia acomodar confortavelmente sua vasta coleção de armas e artefatos rituais, acumulada ao longo de sua vida no Oriente. Além do espaço, a nova residência afastava sua preciosa coleção dos planos de evacuação de Londres que, na iminência da guerra, já previam o abandono da região em torno de Victoria Station, onde ele residia anteriormente.

Uma vez instalado na nova residência, Gardner passou a freqüentar o clube nudista de New Forest, onde provavelmente conheceu alguns dos membros de uma ordem rosacruciana, a *Rosicrucian Order Crotona Fellowship*. Esta ordem fora fundada em 1911 pelo aventureiro inglês George Alexander Sullivan, desmantelada durante a Primeira Guerra Mundial e reorganizada por Sullivan em 1920. Gardner passou, então, a freqüentar regularmente as suas reuniões.

Embora a participação de Gardner na Crotona Fellowship tenha sido decisiva nos eventos cruciais que se seguiram, na verdade ele não demorou a perceber que ingressara em uma ordem cujos anos de maior popularidade já haviam se passado, e que pouco tinha para lhe ensinar. Suas noções baseavam-se nas premissas que

> [...] *não somos apenas um corpo físico; que existe uma parte de nós que sobrevive à morte física e que renasce; que nossas muitas vidas são períodos de aprendizagem por experiência; e que somos todos capazes de grandes feitos, tendo faculdades esotéricas que podemos desenvolver para nos ajudar e aos outros a alcançar progresso espiritual* [...][71].

[71] "[...] we are not just a physical body; that there's a part of us that survives physical death and is reborn; that our many lifetimes are periods of learning by experience; and that we are all potentially capable of great things, having esoteric faculties we can use and develop to help ourselves and others to make spiritual progress [...]". Idem, p.59.

Tais premissas, como afirma Heselton, poderiam até ser genuinamente novas nos anos 20 e 30 para muitas pessoas. No entanto não o eram para aqueles acostumados com as doutrinas ensinadas nas diversas ordens esotéricas de fins do século anterior e, especialmente, não o eram para Gardner, que passara tantos anos no Oriente, em contato não apenas com as religiões nativas mas também com o budismo. Além disso, vários membros da Ordem possuíam uma veneração absoluta pela figura de Sullivan, o fundador, chegando a afirmar que ele era imortal, desaparecendo de tempos em tempos para retornar com um novo nome. Traçavam suas diversas identidades ao longo dos tempos, identificando-as com personagens históricos do rosacrucianismo. Outros confidenciaram a Gardner, em grande segredo, que um velho castiçal que pendia do teto do templo da Ordem por três correntes era, na verdade, o Santo Graal.

Apesar disso, Gardner continuou a freqüentar as reuniões até 1940, chegando a tomar parte em pelo menos uma das montagens teatrais que a Ordem promovia em seu *Garden Teather*, de curta existência, mas que ficou conhecido como o “primeiro teatro rosacruciano da Inglaterra”. Como veremos adiante, estes dois anos passados junto aos membros da Crotona Fellowship podem ter sido decisivos na vida posterior de Gardner.

Ao que tudo indica, à época da sua mudança para Highcliff, Gardner já começara a se interessar vivamente por bruxaria, não mais no sentido de “crença primitiva em magia”, como se acostumara no Oriente, mas na acepção ocidental da palavra. Aparentemente, também já havia travado um primeiro contato com a Dra. Margareth Murray. Tanto é assim que, apenas dois meses depois de ser admitido na *Folk-Lore Society*, em março de 1939, publicou no periódico editado por esta sociedade um primeiro artigo: a

descrição de uma caixa contendo diversas “relíquias de bruxas”, que estaria em seu poder já há algum tempo. Tais relíquias, tendo sido examinadas pela Dra. Murray, teriam sido consideradas genuínas.

Nesse período, Gardner já devia ter concluído o seu primeiro livro, ou deveria o estar concluindo, uma vez que o mesmo foi publicado em dezembro de 1939. Tratava-se de *A Goddess Arrives*, um romance místico de fundo histórico, cuja ação principal se passa na Chipre do séc.XV a.C.. No livro constam algumas descrições de rituais, alusões à magia, à nudez ritual e a um culto de divindades femininas.

Compreensivelmente, pouco ou nada se sabe sobre a vida de Gardner durante os anos da Segunda Guerra, que seja passível de confirmação. Porém, em 1947, ele ressurge em uma anotação intrigante no diário de um personagem, já então, lendário – Aleister Crowley: “quinta 1º de maio: Miss Eva Collins, Dr. G. B. Gardner PhD Singapura, Arnold Crowther prof. G. um mágico para o chá. Dr. G. R. Arch”[72].

Arnold Crowther era um mágico profissional, amigo de Gardner desde 1939, que lograra ser convidado a conhecer Crowley, um “mago real”, por intermédio de uma senhora que assistira a uma de suas apresentações. Gardner, aparentemente, manejou para que o convite se estendesse a ele, interessado no que Crowley poderia lhe dizer sobre bruxaria. As referências deste último ao primeiro como PhD, título que evidentemente Gardner não possuía, e Royal Arch, grau maçônico que ele certamente não atingira, são indícios de que Gardner tentou chamar a atenção de Crowley para ser convidado.

Seja como for, Gardner manteve contato constante com

---

[72] “Thurs 1 May: Miss Eva Collins, Dr. G. B. Gardner Ph D Singapore, Arnold Crowther prof. G. a Magician to tea. Dr. G. R. Arch”. Philip Heselton. *Gerald Gardner and the Cauldron of Inspiration*. Milverton: Capall Bann, 2003, p.187.

Crowley a partir daí. Durante os sete meses de vida que restavam à "Grande Besta", então com a saúde extremamente debilitada, profundamente viciado em heroína e ávido por recursos monetários para conseguir a droga da qual era dependente, Gardner freqüentou regularmente sua casa em Hastings. É possível que Crowley tenha enxergado em Gardner a pessoa com o entusiasmo (e os recursos financeiros) para continuar o seu trabalho e revitalizar a sua O.T.O., então francamente decadente, se não moribunda, na Inglaterra. Tanto é que não hesitou em lhe conferir um grau na sua ordem equivalente ao que ele julgava que Gardner possuísse na maçonaria e, além disso, lhe legar uma autorização escrita para liderar uma célula da ordem. Com a morte de Crowley em seguida, isso transformou Gardner, virtualmente, no líder da Ordo Templi Orientis na Europa.

Ao que tudo indica, no entanto, Gardner, aos 62 anos, poderia estar interessado no *status* junto ao mundo ocultista e na publicidade que a posição de sucessor de Crowley poderia lhe conferir, mas não possuía a familiaridade nem a empatia com as doutrinas da O.T.O. que o título exigiria, bem como não possuía o entusiasmo para ir buscar o conhecimento necessário. Tanto é assim que, em 1951, à revelia de Gardner ou com sua aceitação, a O.T.O. já estava definitivamente restabelecida sob Kenneth Grant, na Inglaterra, e Karl Germer, na América, sucessores de direito de Crowley pelos seus próprios altos graus dentro da ordem.

Ao publicar o seu segundo livro de ficção em 1949, porém, Gardner assinou ainda com o "nome mágico" pelo qual Crowley o tratava – *Scire*[73] – e após o seu grau de

[73] Referência aos quatro "verbos mágicos", conforme enunciados por Eliphas Levi, ou aos quatro "poderes da esfinge", de acordo com Crowley, em latim: *scire* – saber, *velle* – querer, *audare* – ousar e *tacere* – calar.

iniciação na O.T.O. a este pseudônimo. Este livro, *High Magic's Aid*, ambienta-se na Inglaterra do séc.XIII e fala de uma questão sobre a posse de terras e títulos usurpados, que se resolve com o auxílio da magia. Ao retratar as bruxas como sacerdotisas de um culto ancestral e hereditário, expõe de forma ainda mais clara do que no livro anterior os pensamentos de Gardner a respeito da bruxaria. É importante notar, no entanto, que, no livro, um mago cerimonial precisa da ajuda de uma bruxa para conseguir seus intentos, o que talvez seja indício de uma reação, ou desilusão, de Gardner com as rebuscadas teorias e cerimônias das ordens mágicas.

Seja como for, tudo indica que, no início dos anos 50, Gardner já estava profundamente envolvido não apenas com a teoria mas também com a prática daquilo que viria tornar-se a moderna bruxaria neopagã. As primeiras versões do que veio a ser conhecido como seu "Livro das Sombras" – um registro de rituais e cerimônias de iniciação – datam dessa época. Da mesma forma, iniciou-se em 1951 um relacionamento um tanto conflituoso, ao qual aludiremos adiante, entre ele e Cecil Willianson, que o levou a mudar-se para a Ilha de Man e tornar-se, em 1954, o diretor do Museu de Bruxaria fundado por este último em um velho moinho em Castletown. Iniciou-se, também, um relacionamento igualmente conflituoso com a imprensa, após ele declarar-se publicamente como "bruxo".

Em 1954, com 70 anos de idade, Gardner publicou o seu livro definitivo – *Bruxaria hoje* – no qual sintetizou suas idéias a respeito da bruxaria. Alegava ter sido autorizado pelas próprias bruxas que conhecera a revelar algumas das suas crenças e práticas. Não é surpreendente que o prefácio deste livro tenha sido assinado por ninguém menos que a Margaret Murray.

Aos ataques e críticas que surgem nos anos que se seguem à publicação deste livro, Gardner respondeu com uma nova obra, um tanto mais extensa, na qual ele reafirmava categoricamente ter sido iniciado nessa religião das bruxas, deixando pistas suficientes para datar sua alegada iniciação dos anos de convivência com a Crotona Fellowship, por intermédio de um grupo de pessoas que lá conhecera. O livro é *O significado da bruxaria*, publicado em 1959.

A essa época, no entanto, a bruxaria de Gardner já se tornara, apesar de todas as críticas, forte o suficiente para sobreviver sem ele. Donna, sua esposa, que, pelo que se sabe, nunca participou das suas práticas e quiçá das suas convicções, veio a falecer depois de 33 anos de companheirismo e constantes mudanças. A saúde de Gardner deteriorou-se e a asma que lhe afligia desde a infância voltou a manifestar-se. Em 1964, empreendeu a sua última viagem, talvez tentando novamente refugiar-se do clima da Inglaterra, que lhe trouxera as suas bruxas em meio à chuva, frio e névoa, e onde criara a sua religião. Voltando do Líbano para sua terra natal, em 1964, Gardner morreu de um ataque cardíaco e foi enterrado em Tunis, próximo aos segredos do Oriente que sempre quis desvendar, e deixando na Inglaterra a herança de uma parte do misticismo ocidental que ajudou a criar.

2.2. *Wicca*, a moderna bruxaria neopagã

Quem eram, ou poderiam ser, as bruxas de Gardner, é uma questão que discutiremos adiante. No entanto, creio ser necessário despendermos algum tempo, agora, para entender quem são *as bruxas que ele criou*, ou seja: quais são os fundamentos e bases da “religião da bruxaria”, que ficou conhecida como *Wicca*, conforme se desenvolveu a partir da

segunda metade dos anos 50.

Vale dizer que tanto o movimento *New-Age* quanto o feminismo de fins dos anos 60 exerceram uma considerável influência sobre a *Wicca*, e que sua expansão para além das fronteiras britânicas, bem como o advento da cultura de massas e, especialmente, sua maciça divulgação pela internet nos últimos 10 anos também a influenciaram. Tentarei, no entanto, apresentar aqui um quadro relativamente fiel do que era essa religião quando ainda praticada por um número limitado de pessoas, entre fins da década de 1950 e inícios da década de 1960.

Para isso, usarei como referência, além do próprio Gardner, principalmente autores que tiveram um contato mais estreito com suas idéias, que lhe foram contemporâneos, que conviveram diretamente com ele ou com pessoas do seu círculo. É evidente, no entanto, que, como a maioria das obras de referência sobre *Wicca* foi publicada num momento em que o número de adeptos já justificava comercialmente sua edição (a partir de fins dos 70), não é possível assegurar que mesmo esses autores, no momento em que foram publicados, já não apresentavam a sua própria versão, atualizada, das práticas e crenças do período de Gardner.

A palavra *wica*, grafada com um único "c", aparece pela primeira vez em relação à bruxaria moderna em *A bruxaria hoje*, de Gardner. No capítulo X do livro ele diz que as bruxas de quem ele vem falando

> *São pessoas que chamam a si mesmas* Wica, *as 'pessoas sábias', que praticam ritos antigos e que, junto com muita superstição e conhecimento herbal, preservaram um ensinamento oculto e processos de trabalho que elas próprias pensam ser magia ou bruxaria*[74]*.*

[74] Gerald B. Gardner. *A bruxaria hoje*. São Paulo: Madras, 2003, p.102.

A grafia com um único "c" pode se dever, inicialmente, apenas ao fato de Gardner ter reconhecidos problemas de ortografia. Talvez ele quisesse se utilizar de uma palavra em inglês arcaico (como era comum em seus escritos) e, de fato, a palavra *Wicca*, em inglês arcaico, é simplesmente o masculino de *wicce*[75], significando, respectivamente, "bruxo" e "bruxa". Destes vocábulos, inclusive, é que se originou a palavra inglesa atual *witch*[76].

Em determinado ponto do seu próximo livro, *O significado da bruxaria*, Gardner alude (embora em outro contexto) a essas duas palavras com sua grafia correta e dentro de sua correta acepção[77], mas continua a usar *wica* para designar suas bruxas. Apenas no último capítulo desse livro é que ele passa a utilizar os termos *Wicca* e *Arte da Wicca* para designar o culto em si. Porém, o uso do "c" único na maior parte das duas obras acabou por disseminar a pronúncia dura – "k" – e, assim, Gardner acabou transformando a pronúncia equivocada de um termo arcaico no nome da religião da bruxaria.

Da mesma forma, a partir do parágrafo que citamos, criou-se na bruxaria moderna a idéia equivocada de que a palavra *Wicca* estaria relacionada com *wise* (sábio) e, por extensão, que a *Wicca* seria a religião que preservava a "antiga sabedoria" – *the craft of the wise*.

Segundo a bruxa e escritora americana Gerina Dunwich, a *Wicca*

> [...] *é uma religião de natureza xamanística, positiva, com duas deidades reverenciadas e adoradas em seus ritos: a Deusa (o aspecto feminino e deidade ligada à antiga Deusa Mãe em seu aspecto triplo de*

[75] Pronuncia-se "witcha", "witche".
[76] Russell. Op. cit., p.163.
[77] Gerald B. Gardner. *O significado da bruxaria*. São Paulo: Madras, 2004, p.118.

Virgem, Mãe e Anciã) e seu consorte, o Deus Chifrudo (o aspecto masculino). Seus nomes variam de uma tradição Wiccaniana para outra, e algumas delas usam nomes de deidades diferentes, tanto em seus graus mais elevados como nos inferiores[78].

Outra bruxa, Miriam Simos, ativista do movimento feminista mais conhecida como Starhawk, afirma, em seu livro *A dança cósmica das feiticeiras*, cuja primeira edição data de 1979, que a feitiçaria

[...] *é uma religião, talvez a mais antiga religião existente no Ocidente. Suas origens são anteriores ao cristianismo, judaísmo e ao Islã; até mesmo ao budismo e ao hinduísmo e é muito diferente de todas as supostas grandes religiões. A Antiga religião, como a denominamos, está em essência mais próxima às tradições nativas americanas ou ao xamanismo do Ártico. Ela não se baseia em dogmas ou em um conjunto de crenças, nem tampouco em escrituras ou num livro sagrado revelado por um grande homem. A Feitiçaria retira os seus ensinamentos da natureza e inspira-se no movimento do sol, da lua e das estrelas, no vôo dos pássaros, no lento crescimento das árvores e nos ciclos das estações*[79].

Um pouco adiante, acrescenta que

A Deusa possui infinitos aspectos e milhares de nomes. Ela é a realidade por trás de várias metáforas. Ela é a realidade, a deidade manifesta, onipresente em toda a vida, em cada um de nós. A Deusa não é distinta do mundo. Ela é o mundo e todas as coisas nele: lua, sol, estrela, pedra, semente, rio, vento, onda, folha e ramo, broto e flor, dentes e garras, mulher e homem. Em Feitiçaria, carne e espírito são uma só coisa[80].

Como se vê por estes exemplos, a *Wicca* assenta-se sobre os conceitos de ancestralidade e de imanência. As

---

[78] Gerina Dunwich. *Wicca: a feitiçaria moderna*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p.9.
[79] Starhawk. *A dança cósmica das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Record, 1993, p.29.
[80] Idem, p.36. Grifos no original.

bruxas atuais afirmam ser praticantes de uma religião cujas origens datam do paleolítico, embora algumas admitam que esta religião passou por uma renovação (através de Gardner) em meados do séc.XX. A divindade central – a Deusa – está intimamente relacionada à existência, ao mundo natural, não se situando alhures, mas sim permeando todas as criaturas, ou mesmo todas as coisas, manifestando-se através dos fenômenos e dos ciclos naturais. O Deus de chifres, a um tempo filho e consorte, possui um caráter nitidamente secundário, sendo até mesmo ignorado por algumas vertentes, manifestando-se como princípio fecundador ou, ainda, como representação do aspecto masculino da Deusa.

Na prática, esse "quase monoteísmo" não fica explícito, embora haja gradações. Gardner não nomeou deusas e deuses nos seus livros, mas afirmou que a Deusa das bruxas possuía um nome, que ele estava proibido de revelar[81]. Uma vez que as principais fontes usadas pelas bruxas a respeito de sua própria religião são Murray, Frazer, Graves, Leland e outros autores aos quais já nos referimos anteriormente, algumas centram seu culto nas figuras de Diana, Dianus e outras divindades citadas por esses autores. Ainda graças a Murray e Gardner, uma boa parte das bruxas utiliza-se do panteão celta ou pseudo-celta em seus ritos, especialmente aquelas divindades mencionadas nos ciclos da mitologia irlandesa[82]. Graças à maior divulgação na cultura ocidental, o panteão greco-romano também é amplamente utilizado. Em menor escala, mas com constância, recorrem a divindades egípcias ou a divindades sumérias ou babilônicas.

Em resumo, pode-se dizer que a *Wicca* possui uma única divindade abrangente e multifacetada, confundida com a

[81] Gardner. *Significado da bruxaria*, p.41.
[82] Ver nota 20.

própria natureza, comumente dividida em um aspecto principal, feminino, e um aspecto secundário, masculino. No entanto, de acordo com a ocasião, toma de empréstimo as figuras de divindades de diversas religiões e mitologias, que pelas suas características se prestem ao objetivo dos rituais.

Ainda em termos de crenças, é possível afirmar que a crença em reencarnação é parte integrante da bruxaria moderna. Em *O significado da bruxaria*, Gardner relata brevemente como veio a conhecer as bruxas que, posteriormente, o iniciaram na sua religião, nos seguintes termos:

> [...] *em 1939, aqui na Bretanha, conheci algumas pessoas* [...]. *Elas insistiam em dizer que já me conheciam. Nós conversamos a respeito de todos os lugares onde já havíamos estado e eu jamais poderia tê-las conhecido antes nesta vida; mas elas afirmavam ter me conhecido em vidas passadas. Embora eu acredite em reencarnação, assim como muitas pessoas que já tenham vivido no Oriente, não me recordo claramente de minhas vidas passadas; o que gostaria muito. No entanto, essas pessoas contaram-me o suficiente para fazer-me pensar a respeito. Então, algum destes novos (ou velhos) amigos disseram: 'você pertenceu a nós no passado. Você é do nosso sangue. Volte para onde você pertence'*[83].

Em *A bruxaria hoje*, ele já afirmara que

> *O deus do culto é o deus do próximo mundo, da morte e da ressurreição, ou da reencarnação, o consolador, o confortador. Após a vida, você vai alegremente ao seu reino para o descanso e o alívio, tornando-se jovem e forte, esperando a época de renascer na terra de novo* [...][84].

A questão da reencarnação, no entanto, não possui uma

[83] Gardner. *Significado da bruxaria*, p.9.
[84] Gardner. *Bruxaria hoje*, p.41.

doutrina uniforme entre as bruxas. Um dos livros mais significativos sobre as crenças e práticas da *Wicca*, *The Witches' Way*, escrito em 1984 como complementação de uma obra anterior, *Eight Sabbats for Witches* (1981)[85], pelo casal Janet e Stewart Farrar, dedica todo um capítulo à questão da reencarnação. Sua visão sobre o assunto não difere daquela preconizada por algumas religiões orientais ou pelo kardecismo:

> [...] *cada alma ou essência humana individual renasce continuamente, em uma série de encarnações corpóreas nesta terra, aprendendo suas lições e encarando as conseqüências de suas ações, até que esteja suficientemente avançada para progredir para o próximo estágio (seja ele qual for)*[86].

Scott Cunningham, um dos maiores responsáveis pela popularização da *Wicca* ao longo dos anos 80, compartilha da mesma opinião[87]. Raven Grimassi[88] e Silver RavenWolf[89], não diferem muito em suas posições, mas acrescentam aos conceitos citados a figura de *Summerland*, ou País-do-Verão, lugar de repouso das almas entre as sucessivas encarnações (ou após a última encarnação). Essa espécie de "paraíso neopagão" parece remontar a Emanuel Swedenborg, através do escritor e espiritualista americano do séc.XIX Andrew Jackson Davis. Por outro lado, o autor de *Wicca for Men*, A. J. Drew, apresenta nesta obra uma visão completamente diferente, pela qual nem ao menos a individualidade da alma humana seria preservada ao longo

---

[85] Posteriormente, em 1996, ambos os livros foram publicados num único volume, significativamente intitulado *A Witches' Bible*.
[86] Janet e Stewart Farrar. *The Witches' Way*. Washington: Phoenix Publishing, 1984, p.116.
[87] Scott Cunninghan. *Guia essencial da bruxa solitária*. São Paulo: Gaia, 1998, cap.9.
[88] Raven Grimassi. *Os mistérios wiccanos*. São Paulo: Gaia, 2000, cap.6.
[89] Silver RavenWolf. *To Ride a Silver Broomstick*. St. Paul: Llewellyn, 2000, cap.21.

das sucessivas reencarnações, sendo todo o processo comparável a um fenômeno natural, onde a idéia de mérito ou aperfeiçoamento não está presente[90]. Outros autores ao menos mencionam a reencarnação em suas obras.

De qualquer maneira, a idéia de ciclos que se repetem indefinidamente é predominante na religião, sendo a tônica de suas celebrações. Recorrendo novamente aos Farrar, poderíamos sintetizar uma espécie de mito que rege as principais cerimônias celebradas durante o ano, chamado por vezes de mito da Roda-do-Ano.

No início da primavera, tanto a Deusa quanto o Deus se apresentam no seu aspecto jovem, ela como a Virgem e ele como a criança-divina. Conforme o ano avança em direção ao verão, eles amadurecem em poder e vigor e se dá o casamento divino. No auge do verão, a Deusa está grávida e o Deus, até então representado como o "Rei do Carvalho", torna-se o sábio "Rei do Azevinho". Em fins do outono, dá-se a morte do "Rei do Azevinho" e a Deusa recolhe-se ao mundo inferior para dar a luz, o que acontece no auge do inverno, quando tem lugar o renascimento do "Rei do Carvalho" e o início de um novo ciclo[91].

Essa mitologia tem paralelo indiscutível (se não origem) com as idéias de Frazer sobre o rei-divino e é claramente agrária. Ao passo que a Deusa representa a própria natureza, ou a terra, ao longo do ciclo de preparação, plantio, colheita e "pausa" invernal, o Deus representa o sol e a variação da duração dos dias e do calor ao longo do ano.

O calendário litúrgico da *Wicca* baseia-se livremente

---

[90] A. J. Drew. *Wicca for Men*. Secaucus: Citadel Press, 2000.

[91] Janet e Stewart Farrar. *Oito sabás para bruxas*. São Paulo: Anúbis Editores, 1999. A síntese que fiz baseia-se principalmente nas pp.92-93, mas existem diversas citações às mesmas figuras em outros pontos da obra.

no mito acima, como dissemos, e consiste em oito celebrações, regularmente distribuídas ao longo do ano: os sabás maiores e, intercalados a estes, os sabás menores, ou celebrações de solstícios e equinócios.

Em *Yule*, no solstício de inverno (por volta de 21 de dezembro no hemisfério norte), celebra-se o nascimento da criança-divina. É o dia mais curto do ano e, por isso mesmo, o momento em que, tendo atingido o ponto mais baixo de sua trajetória, o sol começa a passar cada vez mais tempo no céu. *Imbolc*, celebrado em 2 de fevereiro no hemisfério norte, é um festival associado ao retorno da luz, ao efetivo fim do inverno, e à purificação para a chegada da primavera. *Ostara*, o equinócio de primavera (cerca de 21 de março no hemisfério norte), seria basicamente um rito de fertilidade, com o intuito de propiciar o plantio que se dará em seguida. A noite de *Beltane*, de 30 de abril para primeiro de maio, marca o início do verão e a época de plantio. Significativamente, celebra-se nesta data o casamento divino, a união sexual entre a Deusa e o Deus, como representação da fecundação da natureza. No solstício de verão, celebra-se o sabá *Litha*, também chamado simplesmente *Midsummer* ou meio do verão. Basicamente, a idéia seria a celebração do trabalho de plantio encerrado e da expectativa de uma colheita próspera, do Deus e da Deusa em sua plenitude. Seguem-se as celebrações de *Lughnasad* ou *Lammas*, na noite de 30 de julho para primeiro de agosto no hemisfério norte, e de *Mabon*, ou equinócio de outono, por volta de 21 de setembro, sendo basicamente festivais de colheita. Por fim, dá-se aquele que é considerado o mais importante dos sabás, o *Samhain* ou *Halloween*, popularizado como "dia das bruxas", momento de preparação para o inverno que se aproxima e de comunhão com os espíritos dos antepassados, marcando o momento da morte

do Deus e do recolhimento da Deusa para o mundo inferior.

A descrição acima é bastante simplificada, mas basta para termos uma idéia geral da temática dessas celebrações. Nos livros sobre *Wicca*, os autores são unânimes em afirmar que os quatro sabás maiores (*Imbolc*, *Beltane*, *Lughnasad* e *Samhain*) eram cerimônias observadas pelos celtas, ao passo que os demais, as celebrações de equinócios e solstícios, foram incorporados posteriormente ao calendário das bruxas, a partir das invasões teutônicas. Outra afirmação comum nesses livros é que, com o advento da cristandade e a conseqüente demonização da antiga religião, tais ritos foram cristianizados e transformados em festas cristãs.

Ambas as afirmações são parcialmente verdadeiras. Os quatro sabás maiores eram realmente comemorados pelos celtas, com significado bastante semelhante ao admitido pela *Wicca*[92]. Já a idéia da celebração dos solstícios como resultado das invasões teutônicas vem de Murray e a descrição geral dos sabás como “festivais do fogo” deve-se, sem dúvida, à influência de Frazer. A incorporação de elementos de diversos desses festivais às festas cristãs é inegável: o *maypole*, o costume de pular fogueiras, de encenarem-se casamentos e outros persistiram nas chamadas “festas juninas”, por exemplo. A própria simbologia do *Samhain* persistiu com ligeiras alterações no *Halloween* e no Dia de Todos os Santos. Isso, no entanto, se deu através de um longo processo de assimilação cultural durante a Idade Média, no qual elementos de festividades populares foram incorporados ao cristianismo, enquanto elementos deste fundiram-se a festividades populares, e não através de um processo intencional e abrangente de obliteração levado a cabo pela Igreja. Note-se que diversos folguedos populares, especialmente os relacionados ao início e final do inverno,

---

[92] Cunliffe. Op. cit., p.189.

continuam acontecendo em vários lugares da Europa atual, como a "Festa dos Rapazes" do norte de Portugal.

Além dessas comemorações principais, os praticantes da *Wicca* reúnem-se nos esbás. Segundo Gardner,

> [...] *o esbá é a reunião do* coven *local para discutir assuntos locais, ou simplesmente para diversão e é, ou deveria ser, realizado na lua cheia*[93].

Dessa maneira, pode-se dizer que os ritos da bruxaria moderna são praticados em duas situações distintas: os sabás são comemorações abertas, ou festividades, marcando pontos do ano relacionados com a crença, ao passo que os esbás são reuniões fechadas, reservadas aos membros de um determinado *coven*, ou grupo de bruxas, quando estas tratam de assuntos pertinentes apenas ao grupo.

Além disso, existem ritos específicos para o casamento (*handfasting*), para invocar a proteção divina para um recém-nascido (*Wiccaning*) e, evidentemente, para a iniciação de um novo membro no grupo.

Outra característica marcante da bruxaria moderna é a crença na efetividade de algum tipo de magia. Para o senso comum, essa observação parece desnecessária, uma vez que a figura da bruxa como praticante de magia está estabelecida. No entanto, a associação da bruxaria moderna com a magia não é, de forma alguma, automática. Embora a maior parte das bruxas e bruxos modernos pratique alguma forma de ritual mágico e a prática de alguma forma de magia seja um dos elementos constituintes, pelo menos, de um esbá, existem gradações nessa associação e, de uma forma geral, o aspecto religioso da *Wicca* sempre suplantou o aspecto meramente prático.

O trecho de Gardner que citei à página 68, bem como o

[93] Gardner. *Significado da bruxaria*, p.17.

seguinte trecho de Doreen Valiente, podem nos aproximar melhor desse assunto:

> *Uma das primeiras coisas que aprendi com Gerald Gardner, que foi o bruxo que me iniciou, foi que os poderes mágicos estão latentes em todos nós. São os poderes naturais, embora misteriosos, da mente interior. O que a feitiçaria faz, ele me revelou, é providenciar uma atmosfera na qual esses poderes possam se manifestar*[94].

Portanto, a idéia de magia dentro da bruxaria moderna é (ou pelo menos foi) a de que a prática da magia é uma capacidade de qualquer ser humano e não um "dom" da bruxa, mas que esta capacidade pode ser desenvolvida, ou despertada, pela relação com o mundo natural – e em conseqüência com a própria natureza interior – que a prática da religião proporciona. Ou seja: o desenvolvimento de tais "poderes psíquicos" seria, a um só tempo, conseqüência e parte integrante da prática religiosa.

Vale lembrar que busco me reportar, aqui, aos anos de consolidação e formação da bruxaria moderna e não ao momento atual, no qual aquelas influências às quais me referi no início deste tópico, e o apelo comercial do esoterismo, motivaram a publicação de inúmeras obras cujo mote principal é a divulgação de "receitas de feitiços", bem como associaram a bruxaria moderna à prática de qualquer arte divinatória, esotérica ou alegadamente terapêutica. Baralhos de tarô, cristais terapêuticos, pêndulos de radiestesia, astrologia, telepatia, projeção astral e outras práticas podem fazer parte do "arsenal" das bruxas dos dias atuais, mas não obrigatoriamente daquelas às quais Gardner e seus primeiros seguidores se referiam.

A "magia operacional" das bruxas de Gardner era tão

---

[94] Evan J. Jones e Doreen Valiente. *Feitiçaria: a tradição renovada*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.16.

atávica quanto sua “magia ritualística”[95], o que o levou a definir a bruxaria como sendo, a um só tempo, religião e arte (*craft*). Envolvia as artes da cura e do envenenamento e, em conseqüência, do conhecimento das ervas. De métodos para amaldiçoar e para atrair a sorte e o amor. Do uso de velas, incensos e outras substâncias e artifícios capazes de produzir um “estado alterado de consciência”, no qual seria possível operar maravilhas. Não diferia grandemente, portanto, dos trobriandeses de Malinowsky ou dos Zande de Evans-Pritchard. A magia, na bruxaria, seria, dessa forma, parte integrante da vida diária e não rito extraordinário; e os primeiros autores a respeito do assunto foram concordes em dizer que, nos dias atuais, em que as comodidades da vida moderna nos elevaram a um patamar onde a satisfação das necessidades básicas não depende dela, sua utilização seria facultativa.

Por fim, um último aspecto – e certamente polêmico – do rito e das crenças da bruxaria moderna precisa ser abordado: sua relação com a nudez e com o sexo rituais. Novamente, é necessário ressaltar que nenhum destes dois elementos é ao menos comum na prática hodierna da grande maioria das bruxas neopagãs, mas pelo menos o primeiro teve relevância no período ao qual me reporto e conservou sua importância em grupos mais tradicionalistas.

Já no primeiro capítulo de *A bruxaria hoje*, Gardner fez as seguintes afirmações:

> [...] *quando as pessoas me perguntam, por exemplo: ‘por que você diz que as bruxas trabalham nuas?’, eu apenas posso dizer: ‘porque elas o fazem’. ‘Por quê?’ é a questão seguinte e a resposta, simples, é que os*

---

[95] “Magia operacional” e “magia ritualística” são conceitos retirados de Margaret Murray na sua descrição da antiga religião da Europa ocidental, e sobejamente utilizados nas obras dos autores ligados à bruxaria neopagã. Murray. *O culto das bruxas*.

> *rituais dizem a elas que é necessário. Outra resposta é que suas práticas são remanescentes de uma religião da Idade da Pedra e elas mantêm os antigos costumes.* [...] *As bruxas acreditam que o poder reside no interior de seus corpos e elas podem libertá-lo de diversas maneiras, sendo que a mais simples é dançar em roda, cantando ou gritando, para induzir um frenesi; esse poder que elas crêem exsudar de seus corpos seria retido pelas roupas.* [...] *Em resumo, tal é a verdade sobre a bruxaria. Nos dias vitorianos ela seria chocante, mas, nestes dias de clubes nudistas, seria tão terrível*[96]*?*

Nos próximos tópicos, discutiremos diretamente as diversas influências encontráveis nos escritos de Gardner, mas vale lembrar, agora, que Charles Leland foi uma dessas influências, bem como lembrar sua convicção nas benesses associadas ao naturismo. Leland, em seu *Evangelho das bruxas*, já colocara as seguintes palavras na boca de sua "deusa das bruxas", Diana: "como sinal da sua inequívoca liberdade, deveis comparecer desnudos em seus ritos, tanto homens quanto mulheres"[97].

Este mesmo trecho de Leland é citado, aliás, no capítulo do *The Witches' Way*, dos Farrar, dedicado à nudez ritual, onde eles apresentam pelo menos quatro razões para que os ritos sejam praticados com os participantes nus ou, como a literatura a respeito do assunto consagrou, "vestidos de céu" (*skyclad*).

A primeira seria uma renúncia deliberada ao princípio de separação entre corpo e espírito preconizada pelo cristianismo, o qual teria sido "responsável por identificar o corpo com o mal e o espírito com o bem, e colocá-los em guerra um com o outro"[98]. A segunda seria que

---

[96] Gardner. *Bruxaria hoje*, pp.23-25.
[97] Leland. Op. cit., p.34.
[98] "Responsible for identifying the body with evil and the spirit with good, and putting them at war with one another". Janet e Stewart Farrar. *The Witches' Way*, p.195.

"opiniões experientes sustentam que é mais fácil elevar o poder psíquico com o corpo descoberto do que com ele coberto"[99]. A terceira teria fundo psicológico, uma vez que as roupas seriam um fator importante na formação de uma auto-imagem pela qual a pessoa se apresenta ao mundo; mas, no entanto, "para ser uma bruxa competente, você precisa acima de tudo ser *você mesma*"[100]. Por fim, a nudez apagaria todas as diferenças sociais, nivelando os participantes dos ritos[101].

Seja como for, a nudez ritual, embora tenha sido parte integrante dos primeiros anos da nova religião das bruxas, parece ter caído em desuso nos últimos 20 anos. Há poucas referências a essa prática nos livros mais modernos e, na verdade, ela conservou-se quase que unicamente nos *covens* gardnerianos e alexandrinos[102], ou entre as chamadas "bruxas solitárias"[103]. Evidentemente, hão de ser levadas em conta as diversas mudanças sociais e culturais ocorridas entre o final dos anos 50 e os anos 90.

A questão do sexo ritual está igualmente envolvida em polêmica e nos remete, pelo menos de forma superficial, ao entendimento do *rito* da *Wicca*, propriamente dito, para ser perfeitamente compreendida.

Um ritual *Wiccano*, de forma bastante genérica (uma vez que cada um dos sabás ou dos esbás tem uma característica

---

[99] "Experienced opinion holds that it is easier to raise psychic power with an uncovered body than with a covered one". Idem, p.196.

[100] "To be na effective witch you must above all be *yourself*". Idem, p.197. Grifos no original.

[101] Idem, ibid.

[102] *Covens* alexandrinos são aqueles baseados no trabalho de Alexander Sanders, controverso líder de *covens* durante os anos 1960 e 1970 e, presumivelmente, iniciado em um *coven* gardneriano no início da década de 60. Janet e Stewart Farrar foram iniciados na *Wicca* por Sanders, em 1970.

[103] Título normalmente aplicado aos praticantes da religião que não se filiam a nenhum *coven*, o que, de qualquer forma, já constitui uma inovação na idéia inicial da religião, geralmente atribuída a Scott Cunningham.

própria), constitui-se de diversas etapas: procede-se a purificação ritual do local e dos participantes, efetua-se a criação do "círculo mágico" onde as atividades terão lugar, invocam-se as divindades celebradas no rito, faz-se a consagração dos alimentos que serão consumidos ao fim do ritual, etc. Aludirei a cada uma destas fases nos tópicos seguintes, ao buscar traçar suas origens.

O ponto alto da cerimônia, no entanto, é a consumação do "Grande Rito", a união simbólica do Deus e da Deusa, ou dos aspectos feminino e masculino, opostos e complementares, da divindade. Este rito consuma-se, após invocações específicas, mais ou menos elaboradas, pela introdução, pelo sacerdote, do seu *athame* (punhal ritual) na taça de vinho empunhada pela sacerdotisa, após o que ambos bebem da taça e, em seguida, esta é passada para todos os demais presentes. Este rito, é claro, *possui* um cunho eminentemente sexual, e diversos autores admitem que a simbologia da introdução do punhal na taça *pode ser* substituída pelo efetivo intercurso sexual entre sacerdote e sacerdotisa oficiantes.

Na prática, no entanto, o que temos é o seguinte: em suas obras, Gardner não preconiza nenhum tipo de sexo ritual, embora mencione em algumas passagens[104] a idéia de "matrimônio sagrado". Todavia, diversas das fontes de Gardner aludiam a esse tipo de prática. Em Leland, podemos ler "[...] então, quando a dança atingir seu apogeu, todas as luzes serão apagadas e nos amaremos livremente"[105]. Ela também estava presente nas descrições dos cultos de mistérios da antiguidade[106], que Gardner considerava

---

[104] Por exemplo, em *O significado da bruxaria*, pp.236-237.
[105] Leland. Op. cit., p.40.
[106] Ver, por exemplo, a descrição do matrimônio sagrado constante em Jane E. Harrison. *Prolegomena to the Study of Greek Religion*. Princeton: Princeton University Press, 1992, pp.534-537.

correlatos à sua religião das bruxas. Portanto, quando o ritual da bruxaria moderna foi sistematizado por Gardner e seus seguidores imediatos, especialmente por Doreen Valiente, a idéia de completude através da união dos opostos, da ligação sexual entre Deusa e Deus, representados pelo sacerdote e sacerdotisa do *coven*, deve ter sido incluída de forma simbólica, com a possibilidade de ser realizada de forma real. Ademais, como veremos mais à frente, a idéia de que ritos sexuais estariam diretamente associados à religião das bruxas, se divulgada, seria contrária aos interesses de Gardner ao promover sua religião.

Dessa maneira, eu diria o seguinte: a nudez ritual está efetivamente relacionada à prática das bruxas modernas, embora não seja disseminada e, pelo contrário, seja mais comum hoje em dia o uso de elaboradas vestimentas rituais. Já o sexo ritual surge como um rito simbólico, uma encenação, e não há elementos para afirmar que ele seja ou tenha sido praticado de forma *real* a não ser entre grupos isolados de bruxas ou, ainda, entre casais de praticantes que já possuíssem algum tipo de relacionamento sexual.

Ao longo deste tópico, descrevi alguns dos principais aspectos da moderna bruxaria neopagã, ou *Wicca*, no que se refere às crenças e às práticas das bruxas. Deixei de aludir, no entanto, a alguns detalhes – como o uso de determinados instrumentos ou o costume de realizarem-se banquetes rituais após as cerimônias – visto que minha intenção foi apenas fornecer uma visão geral da religião, conforme sintetizada por Gardner e seus seguidores imediatos. Nos tópicos seguintes, voltarei a diversos dos pontos aqui abordados e acrescentarei alguns mais, ao procurar traçar as origens do *mito* e do *rito* da *Wicca*.

2.3 – O mito e o rito da *Wicca*, segundo Gardner

Em 1951, dois anos após a publicação do *High Magic's Aid* e três anos antes de sua primeira obra não-ficcional, *A bruxaria hoje*, Gerald Gardner envolveu-se com a criação de um "Museu de Magia e Bruxaria", situado nas dependências de um velho moinho em Castletown, na Ilha de Man. Esse museu surgiu, na verdade, da iniciativa de um certo Cecil Willianson, ex-combatente da Segunda Guerra Mundial com atuação um tanto esporádica na indústria cinematográfica e um flagrante interesse em ocultismo. Conforme é possível ler em Heselton e Bracelin, Gardner foi o principal financiador da instalação do museu e, devido a isso, posteriores desentendimentos entre ele e Willianson levaram ao afastamento deste último e deixaram o museu sob a exclusiva responsabilidade de Gardner.

O que nos importa a esse respeito, no entanto, é que, à época da instalação do Museu de Magia e Bruxaria de Castletown, tanto Gardner quanto Willianson já se assumiam publicamente como bruxos e praticantes da "Antiga religião". Um artigo publicado no periódico *Illustrated*, em setembro de 1952[107], apresenta Willianson como "consultor em bruxaria" e não cita o nome de Gardner, mas apresenta algumas informações sobre a "Antiga religião" que remetem diretamente aos escritos posteriores deste último, não apenas no conteúdo como na forma, o que permite deduzir que ele também foi entrevistado para a elaboração do artigo.

Além disso, é possível depreender desse artigo que em 1952 já havia mais de um grupo na Inglaterra que se dedicava à prática de algo semelhante à bruxaria de Gardner. Ele aponta o distrito de Paxford como "um dos

---

[107] Allen Andrews. *Witchcraft in Britain*. Illustrated, London, vol. XVI, 31, pp.19-41, 27/09/1952.

poucos cujo vigário afirma conhecer três bruxas em sua congregação”[108] e continua afirmando que “isso mostra a larga escala e variável seriedade da observância do que algumas pessoas chamam de Antiga religião”[109].

Entre 1951 e 1954, a figura de Willianson foi sendo progressivamente eclipsada pela de Gardner, como porta-voz do museu e da própria bruxaria. Descrições de jornais locais e do próprio Willianson mostram Gardner realizando cerimônias e comparecendo diariamente ao restaurante do museu, onde, em sua mesa cativa, representava seu papel de “bruxo residente” e vendia exemplares autografados de seu livro *High Magic’s Aid*[110].

É necessário levar em consideração, para entendermos essa publicidade inicial em torno da bruxaria como “Antiga religião” viva e atuante, a partir de 1951, que este foi o ano de revogação do *Witchcraft’s Act* de 1735 que, embora em desuso, ainda considerava a prática de bruxaria um crime na Inglaterra. O Ato fora substituído pelo *Fraudulent Mediums Act*, que apenas previa sanções para aqueles que, alegando possuírem poderes espirituais, ludibriassem as pessoas, o que, evidentemente, pressupunha a cobrança pelos serviços. As bruxas de Gardner (bem como o próprio Gardner), portanto, não mais podiam ser incriminadas por suas práticas, uma vez que estas apresentavam-se como culto religioso, e não como algum tipo de relação comercial.

É preciso deixar claro, portanto, que nos anos que sucederam imediatamente o fim da Segunda Guerra Mundial, já era praticado algum tipo de culto organizado da bruxaria, ainda que apenas por Gardner e seus primeiros seguidores, e

---

[108] “[...] one of the few containing a vicar who claims he knows of three witches in his congregation”. Idem, p.41.

[109] “[...] it does show the wide scale and varying gravity of the observance of what some people call the Old Religion”. Idem, ibid.

[110] Heselton. *Cauldron of Inspiration*, pp.349-350.

que esse culto foi sendo sistematizado nos anos subseqüentes, ao mesmo tempo em que se expandia. Na verdade, uma entrevista de Gardner no *Daily Dispatch* de 05 de agosto de 1954[111], prenunciava a forma que ele usaria no seu *A bruxaria hoje* – que seria lançado um mês depois – incluindo uma velada alusão a sua iniciação em 1939 e sua relutância em responder as perguntas diretas do entrevistador sobre o que seriam os ritos da bruxaria. Mas, de qualquer maneira, foi o livro publicado em setembro de 1954 que conseguiu dar forma e visibilidade na imprensa ao que, até então, aparecia mais como conjecturas, suposições e alegações até certo ponto irônicas dos jornalistas, que buscavam nessa "nova bruxaria" ecos das seitas satânicas e das fulgurantes atuações de Aleister Crowley.

O *Bruxaria hoje* de Gardner não é, no entanto, um livro especialmente instigante ou esclarecedor. Pelo contrário, não é fácil para o leitor fazer uma idéia clara do que seria, efetivamente, essa "Antiga religião da Bruxaria" a partir dele. A obra não segue uma estrutura narrativa que auxilie essa compreensão, mas antes limita-se a fornecer informações nem sempre concatenadas. Em especial, o *A bruxaria hoje* dá pouquíssimas informações sobre os aspectos práticos do culto, e seria quase impossível para algum leitor reproduzir, mesmo que minimamente, qualquer das cerimônias ou ritos das bruxas a partir de sua leitura. Ao contrário dos diversos manuais surgidos a partir da década de 1970, o livro de Gardner não é didático nem tem a clara intenção de angariar ou formar novos adeptos para o culto.

A imprecisão e a forma vaga de tratar vários assuntos, no entanto, é "justificada" por Gardner em mais de uma ocasião. Logo no primeiro capítulo, ao falar de sua própria

[111] Arnold Field. *Yes, I Am a Witch*. London: Daily Dispatch, 05/08/1954.

iniciação no culto, ele afirma que prestou

> [...] *os juramentos habituais de silêncio que me obrigavam a não revelar nenhum dos segredos do culto. Mas, por ser um culto moribundo, sempre lastimei que todo aquele conhecimento devesse perder-se, de forma que me foi permitido escrever, como ficção, algo sobre a crença das bruxas na obra* High Magic's Aid*. O presente volume tem o mesmo propósito, mas trata do assunto de maneira factual*[112]*.*

Pouco mais a frente, ele acrescenta:

> *Se me fosse permitido revelar todos os seus rituais, seria fácil provar que as bruxas não são demonistas; mas os juramentos são solenes e as bruxas são minhas amigas.* [...] *Porém, tenho permissão para fazer um resumo dos seus ritos*[113]*.*

Desde o início, portanto, Gardner esclarece seus leitores que ele próprio era um membro do culto das bruxas (como já admitira, na verdade, através da imprensa); que, embora a existência desse culto não precisasse mais ser mantida em segredo, ainda assim uma parte de suas práticas era secreta; que ele, por força de juramentos sagrados, não revelaria nada além do lhe fora permitido. Apesar disso, é curioso notar que, em todo o restante do texto, Gardner não utiliza a forma "nós" para descrever as crenças e as práticas das bruxas, mas sempre a forma "elas", distanciando-se assim daquilo que descreveu.

Podemos encontrar, em *A bruxaria hoje*, dois focos principais: um deles é distanciar a figura das bruxas da prática de malefícios e de cultos demoníacos. O outro, que não se distancia muito da intenção do primeiro e, aliás, o complementa, é solidificar um *mito da bruxaria*, através do

---

[112] Gardner. *A bruxaria hoje*, p.22.
[113] Idem, p.27.

estabelecimento de uma linhagem ancestral de bruxas britânicas. Apenas de forma complementar a esses dois focos surgem menções às crenças e práticas das bruxas, normalmente exemplificando as alegações do autor.

Ao longo do livro, a forma mais usual de Gardner dissociar a bruxaria das acusações de *maleficia* e de adoração ao demônio é através do artifício de responder alegações contidas no livro *Witchcraft*, lançado há apenas dois anos por Pennethorne Hughes. Hughes defendia, neste livro, uma tese inicial não muito diferente da de Gardner: as bruxas seriam, originalmente, as sacerdotisas de um culto de fertilidade pré-histórico. No entanto, segundo ele, no decorrer da época de estabelecimento do cristianismo como religião hegemônica na Europa ocidental, elas teriam optado por ritos malignos e deliberadamente anti-cristãos, pervertendo o seu culto para agredir o cristianismo e seus praticantes. É o próprio Gardner quem cita Hughes no seguinte trecho:

> *As bruxas lançavam feitiços, traziam o caos, envenenavam, faziam abortar o gado e tolhiam a fertilidade aos seres humanos, serviam o Diabo, parodiavam práticas cristãs, aliavam-se com os inimigos do rei, copulavam com outras bruxas de forma masculina e feminina, que elas tomavam para ser íncubos e súcubos, cometiam abusos contra animais domésticos. Além disso, elas faziam essas coisas conscientemente, acreditando servir a um mestre diabólico e desafiar o paraíso. Seus motivos eram confusos, seus impulsos eram sem sentido, os procedimentos que vinham remotamente de qualquer prática original comum, mesmo que elas os tenham feito, e as razões pelas quais os fazem permanecem nas mais antigas crenças religiosas*[114].

E como Gardner respondeu a essas acusações contra as bruxas? Com o argumento – certamente falacioso, mas de

[114] Idem, pp.102-103.

grande apelo popular – da *experiência própria*. Ele vira bruxas de diversos *covens* se reunirem para, através de um feitiço, impedirem Hitler de invadir a Inglaterra, ainda em 1940[115]. Logo, como poderiam ser aliadas dos "inimigos do rei"? Aliás, as bruxas inglesas já teriam impedido, séculos antes, a invasão da Armada Espanhola de Felipe II, segundo Gardner[116].

Da mesma maneira, Gardner não conhecia datas ou locais nos quais as bruxas tivessem "lançado o caos", nem tinha idéia de como fazê-lo – ou de como elas pudessem tê-lo feito. Igualmente não podia afirmar que nenhuma bruxa jamais tivesse inibido a sexualidade de alguém, ou matado alguém com veneno, embora *não conhecesse nenhuma que tivesse feito isso*, ao passo que sabia do "bispo de Troyes e de um Bórgia que foi bispo antes de ser papa"[117] que o tinham feito.

Gardner, portanto, não contestou as acusações e crendices a respeito das bruxas com outros dados além do seu próprio conhecimento dos seus usos e práticas, obtido, segundo ele, através de sua convivência com o culto. Seu primeiro livro "factual" sobre o assunto não pretendeu, nesse aspecto, criar um embate de idéias a respeito de um tema, mas apenas apresentar um *depoimento pessoal* sobre esse mesmo tema.

Ao discorrer, no entanto, sobre as supostas origens e sobre a história da bruxaria, Gardner é mais sistemático e recorre ao folclore e à antropologia. Segundo ele,

> *Na Idade da Pedra, o que o homem queria principalmente eram boas colheitas, boa caça, boa pesca, aumento de rebanhos e manadas e muitos filhos para fortalecer a*

[115] Esse episódio, inclusive, já fora citado no artigo do periódico *Illustrated* anteriormente referido.
[116] Gardner. *A bruxaria hoje*, p.103.
[117] Idem, ibid.

> *tribo. Tornou-se tarefa das bruxas realizar ritos para obter essas coisas. Era provavelmente uma era matriarcal, quando o homem caçava e a mulher ficava em casa praticando a medicina e a magia. Historicamente, o período matriarcal foi datado aproximadamente da metade do nono à metade do segundo milênio a.C., durante o qual cavernas, árvores, a lua e as estrelas eram provavelmente reverenciadas como emblemas femininos. Assim, o mito da Grande Mãe veio à luz e a mulher era sua sacerdotisa. Provavelmente na mesma época, o homem tinha um Deus caçador, que comandava os animais*[118].

De forma tortuosa, uma vez que sua cronologia não se faz de forma direta, mas sim pontual e ao longo de vários capítulos do livro, Gardner aponta a continuidade desse culto da Grande Mãe, do qual as bruxas seriam as sacerdotisas, através dos cultos de mistérios do Oriente Próximo, das crenças do "povo-miúdo" da Europa Ocidental pré-céltica, e chegando até a Idade Média. Nesse momento, a Igreja Cristã organizada, considerando a bruxaria um culto rival e de forte penetração popular, teria iniciado sua perseguição sistemática, com o objetivo de exterminá-lo.

A partir daí, o culto tornara-se secreto e seus praticantes obrigados a mantê-lo nas sombras, disfarçando seus instrumentos de ofício em objetos comuns (como vassouras), e protegendo-se através de juramentos e subterfúgios. Evidentemente, Gardner não busca explicar como a "Antiga religião" teria sobrevivido por quinhentos anos e chegado ao séc.XX, ainda que sob a forma de uma "religião moribunda".

Mesmo vago, impreciso e certamente inconcludente, *A bruxaria hoje* causou o seu impacto. Surgiram artigos na imprensa local, alguns apenas descrevendo de forma sensacionalista façanhas mágicas, como a alegação de

---

[118] Idem, p.33-34.

Gardner de que conseguira comprar sua casa em Castletown[119] com ajuda da bruxaria; outros apontando a descrição de Gardner da bruxaria como uma “camuflagem” destinada a esconder o mal implícito na sua prática[120], e outros ainda apresentando uma versão mais contida do conteúdo do livro, ou ainda palestras de Gardner a seu respeito[121]. É interessante notar que a grande maioria desses artigos refere-se a Gardner como “dr. Gerald Gardner, antropólogo”, título que ele mesmo se atribuiu em *A bruxaria hoje*[122].

Seja como for, a publicidade negativa ou positiva atraída por Gardner, bem como a numerosa correspondência e milhares de visitas que ele recebeu, como diretor do Museu de Magia e Bruxaria de Castletown, levaram-no a publicar um outro livro, em 1959, chamado *O significado da bruxaria*. Dessa vez, tratava-se de uma obra mais extensa e detalhada, de cuja leitura emerge a impressão que os pensamentos e opiniões de Gardner a respeito da bruxaria (bem como sua prática) haviam amadurecido e se solidificado.

Note-se que o período entre 1953 e 1957 foi justamente o período de intensa cooperação entre Gardner e a primeira Grande Sacerdotisa de seu próprio *coven*, Doreen Valiente, à qual é atribuída a co-autoria de inúmeros dos primeiros textos poéticos ou ritualísticos da *Wicca*. Não é de se estranhar, portanto, que a “religião das bruxas”, em fins da década de 1950, estivesse muito mais bem estruturada e pudesse, dessa maneira, ser melhor descrita.

---

[119] Barbara Stabler. *I’m a Witch.* Weekend Magazine, 24/06/1957, p.8.

[120] Peter Hawkins. *No Witchcraft is Fun.* Sunday Pictorial, 12/06/1955, p.7.

[121] *Psychic News*, 09/04/1955.

[122] É interessante notar a insistência de Gardner em se atribuir um falso título acadêmico, ao invés de se apresentar à imprensa e aos seus leitores como arqueólogo ou antropólogo amador, filiado à *Folk-Lore Society* (o que ele efetivamente era). Ao que tudo indica, essa era uma estratégia deliberada para dar credibilidade às suas declarações junto ao grande público, embora não pareça ter sido determinante junto aos seus seguidores iniciais.

Apesar disso, *O significado da bruxaria* não acrescenta muitos elementos novos ao *mito* da bruxaria já estabelecido no livro anterior, embora os especifique mais claramente. Gardner, por exemplo, deixa claro logo no início do novo livro que a bruxaria é um "culto à Lua"[123], e prossegue dizendo que

> *Como poderia ser esperado de um culto à lua, o papel principal nas cerimônias é desempenhado pela Suma Sacerdotisa, ou Donzela.* [...] *Na França, a Donzela às vezes era chamada de* La Reine du Sabá, *na Escócia parece ter sido chamada de rainha de Elphame (Fada)* [...]*. Com exceção da teoria de que as 'fadas' eram de fato o povo primitivo dos campos, aborígenes de baixa estatura e cor escura, expulsos pelos invasores do início da Idade do Ferro* [...]*, há outra conexão entre elas e as bruxas. Na mente popular, depois do advento do Cristianismo, o Antigo Paraíso Celta, para o qual as almas dos pagãos iam quando morriam, tornou-se o 'Reino das Fadas', e o Deus e a Deusa que reinavam no Outro Mundo tornaram-se as deidades das bruxas, que se mantinham na Antiga religião, e também eram considerados o rei e a rainha das Fadas*[124]*.*

Em relação às divindades das bruxas, ele afirma que

> *O Antigo Deus Cornífero das bruxas não é o Satanás do Cristianismo, e não há argumento teológico que fará com que seja. Na verdade, ele é a mais antiga deidade conhecida pelo homem, e está pintado na mais antiga representação de uma divindade já encontrada, a saber as pinturas da Idade da Pedra encontradas nas mais profundas entranhas da Caverna Trois Freres em Ariege. Ele é o antigo deus fálico da fertilidade que veio dos primórdios do mundo, e que já era de imensurável antiguidade antes do Egito e da Babilônia, quanto mais da era cristã. E ele não pereceu diante do grito que O Grande Pan estava morto. Secretamente através dos séculos, escondendo-se cada vez mais com o passar do tempo, sua adoração e a da Deusa da Lua nua, sua mãe, Senhora do Mistério, da Magia e das alegrias*

---

[123] Gardner. *Significado da bruxaria*, p.16.
[124] Idem, p.17.

proibidas, continuou às vezes entre os notáveis da terra, às vezes em humildes chalés, ou em campos solitários e nas profundezas de bosques escuros, em noites de verão na lua cheia[125].

Portanto, embora apresentado de forma mais sistemática, categórica e até mesmo didática, o *mito* da bruxaria exposto no segundo livro de Gardner não difere do que fora apresentado no primeiro: o culto das bruxas é um culto imemorial, centrado na figura de uma Deusa-Mãe criadora e de um Deus-Cornífero fecundador, muito anterior às religiões conhecidas e que mantivera-se nas sombras, após o advento do cristianismo, até os dias atuais. Embora tivesse sido uma religião disseminada em toda a Europa primitiva, chegara até a Inglaterra através da herança céltica e dera origem às histórias sobre "fadas" e "duendes", na verdade sacerdotes e sacerdotisas do culto.

Há, no entanto, em *O significado da bruxaria*, alguns elementos novos, que merecem ser ressaltados por virem ao encontro de nossos próprios questionamentos. Trata-se do elemento *político* e do viés *feminista* encontrados em certas passagens desse livro, geralmente associados ao que se poderia chamar de "questionamento popular" em relação a certas contradições do cristianismo ou a determinados regimes de governo.

Falando sobre as crenças das bruxas, por exemplo, ele afirma que para elas

O conceito de um Deus Todo-Poderoso, que simplesmente por dizer 'Haja paz. Que não haja doença ou miséria', fizesse com que todas as guerras, doença e miséria cessassem, mas por motivos próprios não dissesse essas palavras, mantendo o homem na miséria, medo e necessidade, não é digno de adoração.[...] *Elas não vêem razão para que as pessoas não adorem os seus*

---

[125] Idem, p.20.

> *deuses nacionais, ou para alguém impedir que isso aconteça. Isso sempre as fez ter uma visão negativa das missões, sejam as da Igreja ortodoxa ou de totalitários como os comunistas*[126]*.*

No capítulo IX do livro, onde Gardner busca responder porque as mulheres ocupam posição de destaque na bruxaria, podemos ler um verdadeiro manifesto de cunho político e moral, que justifica uma longa citação:

> *As grandes religiões, o Cristianismo em suas diferentes formas, o Maometanismo, e em grande parte o Budismo e o Comunismo* in excelsis *[...]; todas são religiões projetadas para controlar as massas de forma que elas trabalharão duro para que as classes governantes possam criar uma sociedade abastada e poderosa.*
>
> *Este controle pode ser chamado de reis, sacerdotes, nazistas ou comissários comunistas, não faz diferença; eles são todos o mesmo, embora alguns sejam mais cruéis que outros. Qualquer que seja a forma que se rotulem as políticas, elas são essencialmente idênticas, e estão vinculadas ao eterno 'policiamento moral' de seus súditos; e é necessário entender que qualquer força que de alguma forma obstrua ou interfira neste constante 'policiamento moral' sofrerá imediata oposição dos Poderes de Ser dessas 'religiões'. Pois em nenhuma delas será permitido que se tenha os próprios pensamentos secretos e os doces sonhos com a Mãe de Todos e com a Eterna Mãe que é gentil, carinhosa, afável e generosa. A beleza e a doçura são um terror para todas essas tiranias organizadas; portanto elas devem ser rebaixadas e escondidas ao máximo.*
>
> *Os comunistas e os nazistas, sendo totalmente cruéis, não apenas proibiram a liberdade de expressão e ação, mas também os cosméticos e roupas bonitas. Outras religiões menos poderosas tentam evitar roupas bonitas. Quanta monstruosidade as mulheres foram persuadidas a vestir, em nome da 'modéstia'! As religiões na realidade 'conduzem' os desfiles de modas em Paris e em outros lugares, a fim de forçar as mulheres a usarem enormes e volumosas saias que escondem as pernas, e todos os tipos de acessórios são*

[126] Idem, pp.25-26.

> *colocados para evitar que o corpo fique à mostra. As curvas devem ser cobertas ou aplainadas, e as garotas devem se esforçar ao máximo para parecerem garotos. 'Viva a Homossexualidade!' é o grito. Contanto que possamos manter as mentes dos homens afastadas de qualquer coisa doce e amável!*
>
> *Nossos rapazes e nossas meninas devem estar protegidos do que quer que os faça produzir 'pensamentos'. Assim, a arte deve consistir em rabiscos de crianças com significado obsceno. Na realidade, as pessoas acham melhor uma obscenidade reprimida, do que serem naturais e abençoados com a benção de Pan. Portanto, seu senso de beleza, sexo e natureza devem ser sistematicamente destruídos e eles devem ser ensinados que o 'Matrimônio foi estabelecido apenas para a procriação', reduzindo o amor humano ao nível da criação de gado.*
>
> *Pois se eles considerarem a beleza, nunca serão grandes Comissários. Eles nunca estarão prontos para trair sua pátria às ordens do 'Partido'. E, acima de tudo, eles nunca terão um emprego desalmado, ou a vocação de um fomentador de greves, ou um carrasco nazista, ou um dos 'Caçadores de Deus' Dominicanos que lideraram a Inquisição. Eles nunca teriam ajudado Savonarola a destruir todas as coisas adoráveis. Eles nunca seriam puritanos, tais como aqueles que fizeram da Inglaterra um enorme deserto e de cujos abusos ainda sofremos.* [...]
>
> *Sejam eles Comissários Vermelhos da Europa ou agentes 'MacCarthyite' na América; chefes da Gestapo no século XX ou padres caçadores de bruxas na Idade Média; espiritualmente eles pertencem à mesma família. O mesmo veneno negro os corrói; ânsia de poder, brotando dos medos e repressões da mente inconsciente*[127]*.*

Não é surpreendente que o parágrafo que se segue ao trecho acima inicie com "não havia espaço para esse tipo de espírito no culto da bruxa". Gardner, então com 75 anos, começava um esforço deliberado para divulgar a sua religião da bruxaria como *diferente* das religiões estabelecidas, cuja própria filosofia ia de encontro a padrões sociais vigentes que vinham sendo contestados, e que respondia aos

[127] Idem, pp.129-130.

anseios de uma determinada parcela da população.

No entanto, não adiantarei conclusões a respeito da popularização da *Wicca*, visto que este é o assunto do nosso próximo capítulo. Quis apenas registrar, para uma análise posterior, um dos eixos centrais do segundo livro não-ficcional de Gardner.

Abordemos agora um outro ponto. Como vimos, *A bruxaria hoje* e *O significado da bruxaria* respondem de forma razoavelmente satisfatória as perguntas que o público leigo, para o qual os livros se destinavam, poderia fazer a respeito da *origem* do culto, de seu *desenvolvimento* através dos tempos e da sua *sobrevivência* nos dias de hoje. Também dão indicações mais ou menos precisas sobre as crenças das bruxas. Tenho, até agora, chamado isso de o *mito* da bruxaria.

Levando em consideração, no entanto, que os próprios praticantes atuais da *Wicca* tendem a considerar esses dois livros de Gardner como fundamentais para a forma pela qual sua religião se desenvolveu, a partir da década de 1950, ou mesmo como *fundadores* da *Wicca*, é necessário averiguar o que se pode encontrar, na obra de Gardner, sobre o *rito* da bruxaria, ou seja: sobre a sua efetiva prática.

Como mencionei anteriormente, *A bruxaria hoje* não dá muitas pistas sobre essas práticas. *O significado da bruxaria*, embora mais explícito, não vai muito além. Desses dois livros podemos pinçar, basicamente, as seguintes informações: que os ritos das bruxas seriam feitos na nudez "tradicional", uma vez que "as bruxas acreditam que o poder reside no interior dos seus corpos" e, dessa forma, poderia ser retido pelas roupas[128]. Que esses ritos seriam conduzidos no interior do *círculo mágico*, de nove pés de diâmetro e traçado "com uma espada mágica afiada ou uma

---

[128] Gardner. *Bruxaria hoje*, p.23.

faca, conhecida como o Athame das bruxas", após o que seria "cuidadosamente purificado, assim como todos que celebrarão o rito"[129].

O Círculo das Bruxas, no entanto, ao contrário daquele traçado por magos e feiticeiros cerimoniais, não se destinaria à proteção do celebrante, mas sim a *concentrar* o poder que emana dos seus corpos, até o momento propício para liberá-lo, através do "Cone de Poder".

Podemos ler, também, que o uso de incenso e que o ato de tomar vinho como parte de uma espécie de banquete ritual, ao fim do culto, faz parte das cerimônias, assim como danças circulares. Sobre quais seriam esses ritos e quando seriam celebrados, Gardner nos diz que

> *Os quatro grandes sabás são:* Candlemas, May Eve, Lammas *e* Halloween*; os equinócios e solstícios também são celebrados, totalizando Oito Ocasiões de Rituais, como as bruxas assim os chamam. Nos grandes sabás todos os* covens *que pudessem reunir-se assim o fariam; mas além destes grandes Sabás, eram realizadas reuniões menores chamadas Esbás.* [...] *Tradicionalmente o Esbá é a reunião do* coven *local para discutir assuntos locais, ou simplesmente para diversão e é, ou deveria ser, realizado na lua cheia*[130]*.*

Um pouco mais a frente, no mesmo livro, Gardner apresenta datas para os grandes sabás ao relacioná-los com os festivais dos antigos druidas[131], mas a única descrição, ainda que concisa, de uma dessas cerimônias é a que consta em *A bruxaria hoje*:

> *Assisti a uma cerimônia muito interessante: o Caldeirão da Regeneração e a Dança da Roda, ou Yule, para fazer com que o sol renasça, ou com que o verão*

[129] Idem, p.29.
[130] Gardner. *O significado da bruxaria*, p.17.
[131] Idem, pp.79-80.

retorne. Em tese, deveria acontecer em 22 de dezembro[132]*, mas hoje em dia é realizada na data mais próxima em que seja conveniente para todos os membros. A cerimônia começa da maneira usual. O círculo é construído e purificado, sendo também os celebrantes purificados da maneira usual e os procedimentos normais do culto são cumpridos. Então, a pequena cerimônia é realizada (geralmente chamada 'Atraindo a Lua'). A Grande Sacerdotisa é vista como uma encarnação da Deusa. Segue-se a cerimônia do Bolo e do Vinho. Então um caldeirão (ou algo que o represente) é posto no meio do círculo, cheio de aguardente, e inflamado. Várias ervas, etc., são adicionadas. Então as sacerdotisas ficam perto dele, na posição de pentágono (deusa). A Grande Sacerdotisa fica de pé do lado oposto do caldeirão, liderando o canto. As outras formam um círculo, segurando suas tochas. Estas foram acesas no caldeirão em chamas e elas dançam em torno na direção 'solar', ou seja, no sentido horário.* [...] *Algumas vezes os pares se dão as mãos e pulam sobre o caldeirão em chamas, como pude ver. Quando o fogo se extingue, a sacerdotisa comanda as danças usuais. Segue-se a isso uma festa*[133]*.*

É forçoso admitir que expressões como "purificados da maneira usual", "procedimentos normais do culto", "posição de pentágono" e "danças usuais" pouco ou nada esclarecem por si. A não ser que admitamos que uma boa dose de imaginação foi acrescentada pelos futuros praticantes a esses elementos esparsos fornecidos por Gardner, seria impossível imaginar que toda uma complexa ritualística – incluindo ritos de iniciação, consagração de instrumentos, celebrações de oito festivais ao longo do ano, etc. – tenha se desenvolvido a partir deles, resultando no *rito* da *Wicca*.

No entanto, há outras fontes que precisam ser levadas em consideração. Como vimos, desde 1951, época de criação do Museu de Magia e Bruxaria de Castletown, Gardner já

---

[132] Data aproximada do solstício de inverno no hemisfério norte, o dia mais curto do ano.

[133] Gardner. *A bruxaria hoje*, pp.27-28.

celebrava em público, nas dependências deste museu, algumas cerimônias relacionadas ao culto das bruxas, e não apenas simples "feitiços" destinados a atrair a atenção da imprensa. A partir de 1952, pelo menos, ele próprio dirigia um *coven*, tendo como Grandes Sacerdotisas mulheres que, posteriormente, se tornaram grandes expoentes da *Wicca*, como a já citada Doreen Valiente, Ray Bone, Patrícia Crowther e Louis Bourne. Ou seja: na época que compreende o lançamento de seus dois principais livros, tudo indica que já havia uma base ritualística formada para a religião, mesmo que esta base, de forma deliberada, fosse apenas mencionada de passagem nesses livros.

Voltemos, então, aos dois livros anteriores de Gardner: *A Goddess Arrives*, de 1939, e *High Magic's Aid*, de 1949.

Embora, como dissemos anteriormente, *A Goddess Arrives* possua uma temática mística, centrada nas lembranças de uma vida passada do seu personagem principal, e apresente algumas descrições de rituais e um culto a uma divindade feminina, não encontramos nesse livro, diretamente, nenhum dos elementos específicos da religião da bruxaria de Gardner. Antes, o que nele se vê é o interesse do autor pela arqueologia e pela mitologia, provavelmente aguçado por sua passagem por sítios arqueológicos do Oriente Próximo, apenas três anos antes, quando de seu retorno à Inglaterra.

Não é, contudo, o que acontece com *High Magic's Aid*. Vale lembrar que o próprio Gardner afirmou posteriormente que as bruxas lhe haviam permitido revelar algumas de suas práticas através desse livro[134], desde que isso fosse feito sob forma de ficção. No entanto, o próprio Gardner admitiu qual era a fonte de onde ele retirou a maior parte dos

---

[134] Ver nota 111.

rituais mágicos descritos no livro, em uma nota de rodapé na introdução: de um conhecido grimório chamado *A Chave de Salomão*.

É preciso, porém, fazer uma distinção. Embora Gardner se refira ao livro como *Key of Solomon*, um manual de magia datado provavelmente do séc.XIV, ele acrescenta que utilizou a tradução de MacGregor Mathers. Logo, tudo indica que a fonte de Gardner trata-se de um outro livro, *The Lesser Key of Solomon*, ou *A chave menor de Salomão*, grimório datado no máximo do séc.XVII, inspirado no primeiro e em outras obras de demonologia, e com diversas versões e traduções. Aquela tradução, portanto, à qual Gardner se refere e à qual parece ter recorrido é *The Goetia: the Lesser Key of Solomon the King*, publicada originalmente em 1904 e assinada por ninguém menos que Samuel L. Mathers – fundador da Golden Dawn – e Aleister Crowley.

O enredo do livro gira em torno de um sábio estudioso de Alta Magia, Thur, que intenta ajudar, por meios mágicos, dois irmãos a recuperarem suas terras. No entanto, apesar de "possuir os pergaminhos com os ensinamentos"[135], não dispõe dos meios para fazer e consagrar os instrumentos apropriados:

> *Para fazer a espada eu preciso do Buril, para fazer o Buril eu devo ter uma faca de punho branco consagrada,* [e] *o Athame das bruxas. Elas, por sua vez, precisam ser feitas com o Buril*[136].

Dessa forma, uma vez que a confecção dos instrumentos mágicos dependia da posse dos punhais tradicionais de uma

[135] "The Parchments which give instruction". Gerald B. Gardner. *High Magic's Aid.* Essex: I-H-O Books, 1999, p.11.
[136] "To make the sword I need the Burin, to make the Burin I must have consecrated white-hilted knife, the witch's Athame. They in turn must be made by the Burin". Idem, p.12.

bruxa, o mago e os dois irmãos partem em busca da “Bruxa de Wanda”, a jovem Morven, que depois de alguma relutância aceita ajudá-los.

Uma boa parte do livro é dedicada à descrição dos rituais através dos quais Thur, auxiliado por Morven, prepara e consagra os diversos instrumentos necessários para a efetividade de sua magia. Ao longo desses capítulos, a própria Morven ou conversas entre os demais personagens vão revelando, de forma esparsa, o verdadeiro significado da bruxaria. Este significado, em suma, não difere do que Gardner viria apresentar nos dois livros seguintes: um antigo culto da fertilidade e de propiciação das colheitas, cujas sacerdotisas dominariam as artes da cura através das ervas e da magia. Vale ressaltar que, no prefácio à reedição do livro, datado de 1992, Patricia Crowther nos diz que

> *Tem-se dito que apenas as palavras de Morven, a heroína deste livro, devem ser entendidas como verdadeiramente autênticas. Isto é interessante em vista do que Gerald disse quando me presenteou com um exemplar de* High Magic’s Aid *em 1960, ‘Querida, preste atenção nas palavras de Morven, elas vão lhe ensinar muito’*[137].

Levando em consideração que 1960 foi o ano da iniciação de Patricia Crowther na *Wicca*, é interessante notar que, apesar de já ter publicado seus dois livros não ficcionais sobre bruxaria, Gardner ainda considerava o *High Magic’s Aid* como sendo de valia para instruir os que se iniciavam na religião.

De fato, o capítulo XVII do livro é crucial para nosso

---

[137] “It has been said that only the words spoken by Morven, this book’s heroine, are to be understood as truly authentic. This is interesting in view of what Gerald said when he presented me with a copy of *High Magic’s Aid* in 1960, ‘Darling, take notice of Morven’s words, they will teach you much’”. Idem, p.8.

objetivo. Nele, deixando de lado as operações mágicas retiradas do livro de Mathers e Crowley, Gardner descreve detalhadamente a iniciação dos três personagens masculinos – Thur, Jan e Olaf – no "culto das bruxas", levada a cabo por Morven. Em linhas gerais, a cerimônia descrita por Gardner é a seguinte: após traçar o círculo mágico com seu Athame e estando ambos nus, a jovem bruxa traz Jan até o limiar do círculo, dizendo

> *'Uma vez que não há nenhum outro irmão aqui eu devo ser tua madrinha, bem como sacerdotisa. Estou prestes a lhe fazer uma advertência, se você ainda estiver de acordo, responda-a com as palavras Perfeito Amor e Perfeita Confiança'.*
>
> *Então, colocando a ponta do seu Athame sobre o coração dele, disse:*
>
> *'Ó vós que estais no limiar, entre o agradável mundo dos homens e o os domínios dos temíveis senhores do Espaço Externo, tens a coragem de fazer a tentativa? Pois em verdade vos digo, seria melhor se atirar sobre meu punhal e perecer miseravelmente do que fazer a tentativa com medo em vosso coração'.*
>
> *Jan respondeu: 'Eu tenho duas senhas. Perfeito Amor e Perfeita Confiança'*[138].

Após essas palavras, o jovem é vendado e puxado para o interior do círculo. Suas mãos são amarradas por trás das costas, e a mesma corda é passada em torno de seu pescoço, deixando uma ponta pela qual ele é conduzido por Morven ao redor do círculo e apresentado às quatro direções como

---

[138] "'As there is no other brother here I must be thy sponsor as well as priest (sic). I am about to give you a warning, if you are still of the same mind, answer it with these words Perfect Love and Perfect Trust.'
Then, placing the point of her Athame to his heart said:
'O Thou who standest on the threshold, between the pleasant land of men and the domains of the dread lords of the Outer Spaces, hast Thou the courage to make the assay? For I tell thee verily, it were better to rush on my weapon and perish miserably than make the attempt with fear in thy heart.'
Jan answered: 'I have two passwords. Perfect Love and Perfect Trust'". Idem, p.181.

postulante ao sacerdócio. Em seguida, recebe da sacerdotisa o "beijo quíntuplo" – nos pés, nos joelhos, no sexo, no peito e nos lábios, sendo cada ósculo acompanhado de uma determinada frase ritual.

No momento seguinte, Morven pergunta a Jan se ele está pronto a jurar fidelidade à Arte e o adverte que precisa primeiro ser "purificado". É então levado a ajoelhar-se em frente ao altar, onde a corda que pende de seu pescoço é amarrada e puxada de forma a tolher seus movimentos. Seus tornozelos são igualmente amarrados. Morven pega um açoite sobre o altar e golpeia levemente o jovem nas nádegas, "primeiro três, depois sete, depois nove, depois vinte e uma vezes com o açoite (quarenta ao todo)"[139].

Em seguida, Jan presta o seu juramento de fidelidade ao culto, é desamarrado, recebe uma espécie de benção tripla, com óleo, vinho e beijos. O próximo passo da cerimônia é receber "os instrumentos de trabalho de uma bruxa"[140] – a espada mágica, o Athame, a faca de cabo branco, o incensário, o açoite e o cordão – com a devida explicação de seu uso.

Por fim, ambos percorrem novamente o círculo, com Morven proclamando para as quatro direções que Jan havia sido consagrado sacerdote e bruxo.

Pouco à frente, no mesmo capítulo, Gardner faz uma descrição mais breve de uma outra cerimônia, pela qual os três iniciados são elevados à categoria de Altos Sacerdotes. Não há grandes diferenças da primeira, mas é importante ressaltar que surge nessa descrição outra máxima da bruxaria moderna: a lei do "tríplice retorno", ou seja, que tudo que um bruxo fizer deverá retornar triplicado[141].

---

[139] "[...] first three, then seven, then nine, then twenty one strokes with the scourge (forty in all)". Idem, p.182.
[140] "[...] the working tools of a witch". Idem, p.183.
[141] Gardner. *Significado da bruxaria*, p.188.

Uma vez que o *High Magis's Aid* é uma obra de ficção, todas essas descrições poderiam ser consideradas como de menor importância, não fosse por uma circunstância específica: nos anos que se seguiram à sua publicação, começaram a se tornar públicas as primeiras versões recompiladas de textos amplamente atribuídos à Gardner e seus primeiros colaboradores, cujo conjunto formaria um registro "secreto" dos rituais e práticas da bruxaria. O conteúdo desses textos, alguns anteriores à publicação do livro, era em muitos pontos idêntico às descrições do *High Magic's Aid*.

O conjunto dos textos em questão ficou conhecido como o "Livro das Sombras"[142] de Gardner, um registro manuscrito dos rituais de uma bruxa, nos moldes em que o autor, posteriormente[143], afirmaria que era tradicionalmente mantido. Embora este grimório tenha sido copiado, recopiado e adaptado ao longo dos anos – o próprio Gardner escreveu diversas versões – estando hoje em dia amplamente disponível na Internet, todas as versões posteriores parecem derivar de dois manuscritos iniciais de Gardner. Um deles foi chamado pelo próprio autor de *Ye Bok of Ye Art Magical*, e data provavelmente de 1948. O outro é um manuscrito sem título, posterior ao *Ye Bok*, que foi oferecido a Doreen Valiente por Gardner, em 1953, e que serviu para que ela compilasse o seu próprio "Livro das Sombras"[144]. Este último texto ficou conhecido, graças ao trabalho de Janet e Stewart Farrar, como "Texto A"[145].

O conteúdo de ambos os manuscritos é bastante semelhante. Como nos diz Philip Heselton, consistem

---

[142] O termo "Livro das Sombras" parece ter sido retirado de um artigo publicado em *The Occult Observer*, em 1949, que descrevia um manual divinatório com este nome. Hutton. Op. cit., pp.232-233.

[143] Em *Bruxaria hoje* e *O significado da bruxaria*.

[144] Heselton. *Cauldron of Inspiration*, pp.279-281.

[145] Farrar. *The Witche's Way*, p.3.

basicamente em

> [...] *instruções para criar e encerrar um círculo mágico; procedimentos para invocar a Deusa no corpo da Sacerdotisa (conhecido como 'puxar a Lua') [...]; e procedimentos para a consagração de instrumentos mágicos. Rituais para iniciação no 1º, 2º e 3º graus estão inclusos, assim como rituais para serem executados nos festivais sazonais*[146]*.*

O que chama a atenção, no entanto, é a grande semelhança entre as invocações e os rituais contidos nesses manuscritos e aqueles descritos no *High Magic's Aid*. A cerimônia de iniciação que descrevemos anteriormente aparece em todos os seus detalhes e frases específicas de consagrações são repetidas literalmente, inclusive com seu arremedo de inglês arcaico. É possível afirmar, portanto, que Gardner já vinha compilando e adaptando rituais e invocações de diversas fontes antes de compor a sua obra de ficção, e que esta compilação foi a base dos posteriores registros da ritualística da *Wicca*.

Discutiremos sobre essas fontes no próximo tópico. Pelo exposto até agora, no entanto, é possível afirmar que, entre fins da década de 1940 e início da década de 1950, ainda antes da publicação de seus dois principais livros, as práticas rituais da bruxaria de Gardner já estavam estabelecidas. Em linhas gerais, o *mito* envolvendo as origens da religião também estava, embora tenha sido consideravelmente elaborado no decorrer da segunda metade dos anos cinqüenta.

---

[146] "instructions for casting and closing a magic circle; procedures for invoking the Goddess into the body of the Priestess (know as 'Drawing Down the Moon'); and procedures for the consecration of magical tools. Ritual for initiation into the 1st, 2nd and 3rd degrees are included as are rituals to be performed at the seasonal festivals". Heselton. *Cauldron of Inspiration*, p.278.

2.4. *Wicca*: criação ou sistematização?

High Magic's Aid, publicado em 1949. Os primeiros manuscritos do "Livro das Sombras", escritos antes do início da década de 1950 e revisados a partir de 1953 com a ajuda de Doreen Valiente. *Bruxaria hoje*, publicado em 1954. *O significado da bruxaria*, de 1959. Ao longo de dez anos e de quatro obras principais de um único autor – um funcionário aposentado da Coroa Britânica, sem instrução formal e apaixonado pelo ocultismo e pela arqueologia – a bruxaria deixou de ser algo pertencente ao passado ou ao campo das crendices populares para se tornar uma religião viva, com um crescente número de adeptos. E, no decorrer dos dez anos seguintes, deixaria a Inglaterra para espalhar-se, através dos EUA, para praticamente todo o mundo ocidental.

Resta-nos, neste capítulo, tentar responder uma das perguntas que nos propusemos. Terá Gardner, a partir de seus próprios interesses e reunindo conhecimentos acumulados ao longo de sua vida, criado a partir do zero sua "religião da bruxaria"? Ou terá ele, usando elementos estranhos a um culto pré-existente, sistematizado e revitalizado este mesmo culto?

Para isso, buscarei reunir as informações expostas no primeiro capítulo deste trabalho com aquelas introduzidas neste segundo capítulo. Acrescentarei, é claro, outros elementos mais específicos para embasar minhas conclusões.

Em primeiro lugar, é preciso deixar claro um ponto. Embora possua elementos tradicionais que *efetivamente* faziam parte de crenças e práticas religiosas de povos pagãos europeus, a *Wicca* é uma *nova religião*, criada por Gardner e seus seguidores imediatos no início da década de 1950. O que está em discussão aqui não é, de forma alguma,

a possibilidade da *Wicca* ser a continuidade de alguma "Antiga religião" da bruxaria, apenas divulgada por Gardner. Nosso ponto é simplesmente procurar determinar a partir de que bases essa nova religião se formou.

Como no tópico anterior, abordarei separadamente o *mito* da *Wicca* – história e crenças – e o seu *rito* – práticas ritualísticas – uma vez que esses dois aspectos possuem origens distintas.

As fontes do *mito* da *Wicca* são claras e facilmente reconhecíveis. Como nos diz a antropóloga Sabina Magliocco, "muitos dos elementos da Bruxaria restaurada já estavam em seu devido lugar quando Gardner nasceu"[147]. Os demais foram acrescentados ainda durante seus anos de afastamento da Inglaterra, mas certamente lhe eram familiares, ou pelo menos se lhe tornaram familiares quando do seu retorno, até mesmo pela sua filiação à *Folk-Lore Society*.

Tanto a idéia de uma religião neolítica primitiva – um culto da fertilidade envolvendo uma Deusa da natureza e um Deus da vegetação – quanto a idéia da sobrevivência deste culto no cerne das atuais religiões, como vimos no primeiro capítulo, já estavam presentes no *The Golden Bough* de Sir James Frazer. Contudo, Frazer em si não foi uma influência direta na criação do *mito* da *Wicca*. Seu trabalho, no entanto, influenciou toda uma geração de antropólogos e, entre eles, aquela que foi a verdadeira precursora deste mito: a Dra. Margaret Murray.

Não é preciso avançar muito na leitura de *O culto das bruxas na Europa Ocidental*, da Dra. Murray, para encontrarmos quase todos os elementos presentes no *Bruxaria hoje*, de Gardner. Já na introdução podemos ler que aquilo

---

[147] "Many of the elements of revival Witchcraft were already in place by the time Gardner was born". Sabina Magliocco. *Witching Culture: Folklore and Neo-Paganism in América*. Philadelfia: University of Pennsylvania Press, 2004, p.48.

que ela chama de Bruxaria Cerimonial, ou Culto Diânico

> [...] *acolhe as crenças religiosas e os rituais das pessoas conhecidas na época medieval como 'Bruxas'. As evidências mostram que abaixo da religião cristã havia um culto praticado por muitas classes da sociedade* [...], *que pode ser considerado uma antiga religião da Europa Ocidental na época pré-cristã*[148].

Pouco adiante, Murray nos fala na organização das bruxas em *covens* de 13 membros, no qual havia uma mulher-chefe que "era frequentemente identificada como a Rainha das Fadas"[149] e prossegue dizendo que

> [...] *trata-se de um campo comum da Antropologia que os contos de fadas e os duendes preservam a tradição de uma raça anã que habitava o norte da Europa Ocidental.*[...] *O reconhecimento das bruxas com os anões ou fadas nos proporciona um conceito claro sobre a antiga civilização européia, especialmente em relação a suas idéias religiosas*[150].

Ao mencionar as assembléias das bruxas, Murray explica que

> *Havia dois tipos de assembléias: uma conhecida como Sabbath, que era o encontro geral de todos os membros da religião; a outra, a qual eu passo à autoridade de Estebène de Cambrue – para o nome de Esbat, que era somente para um número especial e limitado que conduzia os ritos e as práticas do culto, e não para o público em geral*[151].

Algumas páginas adiante, a autora explicita as datas em que os oito sabás eram comemorados e comenta sobre a incorporação de alguns costumes tradicionais dessas

---

[148] Murray. *O culto das bruxas na Europa Ocidental*, p.17.
[149] Idem, p.18.
[150] Idem, p.19.
[151] Idem, p.87.

festividades nas festas cristãs[152]. Vale lembrar, igualmente, que é nessa obra que a Dra. Murray defende a idéia que Joana D'Arc foi condenada por ser uma sacerdotisa do Culto Diânico[153], idéia esta defendida igualmente por Gardner[154], com basicamente os mesmos argumentos.

Julgo não ser necessário nos estendermos em outros exemplos. Evidentemente, há pitadas de outros autores nos dois livros não-ficcionais de Gardner, mas o cerne da sua religião da bruxaria está claramente centrado no trabalho da Dra. Murray. Talvez o único acréscimo significativo da lavra do próprio Gardner tenha sido a idéia de que as bruxas acreditavam em reencarnação, reflexo, é claro, de suas próprias crenças.

Vale lembrar, como nos diz a Profª. Magliocco, que embora interpretações das antigas religiões ocidentais como as de Frazer e Murray

> [...] *tivessem sido há muito rejeitadas pela comunidade acadêmica em 1954, elas estavam de acordo com as análises sobrevivencialistas que folcloristas e antropólogos estavam fazendo na juventude de Gardner, cinqüenta anos antes, e que permaneceram prevalentes na cultura popular*[155].

As origens do arcabouço ritual da *Wicca* não são tão claras, mas podem igualmente ser traçadas. Uma boa parte delas provém das sociedades secretas que surgiram a partir da Maçonaria, no século XIX, ou, em última instância, da própria Maçonaria. Isso fica claro nos rituais de iniciação, descritos no *High Magic's Aid* e no "Livro das

[152] Idem, p.97.
[153] Idem, pp.248-252.
[154] Gardner. *O significado da bruxaria*, pp.121-123.
[155] "[...] had long been rejected by the academic comunity in 1954, they are in keeping with the survivalist analyses that folklorists and anthropologists were making in Gardner's youth, fifty years earlier, and which remained prevalent in popular culture". Magliocco. Op. cit., p.51.

Sombras".

Como adiantamos no primeiro capítulo, as iniciações maçônicas também eram feitas com o postulante desnudado, vendado, amarrado. Seu juramento era prestado sob a ameaça de uma espada e, em seguida, a ele eram apresentadas as "ferramentas do ofício". Já nos referimos, igualmente, à frase "merry meet and merry part and merry meet again", característica do encerramento dos rituais da *Wicca* como tendo origem maçônica. Outra frase que se incorporou ao rito da *Wicca* é "so mote it be", significando "que assim seja" ou "que assim se faça"[156], que também é uma expressão maçônica em sua origem. Note-se, ainda, que a Maçonaria, assim como a *Wicca*, admite universalmente três graus de iniciação (aprendiz, companheiro e mestre), embora haja inúmeras variações nos demais graus de acordo com o rito.

Não há evidências que Gardner tenha tido algum envolvimento mais profundo com a maçonaria. Segundo Bracelin, ele freqüentou reuniões da loja maçônica Sphinx, em Colombo, Ceilão, durante o ano de 1908[157]. Nesse período, no entanto, Gardner tinha apenas 24 anos e, segundo Heselton, teria atingido apenas o grau mais baixo, de "entered apprentice"[158]. Mesmo assim, teria passado pelo menos por uma cerimônia de iniciação nesse grau.

A respeito das influências maçônicas na religião das bruxas, Gardner, curiosamente, nos diz:

> *Há também algumas semelhanças com partes hoje em dia sem importância da maçonaria; mas enquanto o trabalho maçônico parece ser de pouca utilidade, ou, em outras palavras, não funcionar, a prática das bruxas é mais útil. Quem quer que testemunhe a ambas se convence de que uma foi copiada da outra e acredita que o trabalho*

---

[156] "Mote" é uma forma arcaica do verbo "may".
[157] Bracelin. Op. cit., p.35.
[158] Heselton. *Cauldron of Inspiration*, p.291.

> *das bruxas deve ser o original, antes de ter sido 'censurado'*[159].

Não podemos nos esquecer, igualmente, que a maçonaria foi a matriz da *Rosacrucian Society in England*, da qual fez parte Samuel L. Mathers (ele mesmo maçom de alto grau), que por sua vez fundou a *Hermetic Order of the Golden Dawn*. Mathers, como já dissemos, foi o tradutor da *Chave Menor de Salomão*, obra de referência usada por Gardner para compor os rituais constantes no *High Magic's Aid* e posteriormente incluídos no "Livro das Sombras". Dessa forma, a influência maçônica na *Wicca* pode ter sido tanto direta quanto indireta, através da *Golden Dawn*.

Vale lembrar que o uso de elementos da *Golden Dawn* por Gardner é citado em notas de rodapé de dois livros do casal Janet e Stewart Farrar[160]. A própria Janet Farrar, aliás, confirmou para mim a existência desta influência (e de outras sociedades ocultistas) nos trabalhos de Gardner[161].

O co-autor da *Chave menor de Salomão*, Aleister Crowley, também teve bastante influência na criação do rito da *Wicca*. Alguns detratores de Gardner chegaram a afirmar que o texto original do "Livro das Sombras" teria sido escrito por Crowley, e não por Gardner, mas não há evidências disso. O que se pode afirmar com segurança é que os encontros com Crowley em 1947 produziram forte impressão em Gardner, como afirma Heselton, citando Doreen Valiente[162], e que diversos trechos dos rituais de iniciação, das cerimônias dos sabás e mesmo da cerimônia de "Puxar a Lua", contidos no *Ye Bok of Ye Art Magical* foram claramente inspirados na Missa Gnóstica de Crowley.

---

[159] Gardner. *Bruxaria hoje*, p.92.
[160] Por exemplo, Farrar. *Oito sabás para bruxas*, p.37 e *The Witche's Way*, pp.301-302.
[161] Em correspondência por *email* datada de 23/10/2007.
[162] Heselton. *Cauldron of Inspiration*, pp.297-298.

A respeito da influência de Mathers e Crowley na *Wicca*, o próprio Gardner nos dá uma pista, em *Bruxaria Hoje*:

> *O único homem que conheço que pode ter inventado ritos (da bruxaria) é o saudoso Aleister Crowley. Quando o encontrei, ele estava mais interessado em ouvir que eu era um membro e disse que ingressara ainda muito jovem, mas que não diria se havia reescrito algo ou não.* [...] *Há porém certas expressões e certas palavras utilizadas que batem com as de Crowley; possivelmente ele emprestou alguma coisa dos escritos do culto, ou mais provavelmente outra pessoa emprestou alguma coisa dele.* [...] *As pessoas que certamente teriam tido o conhecimento e a habilidade para inventá-los (os ritos) eram as pessoas que formavam a Ordem da Aurora Dourada há cerca de setenta anos, mas, conhecendo seus fins e objetivos, acho que é a última coisa que eles teriam feito*[163]*.*

Outra influência patente, especialmente em determinados textos do "Livro das Sombras" consolidados no período de colaboração com Doreen Valiente (a partir de 1953), é a obra já citada *Aradia: o evangelho das bruxas*, de Charles Leland. Em *Aradia*, podemos ler a seguinte passagem em verso:

> *Sempre que precisardes de algo,*
> *Uma vez por mês, quando a lua estiver plena,*
> *Reuni-vos em algum local deserto,*
> *Ou em assembléia num bosque*
> *Para adorar o poderoso espírito de sua rainha,*
> *Minha mãe, a grande Diana.*
> *Àquela que de bom grado*
> *Aprender toda a magia, mas que ainda não domina*
> *Seus mais profundos segredos, minha mãe irá*
> *Ensinar, na verdade, todas as coisas ainda desconhecidas.*
> *E sereis libertos de qualquer escravidão,*
> *E sereis livres para qualquer coisa;*
> *E como sinal de sua inequívoca liberdade,*

[163] Gardner. *Bruxaria hoje*, p.48-49.

Deveis comparecer desnudos em seus ritos,
Tanto homens quanto mulheres[164].

Pouco adiante, encontramos um trecho intitulado "Conjuração de Diana", que termina da seguinte forma:

Em tua honra celebrarei este banquete,
Festejarei e secarei por completo o cálice,
Dançaremos e saltaremos animadamente,
E se me concedes a graça que tanto desejo,
Então, quando a dança atingir seu apogeu, todas as luzes
Serão apagadas, e nos amaremos livremente[165]*!*

É interessante compararmos os trechos acima com um dos principais textos da *Wicca*, conhecido como "Carga da Deusa". A tradução que apresentamos abaixo é a que consta no livro dos Farrar, *Oito sabás para bruxas*, mas difere muito pouco do texto que, segundo Aidan Kelly[166], data de 1949 e constaria, portanto, do *Ye Bok of Ye Art Magical*:

Sempre que tiveres necessidade de qualquer coisa, uma vez ao mês, e melhor se for quando a lua é cheia, vós vos reunireis em algum sítio secreto e adorareis meu espírito, que sou Rainha de todas as bruxas. Aí devereis reunir-vos, vós que sois desejosos de aprender toda bruxaria, e que, não obstante, não conquistastes seus segredos mais profundos; a estes eu ensinarei coisas que ainda são ignotas. E vós estareis livres da escravidão e, como um sinal que sereis realmente livres, estareis nus em vossos ritos; e dançareis, cantareis, banqueteareis, fareis música e amor, tudo em meu louvor [...][167].

Embora a "Carga", especialmente depois de adaptada por Doreen Valiente no início dos anos 1950, seja mais extensa,

---

164 Leland. Op. cit., p.34.
165 Idem, p.40.
166 Aidan Kelly. *Gardnerian Book of Shadows*. Texto disponível em <http://www.sacred-texts.com/pag/gbos/>, acessado em 15/04/2008.
167 Farrar. *Oito sabás para bruxas*, p.41.

este trecho inicial não se trata de simples adaptação, mas é virtualmente idêntico ao que consta do livro de Leland.

Os elementos que apresentamos até agora talvez fossem suficientes para concluirmos que Gardner, partindo de seus conhecimentos sobre ocultismo e folclore e baseando-se em teorias antropológicas que, apesar de caducas, estavam estabelecidas na cultura popular, *criou* sua religião da bruxaria, provavelmente após seu contato com Crowley, em 1947, e sua "desilusão" com os métodos e com o futuro da Magia Cerimonial. No entanto, antes de concluirmos dessa forma, examinemos algumas outras opiniões sobre o assunto.

Em primeiro lugar, a própria versão de Gardner. Em sua biografia, Jack Bracelin nos conta que, após conhecer algumas pessoas no âmbito da *Crotona Fellowship*, em 1939, Gardner teve certeza que essas pessoas guardavam entre elas algum segredo, que não tinha ligação com as atividades da Ordem ou do Teatro Rosacruciano. Segundo Bracelin,

> *Gardner sentiu-se encantado* [ao perceber] *que seria admitido no seu segredo. E assim se deu, poucos dias após o início da guerra, ele foi levado a uma grande casa na vizinhança. Ela pertencia a 'Old Dorothy' – uma senhora de destaque na comunidade e bastante próspera. Ela invariavelmente usava um colar de pérolas, que valia cerca de 5000 libras, na época.*
>
> *Foi nesta casa que ele foi iniciado na bruxaria. Estava bastante distraído, a princípio, quando foi despido e levado a um local 'devidamente preparado' para levar a cabo sua iniciação.*
>
> *Metade desta já havia decorrido quando a palavra Wica foi mencionada pela primeira vez: 'e então eu soube que aquilo que eu imaginava extinto há centenas de anos ainda sobrevivia'*[168]*.*

[168] "Gardner felt delighted that he was to be let into their secret. Thus it was that, a few days after the war had started, he was taken to a big house in the neighbourhood. This belonged to 'Old Dorothy' –a lady of note in the district, 'county' and very well-to-do. She invariably wore a pearl necklace, worth some £5,000 at the time.

It was in this house that he was initiated into witchcraft. He was very amused at first, when he was stripped naked and brought into

Tanto Doreen Valiente quanto Philip Heselton buscaram comprovar não apenas a existência de “Old Dorothy” quanto a sua ligação com algum tipo de culto da bruxaria, na qual ela pudesse, como Grande Sacerdotisa, ter iniciado Gardner em 1939. Depois de uma cansativa busca nos registros ingleses, que durou de fins de 1980 a início de 1982, Valiente conseguiu determinar que efetivamente existira uma Dorothy que residira na área de New Forest e que correspondia à descrição de Gardner: uma senhora de posses que, ao morrer em 1951, aos 70 anos de idade, deixara um testamento no valor de 60 mil libras, no qual constavam algumas pérolas bastante valiosas[169].

A busca de Doreen Valiente, no entanto, limitou-se a isso: resultou na obtenção de um registro de batismo, de um registro de casamento, de um atestado de óbito e do testamento de Dorothy St. Quintin Clutterbuck, nascida na Índia, filha de um oficial do exército britânico e que, após casar-se, passara a chamar-se Dorothy St. Quintin Fordham.

Heselton foi bem além em sua pesquisa. Em seu livro *Wiccan Roots*, conseguiu traçar uma biografia bastante detalhada de Dorothy Clutterbuck, que a mostra como uma senhora abastada, membro ativo de várias organizações da sociedade local, incluindo o Partido Conservador. Tendo acesso aos “diários” de Dorothy – na verdade cadernos onde ela registrava pensamentos e poesias – Heselton julgou ter encontrado evidências de sua ligação com a bruxaria. Na verdade, ele selecionou trechos de suas poesias que se referem à natureza, a determinadas épocas do ano (inclusive

---

a place ‘properly prepared’ to undergo his initiation.

It was halfway through when the word Wica was first mentioned: ‘and I then knew that that which I had thought burnt out hundreds of years ago still survived’”. Bracelin. Opus cit., p.165.

[169] Doreen Valiente. *The search for Old Dorothy* in Farrar. *The Witches Way*, p.283-293.

o Natal!) e as interpreta como sendo provas de seu "paganismo". Ao final de quatro capítulos sobre o assunto, conclui:

> *De qualquer forma, o nome 'Dorothy Clutterbuck' soa como um nome de bruxa! Sua caligrafia tem sido descrita como 'bruxa' e seus D's maiúsculos são como símbolos lunares e bastante impressionantes. Sua casa e seu jardim no vale são tudo que uma casa de bruxa deveria ser. Dessa forma, não é improvável que ela tenha sido considerada uma bruxa pelos moradores locais. Na verdade, se ela não era uma bruxa, certamente deveria ter sido! De qualquer forma, ela provavelmente foi*[170]*!*

Com certeza, tudo muito inconclusivo, além de não haver, mesmo na extensa pesquisa de Heselton – e com seu método bastante parcial – nenhuma evidência da ligação de Gardner com Dorothy. Se ele a conheceu, foi como todos os outros moradores da região a conheceram: como uma destacada figura local. Vale notar que são inúmeras as referências ao senso de humor peculiar de Gardner. Nada impede, portanto, que ele, ao querer nomear uma suposta Grande Sacerdotisa do *coven* que o iniciou, tenha deixado indícios (e apenas indícios) que levariam a uma velha viúva rica, então já falecida.

A opinião do Prof. Ronald Hutton, embora ele busque, no seu livro, manter-se aberto a outras possibilidades, é que a *Wicca* foi inteiramente criada por Gardner em fins da década de 1940, ou pelo menos rascunhada, e que foi tomando forma nos anos seguintes, ao mesmo tempo em que ele formava

---

[170] "And yet, the name 'Dorothy Clutterbuck' sounds like a witch's name! Her handwriting has been described as 'witchy' and her capital D's are like moon symbols and very striking. Her house and garden in the glen are all that a witch's house should be. So, it is not unlikely that she might have been considered a witch by local residents. Indeed, if she wasn't a witch, then she certainly ought to have been! Then again, she might actually have been one!" Heselton. *Wiccan Roots*, p.204.

seus primeiros *covens* e buscava desesperadamente divulgá-la, desvinculá-la da idéia da prática de magia negra e torná-la uma religião estabelecida. O parágrafo seguinte expressa de forma resumida o pensamento do Prof. Hutton:

> [...] *Gerald Gardner aposentou-se na Inglaterra em 1936 cheio de energia e determinado a encontrar um novo, gratificante e proeminente papel para si mesmo, nessa sua nova circunstância de inatividade. Primeiro ele tentou o caminho acadêmico, publicando mais do seu material Malaio, entrando para a* Folk-Lore Society *e visitando escavações arqueológicas. Então, quando a aproximação da guerra o levou a mudar-se da capital para Highcliffe, ele juntou-se ao Teatro Rosacruciano e em seguida alistou-se na patrulha contra ataques aéreos. Quando isso perdeu importância, voltou-se para a história local, liderando a sociedade adequada e fazendo campanha para fundar um museu. O fracasso desse projeto e o fim da guerra o encorajaram a voltar para Londres e obter um alto posto administrativo na* Folk-Lore Society *e na Ordem Druídica. A partir de 1946 ele buscou deliberadamente um papel de liderança na magia ritual, adquirindo um local perfeito para um grupo de trabalho próximo a Londres e em seguida aproximando-se do principal mago ritual da Inglaterra para obter seu aconselhamento e autorização. Tendo obtido ambos, ele tentou reviver a OTO na Inglaterra como um veículo para os seus planos e, tendo falhado em fazê-lo, dedicou-se em seguida a reviver a antiga religião da bruxaria pagã, como descrita por Margaret Murray, mas num formato adaptado aos seus próprios gostos e experiências. Dessa vez ele teve sucesso, espetacularmente, e assim ganhou o seu lugar na história*[171].

---

[171] "[...] Gerald Gardner retired to England in 1936 bursting with energy and determined to find a new, fulfilling, and prominent role for himself in his new, leisured circumstances. First, he tried the route of scholarship, publishing more of his Malaysian material, joining the Folk-Lore Society, and visiting archeological digs. Then, when the war drove him out of the capital to Highcliffe, he joined the Rosicrucian Theatre and then threw himself into air raid patrol duties. When these were less urgent he turned to local history, leading the appropriate society and campaigning to found a museum. The failure of this project and the end of war encouraged his return to London and attainment of high administrative office in the Folk-Lore Society and the Druid Order. From 1946 onward he determinedly sought a leading role in ritual magic, acquiring the perfect setting for a working group near London and then approaching England's leading

Ainda segundo Hutton, a *Wicca* foi uma tradição criada e divulgada às pressas, uma vez que Gardner "anunciou sua religião para a imprensa quando apenas o formato básico de suas crenças e cerimônias estava pronto"[172]. Ele atribui isso ao estado de saúde de Gardner, progressivamente pior ao longo dos anos 50, e à sensação que ele provavelmente tinha de que poderia morrer a qualquer momento, devotando-se então com o máximo de sua energia à tarefa de fazer com que sua religião sobrevivesse a ele.

Para o prof. Chas Clifton, da Universidade do Colorado, embora ele mesmo seja um adepto do neopaganismo,

> "[...] *a busca* [de Gardner] *nos anos 40 sugere que Gardner ainda não havia encontrado a* Wicca *ou, mais provavelmente, que ela ainda não existia sob este nome como uma religião de mistérios pagã auto-consciente. A* Wicca *gardneriana parece ser uma criação pós-Segunda Guerra Mundial*"[173].

Clifton, portanto, deixa em aberto a possibilidade da existência de algo semelhante à *Wicca* antes de Gardner, que ele teria adaptado e divulgado, mas é da opinião que tudo que pode ser encontrado antes dos anos 50 é apenas a cortina de fumaça que o próprio Gardner lançou sobre as origens de sua religião.

Sabina Magliocco, antropóloga da Universidade da

---

ritual magician for advice and authorization. Having obtained both, he attempted to revive the OTO in England as a vehicle for his plans, and having failed to do so, turned at once to reviving the ancient religion of pagan witchcraft, as described by Margaret Murray b ut in a form suited to his own tastes and experience, instead. This time he succeeded, spectacularly, and so won his place in history". Hutton. Op. cit., pp.238-239.

[172] "He announced his religion to the press when only the basic format of its ceremonies and beliefs had been estabilished". Idem, p.242.

[173] "[...] the search of the 1940s suggests either that Gardner had not yet found Wicca, or, more likely, that it did not exist under that name as a self-conscious Pagan mistery religion. Gardnerian Wicca appears to be a post-World War II creation". Chas Clifton. *Her Hidden Children: The Rise of Wicca and Paganism in América*. Lanham: Rowman Altamira, 2006, p.88.

Califórnia, baseia-se especialmente nas evidências fornecidas pelo *Ye Bok of Ye Art Magical* para traçar suas hipóteses a respeito do surgimento da *Wicca*. Ela também admite como possível a hipótese de Gardner ter simplesmente criado a *Wicca* e, em seguida, escrito o *Ye Bok* com a intenção de que aquelas partes originais[174] parecessem *ter sido copiadas* de alguma outra fonte.

No entanto, Magliocco parece preferir duas outras hipóteses: uma delas seria a existência, já na década de 1930, de um grupo de ocultistas britânicos que praticavam algum tipo de "bruxaria", nos moldes das teses de Murray, com "rituais baseados em estruturas maçônicas, sobrepostos a material da *Chave de Salomão* de MacGregor Mathers e outros textos mágicos contemporâneos"[175]. Gardner teria encontrado este grupo entre os membros da *Crotona Fellowship*, unido-se a ele e, posteriormente, adaptado e divulgado essas práticas como a sua "religião da bruxaria".

A outra hipótese seria a de Gardner, como fizeram vários folcloristas do séc.XIX, ter acreditado encontrar elementos de uma tradição ancestral nas práticas da *Crotona Fellowship* e, dessa forma, ter buscado recriar essa tradição, utilizando como base as idéias de Frazer, Murray e Leland. Segundo ela,

> *Se esta hipótese for verdadeira, Gardner estaria trabalhando dentro da tradição dos folcloristas do século dezenove, os quais, na tentativa de reconstituir antigas tradições, forjaram novas, que criaram reivindicações de culturas nacionais. O* Bruxaria Hoje *de Gardner, então, deve ser considerado próximo ao* Kalevala *de Elias Lönnrot, ao* Ossian, *de James Macpherson* ou ao Kinderund Hausmärchen, *dos*

---

[174] Na verdade, aquelas poucas que não eram identificáveis como cópias de Mathers, Crowley ou Leland.

[175] "Rituals based on Masonic structures, overlaid with materials from MacGregos Mathers *Key of Solomon* and from other contemporary magical texts". Magliocco. Op.cit., p.53.

Grimm[176].

Pessoalmente, creio que esta última hipótese dificilmente pode ser considerada. Mesmo que em 1939 Gardner ainda não possuísse o conhecimento de magia ritual que lhe permitisse identificar as fontes principais dos rituais a que fora apresentado, ou dos quais fizera parte, em 1948, quando escreveu o *Ye Bok*, ele certamente o possuía. Logo, não poderia estar tentando, conscientemente e de forma sincera, recriar algo que lhe parecia uma "tradição ancestral". Muito menos estaria fazendo isso ao escrever o *Bruxaria hoje*, em 1954, depois de ter admitido, na introdução ao *High Magic's Aid*, que utilizara abundantemente o livro de MacGregor Mathers como fonte de seus rituais.

Por outro lado, acho que a outra hipótese da Dra. Magliocco não pode ser completamente descartada. Entre os membros da *Crotona Fellowship* poderia, efetivamente, haver um grupo de pessoas que estivessem empenhadas em recriar uma "religião da bruxaria" nos moldes de Murray. Essas pessoas podem ter convidado e "iniciado" Gardner nesse protótipo de religião recriacionista. Ele, no entanto, não teria dado maior importância a isso – principalmente conhecendo as crenças esdrúxulas dos membros da Ordem, às quais nos referimos anteriormente – até depois da guerra e de suas tentativas de obter notoriedade através da magia ritual terem falhado.

Essa hipótese seria consistente com o artigo da

---

[176] "If this hypothesis is true, Gardner was working in the tradition of nineteenth-century folklorists, who, in the attempt to restore ancient traditions, forged new ones that led to reclamation of national cultures. Gardner's *Witchcraft* Today, then, must be considered next to Elias Lönnrot's *Kalevala*, James Macpherson's *Ossian*, and the Grimms' *Kinderund Hausmärchen*". Idem, p.54.

Illustrated[177], de 1952, falando da "antiga religião" como um culto em ascensão na Inglaterra, e não como uma iniciativa isolada de Gardner ou de Cecil Willianson. No entanto, fora a breve citação nesse artigo, não existem outras evidências de qualquer tipo de "religião da bruxaria" em desenvolvimento na Inglaterra dos anos 50. Aliás, pelo que se depreende da leitura da obra do prof. Hutton, todos os indivíduos ou grupos que reivindicaram serem os portadores da "verdadeira bruxaria ancestral", em oposição a Gardner, apenas o fizeram *depois* da publicação do *Bruxaria hoje*, em 1954[178].

É preciso admitir que talvez nunca seja possível determinar com absoluta segurança se a *Wicca* foi uma criação individual de Gardner ou a sua contribuição para algum tipo de culto pré-existente. Os indícios que examinamos me levam a crer que a primeira suposição é a correta: em algum momento após os seus encontros com Aleister Crowley, em 1947, e sua tentativa frustrada de destacar-se como mago ritual, Gardner começou a compilar e adaptar rituais e invocações que constavam da literatura mágica contemporânea e dos ritos das sociedades iniciáticas. Aos poucos, esses rituais foram sendo costurados entre si através da idéia do "culto das bruxas" de Murray e de outras teorias com as quais ele estava familiarizado, em seus anos de *Folk-Lore Society*.

Este último processo, no entanto, ainda não estava completo quando ele começou a divulgar sua religião, no início dos anos 50, e parece ter se completado apenas ao longo da década, através da colaboração das Grandes Sacerdotisas do seu próprio *coven*, em especial Doreen Valiente. Quanto a estas, me parece não haver dúvida que

---

[177] Ver pág. 84.
[178] Hutton. Op. cit., pp.287-305.

acreditavam sinceramente nas “origens” da religião apontadas por Gardner e em sua própria iniciação em 1939. Dessa maneira, julgavam o estar ajudando a reviver (ou recriar) a “Antiga religião” das bruxas de forma mais adequada à sua própria mitologia, ou da forma que julgavam que ela poderia ter sido, na antiguidade pagã. Paulatinamente, devido principalmente à colaboração de Valiente, foram removidas dos primeiros textos rituais as referências mais explícitas à obra de Crowley e outros, inseridas a princípio por Gardner, e estas foram substituídas por trechos que se aproximavam mais do paganismo romântico, centrado na figura da deusa-tríplice, como proposto por Robert Graves ainda em 1948.

Aliás, parece claro que este paganismo romântico, impregnado de magia e de imagens bucólicas, remetendo a um culto das divindades naturais e, por extensão, da própria natureza humana, e entendido como uma espécie de religião ou religiosidade “original”, embora abandonado pelos acadêmicos, estava bem vivo na imaginação popular. Sendo assim, a síntese de Gardner (ou sua criação), mostrou ser tremendamente oportuna.

Como diz Ronald Hutton a respeito de Gardner,

> *Em termos religiosos, pode-se dizer que ele foi contatado por uma força divina que vinha se manifestando com força crescente ao longo dos últimos duzentos anos, e que esta agiu através dele de forma notável. Uma forma secular de dizer a mesma coisa, mais comumente encontrada entre historiadores, é que forças culturais que vinham se desenvolvendo por um par de séculos combinaram-se em suas emoções e idéias para produzir uma poderosa, e extrema, resposta aos anseios que elas representavam*[179].

---

[179] “In religious terms, it might be said that he was contacted by a divine force which had been manifesting with increasing strenght during the previous two hundred years, and that it worked through him to remarkable effect. A secular way of saying the same thing, more

É inegável que a obra de Gardner, poucos anos após a sua morte, transformou-se num verdadeiro legado espiritual para centenas de milhares de novos bruxos e bruxas em todo o mundo ocidental. Buscaremos agora, então, ao menos esboçar quais seriam essas "forças culturais" que produziram tão significativa resposta.

commonly found among historians, is that cultural forces which had been developing for a couple of centuries combined in his emotions and ideas to produce a powerful, and extreme, response to the needs which they represented". Idem, pp.239-240.

CAPÍTULO 3

A BRUXARIA E A INGLATERRA DO PÓS-GUERRAS

Na década que se seguiu à publicação do *Bruxaria hoje*, de Gardner, acendeu-se uma viva polêmica na imprensa britânica sobre o renascimento do "culto das bruxas". Já em meados de 1955, em um artigo publicado no *Sunday Pictorial*, o jornalista Peter Hawkins começava afirmando que

> *O Dr. Gerald Brosseau Gardner é uma autoridade em bruxaria. Foi por seu intermédio que muitas pessoas conseguiram suas primeiras idéias erradas sobre bruxaria*[180]*.*

Ao longo do artigo, Hawkins acusa Gardner de ser um "camuflador" da bruxaria, tentando vendê-la, em seu museu, como uma religião inofensiva e perseguida, ao passo que seus praticantes eram "sinceros na crença satânica" de que sua religião era mais antiga que e superior ao cristianismo. Os ritos descritos no *Bruxaria hoje* e no *High Magic's Aid* eram classificados como "perversões sexuais", e o jornalista encerrava seu artigo com a seguinte advertência sobre os livros de Gardner:

> *Não há dúvida alguma que existem satânicos adoradores do diabo na Grã-Bretanha que estão sempre prontos a prover esse tipo de perversão sexual para capturar os homens e mulheres que pretendem tornar seus escravos. É por isso que eu acredito que seus livros, nas mãos erradas, podem ser perigosos. E não há maneira de*

[180] "Dr. Gerald Brosseau Gardner is an authority in witchcraft. It is through him that many people get their first mistaken ideas about witchcraft". Peter Hawkins. *No Witchcraft is Fun*. Londres: Sunday Pictorial, 17/06/1955.

impedir que cheguem às mãos erradas[181].

Dez anos depois da publicação desse artigo, os termos e argumentos dos detratores da *Wicca* ainda não haviam mudado significativamente. A *Fate Magazine* de setembro de 1965 publicou uma matéria onde se falava nas "tolas bruxas da escória de Gardner", embora não fosse feita nenhuma distinção entre estas e satanistas:

> *O culto da Magia Negra ou bruxaria é algo muito vil e desprezível, e mesmo se o Governo trouxesse de volta o* Witchcraft Act, *isso não impediria o culto vil de continuar seus ritos malignos. Ele continuaria como um polvo maligno a estender seus tentáculos viscosos para agarrar os incautos em seu abraço mortal. Porque uma vez que alguém entre no* coven *do* playground *do inferno, este alguém está condenado por toda a vida*[182].

Apesar disso, a bruxaria nos moldes gardnerianos havia, ao longo desses mesmos anos, se fortalecido e se espalhado não apenas na Inglaterra, mas igualmente na Escócia, e alcançado os Estados Unidos, onde o número de bruxos cresceu de forma exponencial em pouquíssimo tempo. Jornais escoceses, em 1961, avaliavam entre oitenta e duzentos praticantes conhecidos da nova religião. Entre 1959 e 1965, já havia surgido nos EUA não apenas publicações regulares (como o jornal *Green Egg*), como

---

[181] "There is no doubt at all that there are satanic devil-worshippers in Britain who are ever ready to provide this type of sexual perversion to capture the men and women they wish to make their slaves. That is why I believe that his books, in the wrong hands, can be dangerous. And there is no way of stopping them from getting into wrong hands." Idem, ibid.

[182] "The cult of Black Magic or Witchcraft is a very vile and loathsome thing, and even if the Government brought back the Witchcraft Act, it would not prevent the vile cult from continuing its evil rites. It would still still [sic] go like some evil octopus reaching out its slimy tentacles to grasp the unwary in its death grip.For once one enters the coven of hell's playground one is doomed for life"! Alan J. Ellis. *Witchcraft – the Facts.* Londres: Fate Magazine, setembro de 1965, p.44.

também organizações baseadas no novo neopaganismo, que a partir da *Wicca* assumia ares de religião.

A própria imprensa, é claro, teve uma boa parte da responsabilidade por essa divulgação e aceitação. Ao mesmo tempo em que surgiam os ferozes ataques à bruxaria de Gardner, diversos artigos de jornais o descreviam como encantador, culto e extremamente sincero em sua descrição da "Antiga religião" das bruxas. Daniel Mannis, escrevendo na *True Magazine* em 1960, conta como, após entrevistar Gardner em seu museu na Ilha de Man, encontrou-se com dois membros da Câmara de Comércio local. Estes confessaram que, a princípio, relutaram contra a idéia do estabelecimento do Museu de Bruxaria na ilha, mas que

> *ele agora se tornou uma de nossas principais atrações. Cerca de doze mil pessoas por ano viajam para a ilha apenas para visitá-lo. A maior parte delas não leva isso a sério, mas eu ainda não vi ninguém que tenha rido do velho cavalheiro. Ele acredita nisso tão sinceramente que você se impressiona com a sua honestidade, não importa quanto toda a idéia pareça loucura para você*[183].

O museu, portanto, e a própria personalidade cativante de Gardner, foram igualmente fatores importantes na divulgação e aceitação da *Wicca*, ao longo desses anos iniciais, e *apesar* das reações violentas de alguns críticos. Na verdade, é muito mais cativante e coerente – para não dizer *convincente* – a resposta de Doreen Valiente ao virulento ataque de Alan Ellis, publicada em dezembro do

[183] "now it's become one of our main attractions. About 12.000 people a year make a special trip to the island just to see it. Most of them don't take it seriously, but I've never see anyone yet who laughed at the old gentleman. He believes in it so sincerely himself that you're impressed by his honesty no matter how crazy the hole idea seems to you". Daniel P. Mannis. *Witchcraft's Inner Sanctum*. Londres: True Magazine, 1960, p.80.

mesmo ano na própria *Fate Magazine*[184], do que o artigo original, repleto de preconceitos. Gardner e seus seguidores iniciais tinham, por certo, muito mais charme que seus detratores, e o seu discurso ia ao encontro de várias aspirações espirituais contemporâneas.

Escrevendo na *Exploring the Unknown*, em fevereiro de 1963, o Reverendo Stephan A. Hoeller não apenas chamava Gardner de "um profeta moderno da bruxaria" como encerrava o seu artigo dizendo:

> *Quanto mais estudamos a natureza da experiência religiosa em diversas fés e culturas, mais descobrimos que elas são divididas mais por conceitos mentais do que por realidades internas. Tão certamente quanto a mente divide, o coração unifica. A cooperação espiritual é possível apenas dentro da experiência mística que está igualmente presente em todas as religiões, sejam elas chamadas Cristã, Budista, Hindu, Muçulmana, Judaica – ou o culto Diânico das bruxas. A aspiração sincera do coração humano ao Divino é o denominador comum de todas as convicções relativas à essência da religião*[185].

Isso apenas, no entanto, não explica o extraordinário crescimento da *Wicca* ao longo da década de 1960. Por mais empenhados que Gardner e seu círculo inicial de adeptos estivessem na propagação de sua religião, se não houvesse uma receptividade implícita na população britânica (e posteriormente norte-americana), dificilmente este círculo

---

[184] Doreen Valiente. *A Witch Answers Back*. Londres: Fate Magazine, dezembro de 1965, pp.39-43.

[185] "The more we study the nature of religious experience in various faiths and cultures, the more we realize, that they are divided more by mental concepts than by inner realities. As surely as the mind divides, so surely the heart unitese. Spiritual co-operation is possible only in the mystical experience which is equally present in all religions, whether they be called Christian, Buddhist, Hindu, Moslem, Judaism – or the Dianic cult of the witches. The sincere aspiration of the human heart towards the Divine is the common denominator of all conviction concerning the essence of religion". Stephan A. Hoeller. *Occultism Through the Eyes of Religion*. Londres: Exploring the Unknown Magazine, fevereiro de 1963, p.95.

teria se alargado nas proporções que se verificaram. Sem a existência prévia de fatores sócio-culturais específicos, que garantissem um terreno fértil para a divulgação daquelas idéias e crenças, talvez a *Wicca* viesse a ter o mesmo destino de diversas pequenas seitas ou ordens iniciáticas: ainda que viesse a sobreviver à morte de seus fundadores, ser visível e acessível apenas para um número bastante limitado de pessoas.

O professor Hutton acredita numa predisposição inglesa para aceitar as alegações de Gardner sobre a "velha religião". Segundo ele, no entanto, essa predisposição se deveria mais a um reforço (ainda que às vezes involuntário) causado pela publicação de várias obras, ao longo dos anos 50 e 60, que supostamente confirmariam a idéia de que a bruxaria seria um antigo culto pré-cristão, centrado na figura de uma deusa ou de um deus da fertilidade.

Hutton aponta principalmente a participação de Robert Graves – autor de *A Deusa Branca* – e da própria Margaret Murray na divulgação dessa idéia. Com certeza, Murray, aposentada desde 1935 e tendo alcançado o posto de presidente da *Folk-Lore Society* em 1953, passou seus dez últimos anos de vida defendendo ardentemente sua tese. A sua visibilidade e os apoios que granjeou foram tamanhos que a imprensa britânica chegou a considerar opiniões contrárias, de acadêmicos como o americano Russell Robbins, como "revisionismo"[186]. Graves, por sua vez, conheceu Gardner em 1961 e, aparentemente, entusiasmou-se com a *Wicca* a ponto de escrever contos nitidamente calcados na religião da bruxaria[187], que se encaixava de forma perfeita às suas teorias sobre o culto da deusa-tríplice.

Ainda segundo Hutton, as décadas de 50 e 60

[186] Hutton. Op. cit., pp.272-273.
[187] Idem, p.271.

"testemunharam o apogeu da idéia, entre os estudiosos acadêmicos, que a Europa Neolítica teria adorado uma única grande deusa, associada à Terra"[188]. A popularização desta idéia, posteriormente tão contestada quanto as teses de Murray, teria contribuído para o fortalecimento da *Wicca* como a "religião da Deusa".

No entanto, a meu ver, o fato de teorias – sejam elas formuladas por autores acadêmicos ou populares – reforçarem as proposições constantes no *mito* da *Wicca*, conforme proposto por Gardner, não explica a atração que a religião exerceu. Não creio ser possível estabelecer uma relação direta entre uma suposta confirmação "científica" (especialmente se apenas teórica) das origens de uma religião e a sua aceitação ou a quantidade de seus adeptos.

Antes, o que posso vislumbrar é que a preparação do terreno onde floresceu a nova religião da bruxaria se deu através de fatores sociais e culturais específicos do pós-guerras. E que a resposta a esses fatores estava nitidamente contemplada na obra de Gardner, seja de forma intencional ou não, ou mesmo de forma embrionária.

Analisarei esses fatores e respostas, a seguir, a partir de dois eixos focais. Minha divisão é arbitrária, uma vez que estou consciente que esses eixos são interdependentes e se interpenetram, mas serve ao menos como forma de organização: a bruxaria neopagã como forma de *recuperação de poder* e como forma de *criação de uma identidade*.

---

[188] "Witnessed the apogee among academic scholars of the idea that Neolithic Europe had worshipped a single great goddess, associated with the earth". Idem, p.278.

3.1. Bruxaria e recuperação do poder

Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, o Império Britânico abrangia um quarto da população do planeta, dominava ou controlava parcelas significativas das produções mundiais de insumos, minérios e alimentos, estendia-se por todos os continentes[189]. Na mente da população da maior potência marítima da época, ecoavam ainda as glórias e os feitos dos britânicos, descritos por poetas como Rudyard Kipling, que cantou a "carga do homem branco", predestinado a levar a "civilização" aos quatro cantos do planeta.

Com o fim da guerra, em 1945, a situação começou a mudar drasticamente. Na Londres arrasada do pós-guerra, a vitória eleitoral do Partido Trabalhista, pela primeira vez no poder, indicava que mudanças profundas ocorreriam no plano social e econômico. Essas mudanças não tardaram a ocorrer, e já a partir de 1947, o Império Britânico começou a desfazer-se, com a independência da Índia.

Se já não era possível dizer que "o sol nunca se punha" sob os domínios ingleses, igualmente era impossível recuperar a posição de destaque na decisão dos rumos da humanidade que a Inglaterra possuía antes da guerra. Esta posição, sem nenhuma dúvida, passara para as mãos de dois outros países: os Estados Unidos e a União Soviética. Não apenas isso: o mundo se dividira em dois blocos capitaneados ou mesmo controlados por essas duas potências, dentro dos quais qualquer outra nação era, de certa maneira, relegada a uma posição inferior, quando não subserviente.

---

[189] Maria Y. Linhares. *Guerras anticoloniais: nações contra impérios* in Francisco C. Teixeira da Silva (org.). *O século sombrio*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p.222.

Devemos acrescentar outros dois fatores preponderantes no panorama do pós-guerra. O primeiro deles é o incrível avanço das ciências naturais, já engendrado desde as três primeiras décadas do séc.XX, mas que recebe notável impulso no período imediatamente posterior à Segunda Guerra, impulsionando um proporcional avanço da tecnologia. Além da notável divulgação das informações (e das ideologias) proporcionadas pela popularização do rádio, do cinema e, finalmente, da televisão, determinados campos da ciência que pareciam familiares pelo menos a uma classe relativamente instruída sofreram radical mudança. Um bom exemplo é a Física, cujos conceitos mecanicistas e de compreensão relativamente simples de Newton, foram substituídos por uma nova visão do universo, quase incompreensível para o cidadão leigo. Como nos diz Marcelo Gleiser em relação às teorias surgidas no início do século XX,

> [...] *essas teorias têm algo de absurdo, algo que parece contradizer o nosso bom senso.* [...] *À primeira vista, fenômenos relativísticos ou quânticos parecem bizarros porque estão muito além de nossa realidade imediata, inacessíveis aos nossos sentidos; eles não fazem parte dos fenômenos abarcados pelo nosso 'bom senso'*[190]*.*

Apesar de toda essa perplexidade do homem do pós-guerra diante da ciência, o outro fator é uma conseqüência direta e bem palpável dos avanços tecnológicos dos últimos cinquenta anos: a divisão do mundo em dois blocos – capitalista e socialista – viera acompanhada do medo atômico. A partir da explosão da primeira arma atômica soviética, em 1948 e, especialmente, com o advento das

[190] Marcelo Gleiser. *A dança do universo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp.251-252.

bombas de hidrogênio, a partir de 1952, estabeleceu-se o conflito impossível chamado de Guerra Fria. Este conflito cresceu em proporções a ponto de sua única solução de continuidade possível, ao menos na mente comum, ser o aniquilamento da vida sobre a Terra.

A situação do cidadão inglês de classe média e razoável instrução - justamente aquele que tinha tido acesso aos arroubos românticos dos poetas, pregando um novo paganismo, às sociedades secretas e à literatura folclórica e antropológica - face às novas realidades trazidas pela guerra, poderia se resumir em uma frase: ele havia perdido o poder. O império hegemônico ao qual ele orgulhosamente pertencera não mais existia. O mundo se via governado por duas potências estrangeiras, que representavam ideais que, de uma forma geral, lhe eram estranhos. A mesma tecnologia que, em alguns aspectos, lhe tornava a vida mais confortável, por outro aspecto colocava o mundo à beira da aniquilação e era produzida a partir de conceitos que lhe eram incompreeensíveis. Impotência, certamente, era o sentimento dominante na sociedade inglesa nos vinte anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra.

Remetendo-nos às categorias lançadas por Koselleck[191], houvera um profundo rompimento entre o "espaço de experiência" do pré-guerras e o novo "horizonte de expectativas" dos anos que se seguiram. Esse rompimento, esse distanciamento entre experiência e expectativa, produz o movimento, o processo de modificação social, conforme cria a anomia entre os membros de uma sociedade, que já não podem esperar que o futuro se enquadre naquilo que o passado, ou que a "tradição", determinou.

O que a bruxaria neopagã de Gardner poderia oferecer a

---

[191] KOSELLECK, Reinhart Koselleck. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

esta pessoa, que trouxesse de volta as certezas referenciadas por seu espaço de experiências?

Em primeiro lugar, tanto nos seus livros de 1954 e 1959, quanto em diversas entrevistas concedidas à imprensa, Gardner afirmava que tinham sido as bruxas que haviam evitado a invasão da Inglaterra por Hitler. Elas haviam erguido o "cone de poder" através do Canal da Mancha e

> [...] *dirigiram este pensamento ao cérebro de Hitler: 'Você não pode cruzar o mar', 'não é capaz de vir', não é capaz de vir'. Assim como seus tataravós haviam feito com Boney e seus antepassados ainda mais remotos com a Armada Espanhola*[192]*.*

Em segundo lugar, sua defesa de uma religião não-cristã não deixava de lado os recentes fatores políticos e temores do mundo do pós-guerras. Todo o capítulo final de *O significado da bruxaria* consiste numa apaixonada defesa de como a "Arte da Bruxaria" pode contribuir para o futuro, escrito em pleno auge da Guerra Fria e pouco depois que a Guerra da Coréia expusera o mundo ao perigo real de um confronto nuclear entre as superpotências[193]. E seu discurso, obviamente, ia ao encontro do orgulho ferido dos seus conterrâneos:

> *Os vários tipos de dominação eclesiástica que* tomaram o poder e a riqueza do país *estão decaindo lentamente.* [...] *É verdade que várias pessoas apóiam as Igrejas ortodoxas baseadas na idéia equivocada de que elas são as únicas autoridades que podem* combater o comunismo*. E conseguem novos membros fingindo proceder assim; mas em que consistem seus esforços?* [...] *não há sequer um detalhe horroroso cometido pelos estúpidos de coturno de Hitler e Stalin que não tenha sido extraído do modelo fornecido pela ortodoxia 'Cristã'. Apenas os*

---

[192] Gardner. *A bruxaria hoje*, p.103.

[193] Jonh L. Gaddis. *História da Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, pp.55-58.

> *nomes precisaram ser trocados; todo o restante do plano de supressão à liberdade humana estava lá, testado e aprovado*[194].

É interessante notar a proximidade das palavras de Gardner com a análise atual do historiador Frederico O. Coelho, que afirma que

> [...] *o período das grandes guerras e dos regimes fascistas na Europa confunde a história política do catolicismo com os desmandos e excessos cometidos nesses eventos*[195].

Portanto, no veemente (e oportuno) discurso de Gardner, o cristianismo retirara da Inglaterra a riqueza e o poder e apenas fingia combater o comunismo, a nova "ameaça" que pairava sobre o Ocidente, enquanto, na verdade, fora o tutor de seus métodos. A bruxaria, entretanto, religando os ingleses às "Antigas Divindades da Bretanha, parte da própria terra"[196], poderia, ainda que num plano individualizado, restituir a riqueza, o poder e afastar as ameaças. Afinal, Gardner afirmava que o "poder" das bruxas não residia em algo que a elas era externo, ou alcançável através de intermediários, mas sim que era algo presente "no interior dos seus corpos"[197], ao qual qualquer um poderia ter acesso de forma simples, obtendo, com isso, a capacidade de modificar a realidade. Realidade esta que *precisava* ser modificada, uma vez que

> *A Era de Aquário está diante de nós; contudo, ainda não se estabeleceu por completo. Estamos no período de transição entre duas grandes Eras. O tumulto mundial dos recentes anos é decorrente disso.* [...] *A Nova Era*

---

[194] Gardner. *O significado da bruxaria*, pp.267-268. Grifos meus.
[195] Frederico O. Coelho. *Revolução comportamental no século XX* in Francisco C. Teixeira da Silva. Op. cit., p.334.
[196] Gardner. *O significado da bruxaria*, p.270.
[197] Gardner. *A bruxaria hoje*, p.23.

está prestes a chegar; mas a escolha entre um início de paz ou de destruição está nas mãos da humanidade. Se o homem escolher trabalhar em harmonia com a Lei Cósmica, poderá começar em paz[198].

No limiar dessa "Nova Era", já bastante decantada pelos espiritualistas, a religião de Gardner possuía ainda uma outra característica de retomada de poder: ela remetia ao campo, ao contato direto com a natureza, à convivência harmoniosa de pequenos grupos, à preservação de um conhecimento "tradicional".

Tais sentimentos, ligados à idealização do campo, estavam presentes no seio da população britânica desde meados do séc.XIX, quando as cidades foram elevadas à categoria de "monstros urbanos" e o campo "tornou-se a epítome da continuidade, comunidade e harmonia social"[199].

Nas palavras de Maria Stella Bresciani, o "monstro urbano", o trinômio formado por máquinas, multidões e cidades refletia nos escritos contemporâneos

o estranhamento do ser humano em meio ao mundo em que vive, a sensação de ter sua vida organizada em obediência a um imperativo exterior e transcendente a ele mesmo, embora por ele produzido[200],

e gerava perdas profundamente marcantes no seio da sociedade. Tais perdas seriam a da representação do tempo regido pela natureza em prol do tempo regido pelo trabalho, a da unidade do homem com suas condições de produção, a dos sistemas de trabalho com base em relações pessoais, condicionando o homem à lei da oferta e da procura, e a

---

[198] Gardner. *O significado da bruxaria*, pp.269-270.

[199] "had become the epitome of continuity, community, and social harmony". Hutton. Op. cit., p.117.

[200] Maria Stella M. Bresciani. *Metrópoles: as faces do monstro urbano* in Revista Brasileira de História, vol. 5, nº 8/9, set. 84/abr. 85, p.37.

perda do habitat tradicional, “onde a vida não aparecia cindida em tempo do patrão e lugar do trabalho contrapostos a tempo do descanso e lugar de morar”[201]. Essas perdas, de forma geral, poderiam ser resumidas como uma perda de individualidade, gerada pela sociedade industrial e urbana.

Levando em consideração que, já antes da Segunda Guerra Mundial, 80% da população britânica era urbana[202], tais sentimentos de perda apenas podiam crescer, associando o contato com a natureza (que se tornava cada vez mais escasso) a todo tipo de benesses, materiais ou espirituais. O “retorno ao campo” implicava um retorno aos padrões de saúde, liberdade, individualidade e civilidade retirados pela vida urbana.

Por outro lado, a bruxaria não negava reconhecimento às comodidades advindas da vida moderna, mas apenas advertia quanto aos excessos que pudessem afastar o praticante da harmonia com o mundo natural. Apenas essa harmonia (obtida através da prática da “Arte”) poderia trazer a paz e restaurar o poder nos anos vindouros. Mas, ao contrário de outras idéias religiosas que igualmente valorizavam a harmonização com o mundo natural, isso não implicava nenhum tipo de ascese ou retiro da convivência urbana, a não ser em poucas ocasiões especiais. Na verdade, mesmo com o discurso da retomada de poder através do retorno à natureza, a bruxaria foi, desde o seu início, uma religião urbana. Apenas bem mais tarde, nos anos 80, e principalmente nos EUA, é que alguns praticantes assumiram estilos de vida “alternativos”.

Por fim, não pode ser deixado de lado um último aspecto da “retomada de poder” através da bruxaria. Embora

---

[201] Idem, p.38.
[202] Eric Hobsbawn. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.284.

o protestantismo, como religião predominante na Inglaterra, já preconizasse o contato direto do fiel com a divindade, sem a necessidade da intermediação de um representante do clero, ele sustentava a idéia de onipotência dessa divindade. Ao deus cristão, apenas se podia apelar, mas ele era a *única* fonte de todo o poder.

Na *Wicca*, da mesma forma, o acesso à divindade era direto. Mas os deuses da bruxaria não eram considerados onipotentes, ou todo-poderosos: na verdade, segundo Gardner, as bruxas consideravam que seus deuses precisavam de sua ajuda, e que elas lhes conferiam poder através de seus ritos. Mais do que isso, havia uma identificação direta entre o praticante da bruxaria e a própria divindade:

> *De certa forma, a religião das bruxas reconhece que todas as mulheres são uma encarnação da Deusa, e todos os homens uma encarnação do Deus; e por esta razão toda mulher é potencialmente uma sacerdotisa e todo homem potencialmente um sacerdote*[203].

Portanto, não é difícil visualizar o atrativo que a *Wicca* ofereceu ao longo dos primeiros dez anos de sua divulgação: ela prometia ao seu praticante a descoberta (ou a retomada) do seu *poder pessoal*, através de vias que dependiam apenas dele mesmo e que já estavam sedimentadas em aspirações presentes no cotidiano; isso no contexto de uma Inglaterra que se via destituída de poder e à mercê de forças externas, sobre as quais ela não podia exercer controle. Através da magia, o adepto da *Wicca* podia transformar a realidade, adquirindo poder através dos seus deuses e, ao mesmo tempo, conferindo-lhes poder para construir um mundo melhor nos dias incertos do presente, ou

[203] Gardner. *O significado da bruxaria*, p.129.

mesmo resgatar um tempo edênico, idealizado como pré-cristão.

Paralelamente a isso, considero outro fator determinante, que pode ou não ser considerado uma conseqüência ou extensão do primeiro. Este fator fortaleceu-se ao longo dos anos 60, ao mesmo tempo em que a *Wicca* deixava a Inglaterra, aumentava exponencialmente o número de seus adeptos e difundia-se pelo mundo através dos EUA: assumir-se como "bruxo" ou "bruxa" implicava na criação de uma identidade própria e altamente contracultural, em tempos marcados pela contracultura.

3.2. Bruxaria e criação de identidade

O contexto social e político da Inglaterra pós-colonial, que analisamos acima sob o aspecto da "perda de poder", pode também ser analisado – e na verdade sem distinções profundas – a partir do conceito de "crise de identidade", conforme proposto, por exemplo, por Kathryn Woodward: em uma situação de mudança, fluidez e constante incerteza, é comum recorrer-se ao passado para a criação de uma identidade que proporcione alguma certeza. Esse passado, seja de uma nação ou de um grupo específico, serve como legitimação da afirmação da sua identidade, e é criado em contraste com o presente[204].

Toda identidade se afirma a partir da diferença. É o contraste entre o "nós" e os "outros" que torna possível a identificação de um grupo a partir daquelas características que ele mesmo se atribui. É evidente que, nesse processo de afirmação de uma identidade, o passado do grupo que

---

[204] Kathryn Woodward. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual* in Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

reivindica a sua diferenciação é basicamente imaginado, mas deve possuir algum contato com a realidade ou alguma verossimilhança, de forma a parecer real, e assim, validar politicamente a reivindicação.

No primeiro capítulo deste trabalho, vimos diversos exemplos de formação de identidades a partir da afirmação da diferença e apoiados na validade de um “passado”, de uma “ancestralidade” ou de uma “tradição”. Os exemplos mais marcantes são os movimentos nacionalistas conduzidos por James Macpherson e Iolo Morganwg, que buscaram validade para criação de suas identidades nacionais numa suposta herança ancestral da Escócia ou no legado espiritual dos druidas, nesse processo reinventando tanto uma quanto o outro. Mas, de qualquer forma, vimos também que as diversas sociedades herméticas que floresceram ao longo do séc.XIX buscaram, igualmente, sua validação através de uma remota ligação com o passado.

A *Wicca* de Gardner não foge a essa regra. Mas, como verificaremos a seguir, seus componentes específicos de formação de identidade respondiam a anseios e tendências sociais marcantes ao longo dos anos 50 e 60, o que certamente foi decisivo para seu sucesso e permanência.

A cultura e a sociedade do pós-guerras foi nitidamente marcada pela contestação aos valores vigentes desde o período imediatamente anterior, e ainda predominantes como reguladores da conduta social. Uma parte significativa dessa contestação, a exemplo do que acontecera no século anterior com a reação romântica ao vitorianismo, partiu do meio artístico. Como afirmam Grinberg e Luz,

> *como pára-raios de uma sociedade que sofre mudanças rápidas e radicais, os artistas reagem às mais variadas influências e se posicionam de maneira*

crítica, contestadora e determinada[205].

Uma das primeiras vertentes dessa contestação artística aos valores vigentes surge mais ou menos ao mesmo tempo em que Gardner está começando a divulgar sua religião, com os escritores da *"beat generation"*. Embora liderado por norte-americanos, o movimento *beat* tornou-se uma das maiores influências na formação da cultura jovem (ou da identidade jovem) ocidental, atingindo rapidamente a Europa. Entre essas influências, podemos listar os ideais de liberação sexual, liberação feminina, liberdade de expressão, fim da censura, adoção de religiosidades alternativas, pacifismo e tolerância ao uso de drogas.

Os ideais do movimento *beat* revolucionaram a juventude inglesa e não tardaram a cruzar de volta o oceano (e contagiar todo o mundo ocidental), especialmente através da revolução musical iniciada pelas bandas de rock inglesas, como os Beatles e os Rolling Stones. Ao longo da década de 60, esses ideais foram assimilados pelo movimento *hippie* e impulsionaram a segunda onda do feminismo, além de diversos movimentos de afirmação de grupos étnicos marginalizados.

Não seria inexato dizer, portanto, que a característica principal da formação de identidades ao longo dos anos 50 e 60 foi a contracultura. Os fatores dominantes na sociedade do pós-guerras em grande parte apenas davam continuidade aos já predominantes no período de entre-guerras ou, em alguns casos, os exacerbavam: corrida armamentista, degradação do meio-ambiente, censura, desvalorização da mulher, segregação racial, religiosidade e sexualidade tradicionais produzindo perseguições a grupos minoritários, crescente mercantilização do cotidiano. Nesse

---

[205] GRINBERG, Piedade E. e LUZ, Angela A. *Revoluções artístico-culturais no século XX* in Francisco C. Teixeira da Silva. Op. cit., p.317.

contexto, e a ele se opondo, formaram-se as diversas identidades (*hippies*, feministas, ambientalistas, etc.) que marcaram o último terço do séc.XX a partir da contestação contracultural. E, como é característico do processo de formação de identidades, a maior parte desses grupos não se excluía mutuamente, podendo uma única pessoa representar-se como participante de vários desses movimentos.

Uma vez que a tônica dos movimentos sócio-culturais do momento em que a *Wicca* se difundia foi a criação de identidades contraculturais, examinemos, então, o potencial contracultural dessa bruxaria neopagã. Segundo Hutton, a *Wicca*

> *Ao unir o paganismo à figura da bruxa, na tradição de Leland e Murray, automaticamente impedia qualquer reconciliação fácil do resultado com o cristianismo ou com as normas sociais convencionais; ela era uma religião completamente contracultural* [...]. *Isso era intensificado pelo fato dela não prestar reverência a nenhum Grande Espírito, Causa Primordial, Princípio Cósmico, que poderia ser comparado com Jeová, mas sim à deusa da natureza e ao deus de chifres que haviam surgido no século XIX como as divindades favoritas da linguagem positiva e afirmativa da vida do paganismo. Apesar de ambos serem invocados em diferentes momentos nos diversos rituais, com honras iguais, era apenas a deusa que havia legado um discurso aos seus adoradores; o divino feminino havia feito um avanço notável sobre o masculino de uma maneira que era, mais uma vez, surpreendentemente radical*[206].

[206] "By uniting paganism with the figure of the witch, in the Leland and Murray tradition, it automatically pre-empted any easy reconciliation of the result with Christianity or with conventional social mores; it was full-blow counter-cultural religion [...]. This was supercharged by the fact that it paid no reverence to any Great Spirit, Prime Mover, or World Soul, who might be equated with Jehovah, but to the nature-goddess an the horned god who had arisen in the nineteenth century as the favourite deities of the positive, life-affirming, language of paganism. Although both were invoked at different times in the various rituals, with equal honours, it was only the goddess who had been given a set speech to her worshippers; the divine feminine had been accorded a distinct edge over the masculine in a manner which was, again, startlingly radical". Hutton. Op. cit., p.236.

Não apenas nas suas bases conceituais ou mitológicas o apelo contracultural da *Wicca* se manifestou desde o início. Em vários trechos dos livros de Gardner, especialmente no *O significado da bruxaria*, encontramos diversos elementos característicos dos anseios da época em que foram escritos. Além do óbvio apelo ecológico contido em uma deusa que se confunde com a própria Terra e em um deus da vegetação, e a contestação da moral tradicional explícitas na nudez ritual e nas conotações sexuais do "Grande Rito", podemos encontrar nas suas obras outras características do pensamento de vanguarda de sua época. Já aludimos à sua preocupação com a paz mundial e pelo menos uma vez, ele fala em desarmamento. Em mais de um momento ele cita necessidade de se reconhecer a igualdade das mulheres, tanto em termos intelectuais quanto de direitos sexuais.

Em um artigo escrito em parceria com o Dr. Stuart Whomsley, psicólogo, Melissa Seims, proeminente sacerdotisa da *Wicca* e ativa escritora sobre as origens da sua religião, observa que

> *Apesar dos anos 50 e 60 proverem as condições para o nascimento da* Wicca, *o contraste com a sociedade predominante não deve ser subestimado. Durante as conversas da segunda autora com Charles Clark, que se juntou ao grupo de Gardner por volta de 1954, ele a fez perceber o quão alternativa 'a Wica', como ele a nomeava, parecia nos anos sessenta. A sociedade britânica ainda era bastante conservadora e a revolução social e moral dos anos sessenta ainda teria que fazer profundos ataques às normas sociais aceitas. Por exemplo, embora as últimas Leis contra a Feitiçaria tenham sido revogadas em 1954, ainda havia fortes leis que controlavam a nudez (nudez que era importante para prática dos covens). No início dos anos 60, Clark apoiou o fotógrafo Jean Straker, que tinha entrado em conflito com Leis de Censura britânicas publicando imagens que mostraram pelos pubianos. Straker foi processado sob o Ato das*

Publicações Obscenas de 1959 e foi preso.[207]

Apesar disso, no mesmo artigo, a autora acrescenta que as tendências políticas de Gardner e de vários dos membros dos primeiros covens ingleses se mostravam bastante conservadoras. No entanto, o que Seims identifica como "tendências conservadoras" pode ser interpretado de forma diversa: como uma tentativa deliberada de ligação com o passado tradicional implícito no culto das bruxas e, ao mesmo tempo, como um afastamento de tendências que remetessem a origens outras que não o Ocidente. Pode, igualmente, explicar um aparente "perfil paradoxal" dos membros da nova religião, como veremos a seguir.

Janet Farrar[208] afirma que Gardner foi o responsável por trazer o ocultismo (por intermédio da *Wicca*) das classes superiores da sociedade inglesa para a classe média, e Alexander Sanders, por sua vez, teria posteriormente sido o responsável pela sua divulgação entre as classes populares. Embora a afirmativa a respeito de Gardner soe correta, a segunda parte dela me parece equivocada. Sanders, efetivamente, através de sua personalidade teatral e sua tendência à auto-promoção, foi

---

[207] O artigo em questão será publicado em 2009 no British Transpersonal Psychology Journal, e foi gentilmente enviado pela autora em entrevista por email datada de 05/04/2008. O texto original da citação é: "Despite the 1950s and 1960s providing the conditions for the birth of Wicca, the contrast with mainstream society should not be underestimated. During the second author's conversations with Charles Clark, who joined Gardner's Witchcraft group around 1954, he made her aware of how alternative '*the Wica*', as he termed it, appeared in the sixties. British society was still quite conservative, and the social and moral revolution of the 1960s had yet to make deep inroads into the accepted societal norms. For example, although the final Witchcraft Laws had been repealed in 1954, there were still strong laws controlling nudity (nudity being important for Coven worship). In the early 1960s, Clark supported the photographer Jean Straker who had fallen foul of British Censorship Laws by publishing images that showed pubic hair. Straker was prosecuted under the Obscene Publications Act 1959 and imprisoned".

[208] Em correspondência por email com o autor, datada de 23/10/2007.

um dos grandes responsáveis pela *divulgação* da *Wicca*, mas não necessariamente pela sua popularização entre as classes mais baixas da sociedade, uma vez que essa *nunca aconteceu*. De uma maneira geral, o perfil social do praticante da *Wicca* (pelo menos na Europa e nos EUA) conservou-se bastante estável desde fins da década de 1950 até os dias de hoje: pessoas com grau de instrução acima da média e profissões que lhes proporcionam um razoável conforto, com uma média de leitura também acima do usual. Não podemos nos esquecer, no entanto, que este também era, de maneira geral, o perfil de todos os participantes de movimentos contraculturais. Na verdade, diversos *hippies* (como a própria Janet Farrar), ex-*hippies* e principalmente feministas aderiram à *Wicca* em fins dos anos 60.

O aparente perfil paradoxal a que me referi, portanto, não se refere à adoção de uma postura contracultural pelo grupo de bruxas e bruxos neopagãos, mas às particularidades na forma como esse grupo cria e sedimenta a sua identidade. Magliocco distingue dois "mitos formadores" para entendermos o processo de formação da identidade da bruxa: os mitos da "Origem Paleolítica" e do "Tempo das Fogueiras"[209], denominações estas que passarei a adotar, embora não exatamente com a mesma conotação dessa autora.

O processo de formação de identidades, na forma como o descrevemos, geralmente reside em torno de processos de resistência de "grupos marginalizados por causa da raça, etnia, classe, colonialismo e outras categorias convencionais"[210]. Como vimos, os neopagãos, de forma geral, não se enquadram nessas categorias, especialmente levando em conta o nosso recorte temporal, anterior à década de

[209] "Paleolithic Origins" e "The Burning Times". Magliocco. Op. cit., p.188.
[210] Idem, p.187.

1970. Dessa forma, seu processo de formação de identidade passa por uma deliberada marginalização, através da criação de laços que os liguem a grupos (supostamente) marginalizados e oprimidos.

Em primeiro lugar, o mito da "Origem Paleolítica" situa as origens da bruxaria em um tempo de um paganismo idílico, onde diversos deuses eram adorados, vivia-se em harmonia com a natureza e as relações de gênero eram, no mínimo, igualitárias. O fim desse tempo é marcado justamente pela cristianização da Europa, quando os praticantes da "Antiga religião" passam a ser marginalizados e, por fim, perseguidos. Começa então o "Tempo das Fogueiras", ao longo do qual nove milhões de mulheres européias[211] são enviadas para a fogueira sob a acusação de adoração ao demônio, quando, na verdade, apenas teriam retido os conhecimentos e as práticas de seus ancestrais pagãos.

Esses dois mitos já estavam presentes na obra de Gardner, mas foram constantemente reforçados pelas obras de divulgação que se seguiram, ganhando tons cada vez mais passionais e ocupando normalmente logo as primeiras páginas, como a seguir:

> *Após a Igreja Cristã ter sido formada e haver adquirido poder, os costumes dos Pagãos foram vistos como uma ameaça ao sistema religioso recentemente estabelecido, e a adoração aos deuses da Religião Antiga foi banida. Os antigos festivais foram superados pelos novos feriados religiosos da Igreja, e os antigos deuses da natureza e da fertilidade, transformados em terríveis e maléficos demônios e diabos. A igreja patriarcal chegou até a transformar várias deusas pagãs em diabos masculinos e maus não somente para corromper as deidades da Religião Antiga como, também, para apagar o fato de o aspecto feminino*

[211] Esse número é evidentemente exagerado ao extremo, mas tornou-se recorrente na literatura popular sobre a *Wicca*.

> *ter sido um objeto de adoração.* [...] *Os Bruxos (junto com um número incalculável de homens, mulheres e crianças 'inocentes' que não eram Bruxos) foram perseguidos, brutalmente torturados, muitas vezes sexualmente violados ou molestados e, então, executados pelas autoridades sádicas, sedentas de sangue da Igreja, que ensinavam que o seu Deus era um deus de amor e compaixão*[212]*.*

O processo de criação de uma identidade, na *Wicca*, implica, portanto, em primeiro lugar, no processo de oposição ao cristianismo. Os bruxos neopagãos tomam as palavras "paganismo" e "bruxaria" e as resignificam como emblemas de sua identidade. "Paganismo", geralmente associado à antiguidade greco-romana, transforma-se numa religião indistinta e generalizada, de adoração à natureza e harmonia, existente desde a antiguidade mais remota; "bruxaria" e "bruxa", palavras com evidentes conotações associadas à prática de malefícios em todas as culturas cuja língua possua correspondentes, passam a designar as práticas dessa religião imaginada e suas sacerdotisas, sacerdotes ou seguidores. Ao autodenominarem-se bruxos e pagãos, e reivindicarem a posição de herdeiros daqueles pagãos de uma época ancestral e daquelas bruxas queimadas pela Inquisição, os praticantes da *Wicca* não apenas se representavam em oposição aos cristãos (maioria incontestável da sociedade e que ditava suas regras) como ainda se tornavam representantes de um grupo que havia sido perseguido e subjugado pelos cristãos.

Os atrativos oferecidos por essa identidade contracultural anticristã, ao longo dos primeiros vinte anos da *Wicca*, ficam claros nos depoimentos de diversos bruxos e bruxas ingleses com que me correspondi. Melissa Seims nos conta o seguinte:

---

[212] Dunwhich. Op. cit., pp.18-19.

Quando eu era muito jovem eu era membro da Igreja Batista local e freqüentei escolas da Igreja Anglicana. Quando fiquei mais velha e tomei conhecimento da Bruxaria, ela me pareceu satisfazer muito melhor minhas necessidades e minha personalidade do que fazia o cristianismo[213].

Janet Farrar, por sua vez, afirma que

[...] *já era parte da contracultura do fim dos anos 60 em Londres: eu era uma hippie, uma* flower child. *Eu era também cristã nessa época. Eu já havia começado a ter algumas experiências estranhas, entrando em transe em diversas ocasiões. Numa dessas ocasiões eu vi a Virgem Maria, que abriu seu manto para me revelar que estava usando um pentagrama. Mais tarde nesse ano, uma amiga minha ia encontrar-se com Alex e Maxine Sanders (o 'Rei e a Rainha das Bruxas') pela primeira vez. Na realidade eu a acompanhei como uma boa cristã para impedi-la de se envolver com práticas de 'bruxaria imunda e maligna', mas fiquei tão impressionada com o que vi que fiquei*[214].

Gavin Bones, escritor e atual companheiro de Janet Farrar, disse-me que

[...] *tinha desenvolvido minha 'própria religião', a qual era na realidade* [formada por] *aspectos de diversas religiões contemporâneas da época, que incluíam as idéias de karma, reencarnação, forças*

---

[213] "When I was very young I was a member of a local Baptist Church and I went to Church Of England schools. I was always very spiritual and had a love of nature. When I grew older and became aware of Witchcraft, it seemed to much better suit my needs and personality than Christianity did". Correspondência com o autor anteriormente citada.

[214] "[...] was already a member of the existing late '60's counterculture in London: I was a hippy, a flower child. I was also a christian at that time. I had already started to have some odd experiences, on several occassions trancing out. On one of these occassions I saw the virgin mary, who opened up her cloak to reveal to me she was wearing a pentagram. Later on that year, a friend of mine was going to meet Alex and Maxine Sanders (The 'King and Queen of the Witches') for the first time. I actually went along as a good christian to stop her from getting involved with 'nasty evil witchcraft' practises but was so impressed with what I saw I stayed". Correspondência com o autor anteriormente citada.

> *polarizadas (o Yin e Yang do taoísmo) e divindades como representações de forças da natureza (do hinduísmo). Eu fiquei bastante surpreso ao descobrir, quando peguei meu primeiro livro sobre* Wicca [...] *que minha estrutura de crenças estava naquele livro. Eu não mudei minha espiritualidade, apenas encontrei um nome para ela!*[215]

Depoimentos de teor semelhante podem ser encontrados praticamente em toda a literatura sobre o assunto. Eles refletem, sem dúvida, aquilo que essas mesmas pessoas que citei descreveram como uma incapacidade do cristianismo, ao longo daqueles anos de profundas mudanças sociais, de ir ao encontro das necessidades espirituais de uma parcela considerável da população inglesa. Não bastava, no entanto, *abandonar* o cristianismo, mas *identificar-se* como *outra coisa*. Houve muitos que enveredaram pelos caminhos já estabelecidos das religiões orientais. A outros, porém, não bastava seguir um caminho distinto do cristianismo, mas também um caminho que, ao menos na aparência, era *oposto* ao cristianismo.

Outro aspecto deve ser levado em consideração ao propormos a idéia de criação de identidade como um dos atrativos da *Wicca*: trata-se do estabelecimento de relações com uma *identidade étnica*. Na Grã-Bretanha, já observamos que esse aspecto enquadra-se na perspectiva de retomada de poder, na busca de uma "'inglesidade' mais culturalmente homogênea"[216]. Mas, nos EUA, onde o grande crescimento do número de adeptos e a difusão que a *Wicca* recebe a partir de meados dos 60 foram fundamentais para o estabelecimento

---

[215] "[...] had developed my 'own religion' which was really aspects of several contemporary religions of the time, which included the ideas of Karma, Reincarnation, Polarised forces (Yin and Yan from Taoism) and deities as representations of forces in nature (from Hinduism). I was quite surprised to find that when I picked up my first book on Wicca [...] that my belief structure was in that book! I didn't really change my spirituality, I just found the name for it!" Idem.

[216] Woodward. Op. cit., p.23.

definitivo da religião, a perspectiva étnica não pode ser desprezada.

Como se estabelece essa identidade étnica através da bruxaria? Em primeiro lugar, através de um direcionamento intencional do "paganismo" ao qual ela se remete. A visão corrente de paganismo na Inglaterra do séc.XIX, como vimos, estava associada à antiguidade greco-romana, através dos escritores românticos. No entanto, essas imagens clássicas, no decorrer do fascismo italiano, haviam sido amplamente utilizadas por Mussolini e seus correligionários para se estabelecerem como "sucessores do Império Romano" e justificarem seu expansionismo. Outro paganismo possível de ser referenciado seria o do folclore anglo-saxão. Essas representações, por sua vez, haviam sido amplamente utilizadas pelo nazismo. Tais associações com organizações fascistas já tinham, como vimos anteriormente, provocado a derrocada de diversas sociedades herméticas nos anos da Segunda Guerra. Evidentemente, a nova bruxaria não as desejava. Dessa forma, esta se estabeleceu primordialmente como um resgate do paganismo celta. O pouco conhecimento que se tinha do que realmente fora a religiosidade celta (ao menos na época), permitia uma associação bastante linear com divindades e práticas greco-romanas, anglo-saxãs ou, na verdade, de qualquer outra forma religiosa da qual se dispusesse um conhecimento igualmente superficial.

A bruxaria de Gardner, embora evocando origens paleolíticas, foi codificada a partir de costumes e celebrações supostamente celtas. E, na verdade, esse "celtismo" foi e ainda é predominante entre seus praticantes. Evidentemente, não apenas cidadãos do Reino Unido como uma boa parte da população branca de classe média dos EUA, descendente de europeus, poderiam de alguma forma estabelecer uma conexão com uma "ancestralidade

celta", resgatando a partir da *Wicca* uma identidade étnica.

O apelo dessa identidade étnica, especialmente em países cuja população é multicultural e multirracial, já pôde ser verificado pessoalmente por mim: em contato com diversos bruxos brasileiros, vários se referiram com naturalidade à "ancestralidade celta" compartilhada pelos praticantes da *Wicca*.

Diretamente ligado a este aspecto, reforçando-o ou mesmo justificando-o, surge ainda a idéia, já presente em Gardner, de que a bruxaria seria um "conhecimento hereditário", mantido no seio de famílias pagãs. Essa alegação não apenas atraiu várias pessoas para a *Wicca* como gerou o surgimento de diversas "tradições familiares", algumas com ligeiras divergências da corrente gardneriana principal.

Margot Adler recolheu o seguinte depoimento de uma bruxa californiana chamada Sharon Devlin, de família irlandesa, ao perguntar como ela tinha se tornado pagã e bruxa:

> *Em primeiro lugar, eu sou uma bruxa hereditária, mas isso* não *significa que eu tenha uma linhagem direta de mãe para filha* [...]. *O que isso significa é que eu sou de uma família bruxa. Minha tataravó por parte de pai chamava-se Mary MacGoll. Ela era uma mulher gorda, pequena, atarracada, de descendência escocesa (com quem eu suponho que me pareço). Ela era uma parteira e curandeira local, basicamente curandeira pela fé. Eu duvido que ela se descrevesse como pagã. Ela cresceu como presbiteriana e manteve-se como cristã devota, mas seu cristianismo era do tipo camponês; ele era centrado na Virgem Maria. Ela extraía seu poder dos Tuatha De Dannan. A maior parte das pessoas os chama de Senhores do Sidhe ou de Os Brilhantes. E há muitas histórias sobre as fadas que estão associadas com eles*[217]*.*

[217] Adler. Op. cit., p.140.

Vale citar que o próprio Gardner alegava ter uma antepassada, chamada Grizel Gairdner, que havia sido queimada como bruxa e que, ao conhecer as bruxas de New Forest, estas teriam lhe dito "você pertenceu a nós no passado. Você é do nosso sangue. Volte para onde você pertence"[218]. Alex Sanders, auto-intitulado "Rei das Bruxas" inglesas e iniciador do casal Farrar, embora tenha sido provavelmente iniciado na *Wicca* em um *coven* gardneriano em 1963, alegava ter sido iniciado na bruxaria por sua avó, em 1933, após tê-la surpreendido dançando nua em um círculo, na cozinha[219].

A possibilidade de ligação a, ou criação de, uma identidade étnica ou familiar - gerando igualmente a oposição ao criar a distinção entre a própria origem e a origem dos demais - também foi, com certeza, decisivo na propagação da *Wicca*, especialmente em tempos em que a nova estrutura do mundo ocidental, cada vez mais internacionalizada e transnacional, afrouxava os laços étnicos e de parentesco.

Busca do poder, busca de um passado reconfortante, de uma origem, de integração em um grupo, ainda que imaginário, de reconstituição de um caminho direto até os ancestrais, ainda que idealizados. Possibilidade de contestação radical dos valores de uma sociedade que havia mergulhado o mundo em duas guerras e que o ameaçava com a possibilidade de uma terceira, e definitiva. São estes os fatores que proponho como determinantes para o sucesso da *Wicca*, ao menos ao longo dos seus primeiros vinte anos de existência.

Resta, portanto, discutirmos se esses fatores, associados aos diversos aspectos da *Wicca* apresentados ao

---

[218] Gardner. *O significado da bruxaria*, p.9.
[219] Adler. Op. cit., p.90.

longo deste trabalho, nos permitem concluir que ela foi e continua sendo - conforme a afirmação do prof. Hutton que citamos nas primeiras páginas - uma religião ofertada pela Inglaterra ao mundo.

3.3. Considerações finais: validade, mudanças e permanência.

O que define ou caracteriza uma religião? Inúmeros pesquisadores buscaram responder essa pergunta, estabelecendo critérios relativos ao mito e ao rito, e buscando diferenciar religiões, seitas e filosofias de vida. Nessa diferenciação, nota-se sem dúvida uma desvalorização da "seita" em detrimento do caráter amplo, abrangente e completo da "religião", bem como uma alusão a "filosofias de vida" como um fenômeno essencialmente não-religioso.

Francisco G. Bazán, eminente filósofo e historiador da religião, afirma

> *Que a aparição das seitas e sua reprodução mundial são um dado próprio da civilização industrial e pós-industrial. Que há uma ambigüidade no uso do termo 'seita'* [...]. *Que o núcleo característico de uma seita é o automatismo de algumas condutas que se submetem espiritualmente, ou seja, mental e volitivamente, a um líder ou idéia, de cuja vontade ou conhecimento depende exclusivamente o alcance imediato e utópico da felicidade universal, anulando também a liberdade afetiva.* [...] *Que as seitas ocupam um vazio de cultura, mas que não dão uma resposta satisfatória a seus defeitos, porque elas próprias são efeitos subculturais e contra-culturais favorecidos pelas condições da pós-modernidade*[220]*.*

Tomando como corretas as assertivas de Bazán, julgo

---

[220] Francisco G. Bazán. *Aspectos incomuns do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2002, pp.240-241.

não ser possível enquadrar a *Wicca* como uma seita. Sem dúvida, como vimos, ela surgiu em resposta a anseios típicos da sociedade industrial e pós-industrial. Igualmente, ela possui um caráter subcultural e contracultural.

No entanto, nela não existe a idéia de submissão a um líder ou idéia, nem o direcionamento em busca do alcance imediato da felicidade universal, ou a anulação da liberdade afetiva. Pelo contrário: seu criador é tido, simplesmente, como criador, e muitas vezes como mero divulgador da sua pré-existência. Nenhum tipo de reverência especial é a ele prestada, nem seus escritos são tidos como verdades inquestionáveis. O "caminho da Arte", como o chamam alguns adeptos, não se destina especificamente ao alcance da felicidade, mas à reintegração do homem com a natureza e, através dela, ao divino. Embora preconize a efetividade da magia, esta não é encarada como uma forma de obter vantagens pessoais, mas como uma prática acessória, que se destina, antes de mais nada, a *transformar o próprio praticante*, através do exercício da sua vontade.

Apesar disso, sempre será possível argumentar que a bruxaria neopagã de Gardner não pode ser considerada verdadeiramente uma religião, por não possuir um corpo doutrinário próprio, sendo antes uma colagem – como, aliás, ficou explícito ao longo deste trabalho – de crenças diversas, costuradas entre si por toques de magia ritual e elementos folclóricos. No entanto, mais do que suas origens, talvez seja importante considerar se, tomada como religião, ela é efetiva em satisfazer as necessidades espirituais de seus seguidores.

Podemos nos valer de algumas assertivas gerais de Mircea Eliade a respeito das religiões, para estabelecer se encontramos, na *Wicca*, os elementos que permitem essa

satisfação. Eliade afirma que

> *Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente*[221]*.*

Na *Wicca*, não existe um espaço sagrado permanentemente delimitado, templos ou locais fixos onde se dêem as cerimônias. Por outro lado, a cada vez que o "círculo mágico" é traçado por um sacerdote ou sacerdotisa, sendo este, como vimos, considerado um "espaço entre os mundos", o praticante assume a hierofania: consagra o espaço, retirando-o do *caos*, organizando-o segundo uma orientação precisa e específica, transformando-o num *cosmos* onde as leis vigentes não são mais as do cotidiano, mas aquelas que possibilitam sua ligação com a divindade. Ao traçar o círculo, o praticante da *Wicca* recria aquele espaço e, dessa forma, participa do próprio ato da Criação, transformando, ainda que temporariamente, o profano em sagrado.

As principais celebrações da *Wicca* organizam-se, como mencionamos, por intermédio de uma Roda do Ano, que reflete as mudanças observadas na natureza ao longo do suceder das estações e que as associa ao ciclo de nascimento, vida, morte e regeneração de seus próprios deuses naturais. Dessa maneira, essas celebrações resgatam uma religiosidade tradicional, na qual

> [...] *a vida cósmica era imaginada sob a forma de uma trajetória circular e identificava-se com o Ano. O Ano era um círculo fechado, tinha um começo e um fim, mas possuía também a particularidade de poder 'renascer'*

[221] Mircea Eliade. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.30.

sob a forma de um Ano Novo[222]*.*

O calendário ritual da *Wicca*, portanto, realiza a conexão entre o tempo profano, linear e unidirecional, e o tempo sagrado, o qual

> [...] *se apresenta sob o aspecto paradoxal de um tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos*[223]*.*

Além desse aspecto, que diz respeito às celebrações sazonais principais, podemos ainda nos remeter a um aspecto secundário, que regula as demais reuniões e que leva muitos dos praticantes da *Wicca* a descrevê-la como um "culto lunar": o ciclo da Lua – crescente, cheia, minguante – é grandemente valorizado e associado às faces da Deusa Tríplice, jovem, mãe e anciã. Este ciclo também está profundamente impregnado do simbolismo de vida, morte e ressurreição. Ainda segundo Eliade,

> *Pode-se falar de uma metafísica da Lua, no sentido de um sistema coerente de 'verdades' relativas ao modo de ser específico dos vivos, a tudo o que, no Cosmos, participa da Vida, quer dizer, do devir, do crescimento e do decrescimento, da 'morte' e da 'ressurreição'. Pois não se pode esquecer que a Lua revela ao homem religioso não somente a ligação indissolúvel entre a Morte e a Vida, mas também, e sobretudo,* que a morte não é definitiva, que é sempre seguida de um novo nascimento[224].

As conexões profundas entre a ritualística da *Wicca* e a simbologia da *regeneração*, ou seja, ao aspecto sagrado da vida, morte e renascimento, manifestam-se também no caráter

---

[222] Idem, p.69.
[223] Idem, p.64.
[224] Idem, p.130, grifos no original.

eminentemente iniciático dessa religião. Uma iniciação, na *Wicca*, é considerada uma "morte ritual", da qual o iniciado renasce para uma "nova vida", via de regra adotando um novo nome que será usado exclusivamente no âmbito do *coven* e somente por seus pares conhecido. Ao ser iniciado, o novo bruxo não apenas é aceito em um grupo e pode compartilhar daquilo que lhe é exclusivo (o que é característico de qualquer iniciação), mas igualmente assume que, a partir do momento da iniciação, possui uma "vida sagrada" que é distinta mas se confunde com a sua "vida profana".

O caráter iniciático da *Wicca*, dessa forma, não apenas supre a carência de ritos de passagem explícitos, na sociedade atual, como transmite ao praticante a noção de participar de uma existência sagrada, compartilhada em um grupo que está irmanado por essa existência.

Mais do que esses argumentos que apresentei, no entanto, talvez a principal característica da *Wicca* que permite distingui-la como religião seja a forma como seus próprios adeptos se representam. Embora haja alguns poucos que interpretem sua própria prática como uma "filosofia de vida", ou como um sistema que propicia uma reaproximação com valores relacionados à natureza, tal afastamento ou pragmatismo não é, de forma alguma, predominante. Aliás, esse tipo de posicionamento pertence a um momento bem mais atual do que aqueles primeiros vinte anos que enfocamos até agora, e provavelmente reflete tendências específicas da sociedade pós-moderna. A imensa maioria dos *Wiccanos*, no entanto, se auto-afirma praticante de uma religião não-cristã, não importando, nesse caso, que compartilhe ou não daquelas crenças às quais nos referimos, no tópico anterior, como os mitos da Origem Paleolítica e do Tempo das Fogueiras.

Na verdade, o *Wiccano* médio é, essencialmente, um

religioso, e mais devotado à sua religião do que uma boa parte daqueles que – na mesma amostragem social – professam outras fés. Isso talvez se deva ao fato que a *Wicca* é, via de regra, uma religião adotada por escolha própria e não a partir de convenções familiares ou sociais.

Por outro lado, é importante assinalar que, ao longo dos seus pouco mais de cinqüenta anos de existência, a *Wicca* passou por transformações que a adaptaram às condições sociais igualmente mutantes, o que certamente lhe garantiu a sobrevivência entre diversas tendências religiosas alternativas surgidas em resposta às incertezas do tempo de pós-guerras. Essa possibilidade de mudança e adaptação, é claro, estava implícita no seu *corpus*, uma vez que, como vimos, este apenas foi se consolidando *durante* os primeiros anos de divulgação, o que certamente foi determinante, também, para que diversas formas variantes de religiosidade neopagã se desenvolvessem a partir dela.

A primeira e talvez a mais significativa dessas transformações se deu entre fins da década de 1960 e meados da década de 1970, quando a segunda onda do feminismo percebeu o potencial de uma “religião da Deusa”, que poderia se opor ao patriarcalismo implícito na “religião do Deus”. A idéia expressa no sistema de Gardner não estabelecia uma supremacia da Deusa sobre o Deus da *Wicca*, a não ser que fosse levado em consideração que a primeira era eterna, ao passo que o segundo, sendo um deus da vegetação, passava pelo ciclo anual de morte e renascimento. No entanto, a partir do momento em que ativistas do movimento feminista, como Starhawk e Z. Budapest passaram a capitalizar a *Wicca* como uma forma de religiosidade centrada no feminino, a visibilidade desta como uma “religião da Deusa” tornou-se praticamente hegemônica.

As duas implicações mais imediatas dessa guinada conceitual em direção à predominância do aspecto feminino da divindade, na *Wicca*, foram o surgimento de diversas tradições "Diânicas", ou seja, formadas exclusivamente por mulheres ou onde os homens tinham um papel claramente secundário, e uma ligação implícita entre a religiosidade *Wiccana* e movimentos políticos, especialmente os devotados à causa feminista, bem como às minorias sexuais.

Mais uma vez, a figura da bruxa perseguida pela cristandade foi utilizada como emblema para promover um "resgate do feminino". Obras controversas, como as da arqueóloga Marija Gimbutas, que propunham um culto primitivo da Grande Mãe como religião original da Europa, tornaram-se argumentos nas mãos de inúmeros praticantes da *Wicca* e determinaram muito da sua forma atual. Pode-se afirmar que, na segunda metade dos anos 1970, a religião do deus cornífero das bruxas, conforme proposta por Murray e colocada em evidência por Gardner, transformara-se, definitivamente, na religião da Deusa.

Além de feministas e minorias sexuais, outra tendência que vai influenciar a *Wicca* é a crescente preocupação com a degradação do meio-ambiente. Graças a sua ritualística em profunda conexão com os ciclos naturais, ela chama a atenção de ambientalistas, militantes ou em potencial. Isso tem um duplo efeito: transforma quase todo bruxo em um defensor ferrenho do meio-ambiente e, ao lado de várias vertentes emergentes de neo-xamanismo, garante à *Wicca* o título de "religião da Terra".

Outra influência marcante, que surge mais ou menos na mesma época, é exercida pelo movimento *new-age*. A estrutura relativamente frouxa da bruxaria neopagã, em especial no que diz respeito às divindades – lembremo-nos que Gardner menciona um "deus" e uma "deusa" das bruxas, mas não os

identifica ou nomeia – foi um campo fértil para o panteísmo típico do movimento. Em pouco tempo, as indistintas divindades naturais da *Wicca* foram substituídas por inúmeros nomes de deuses e deusas, inicialmente aqueles associados ao folclore celta e, logo em seguida, qualquer divindade de qualquer cultura que, segundo a ocasião, tivesse alguma relação mitológica (ainda que inverossímil) com o que seria celebrado.

Ao mesmo tempo, o "conhecimento tradicional" das bruxas, que Gardner associara à medicina das ervas, ao trabalho das parteiras, passou a ser associado, sob influência do movimento *New-Age*, às inúmeras técnicas divinatórias e de "cura espiritual" que entraram em voga nos círculos pseudo-esotéricos. Baralhos de tarô, pêndulos, cristais e técnicas terapêuticas alternativas passaram, cada vez mais, a fazer parte do cotidiano das novas bruxas e, na verdade, a ser encarados, por muitos, como parte integrante da *Wicca*.

Pouco depois dessas grandes correntes exercerem sua influência, e ao mesmo tempo em que surgiam, especialmente a partir dos EUA, diversas vertentes neopagãs claramente inspiradas no modelo da *Wicca*[225], esta agrupou uma última modificação em suas bases que acabou sendo decisiva para sua popularização e para o grande crescimento do número de adeptos a partir dos anos 80. Iniciando-se pela obra do escritor americano Scott Cunningham, começou a surgir uma visão muito simplificada da *Wicca*, que mantinha os mitos da Origem Paleolítica e do Tempo das Fogueiras como fios condutores da narrativa, mas introduzia a idéia de que a bruxaria não era, necessariamente, um legado hereditário ou algo acessível apenas através da iniciação em um *coven*, mas

---

[225] Entre elas, podemos citar o *Ásatrú*, baseado no folclore nórdico, e a *Stregheria*, que remete à bruxaria italiana nos termos de Leland.

uma religião que poderia ser abraçada por qualquer interessado, sendo admissível a prática solitária e mesmo a "auto-iniciação".

Essas modificações poderiam ser tomadas como uma banalização da bruxaria neopagã e, em determinados aspectos, isso foi realmente o que aconteceu. Por outro lado, ao mesmo tempo em que ela se difundia como uma prática religiosa não mais hermética, mas agora de fácil acesso e, ainda, que incorporava toda uma série de modismos típicos do período, vários de seus adeptos seguiram o caminho inverso, optando não apenas por livrar a bruxaria de seus novos (e convenientes mercadologicamente) acessórios, mas principalmente por começar a colocar numa perspectiva mais realista várias de suas alegações. Ao mesmo tempo em que o ecletismo se disseminava e *covens* gardnerianos e alexandrinos passavam a ser vistos como "conservadores" e "tradicionalistas", novas lideranças e antigos expoentes da *Wicca*, especialmente no Reino Unido e nos EUA, começaram a expressar seus próprios pensamentos a respeito da religião de forma independente das tendências contemporâneas e na corrente contrária à exploração comercial do culto.

Na verdade, houve uma explosão da *Wicca* nos anos 90, motivada primeiramente por filmes como *Jovens bruxas* (*The Craft*, 1996), *Da magia à sedução* (*Pratical Magic*, 1998) e seriados de televisão, como *Charmed*, todos apresentando ritos da bruxaria neopagã, misturados, obviamente, a muita fantasia. Ao mesmo tempo, começou a haver uma ampla exposição e divulgação da *Wicca* através da Internet, geralmente nas suas formas mais simplistas e romanceadas. Movidos especialmente pelo aparente *glamour* da bruxaria e atraídos pela facilidade, apontada nos livros e *sites* mais populares sobre o assunto, com que podiam "tornar-se

bruxos", inúmeros adolescentes e jovens passaram a declarar-se adeptos da *Wicca* e a consumir vorazmente produtos relacionados à sua prática.

A fase do modismo durou talvez cinco anos e logo arrefeceu. Dos vários milhares de jovens que travaram contato com a *Wicca* neste período, a maioria desinteressou-se ao ser confrontada com visões menos simplistas da religião, ou por outros motivos. No entanto, a exposição foi excessiva ao ponto de, até nos meios esotéricos ou ocultistas, e entre outras tradições neopagãs, a *Wicca* perder credibilidade, sua seriedade sendo constantemente questionada. Como resposta a esta excessiva exposição, emergiram diversas vozes que, embora não abandonando de todo os acréscimos feitos à *Wicca* no decorrer das últimas décadas, preconizavam uma visão mais equilibrada e uma participação social menos rumorosa.

Atualmente, uma parcela significativa dos *Wiccanos* acha questionável a alegação de Gardner de ter encontrado um *coven* em New Forest e sido iniciado por ele. A idéia da sobrevivência da religião desde tempos primitivos, através da Idade Média e até os dias atuais, foi praticamente abandonada, uma boa parte dos adeptos preferindo referir-se à sua própria prática como uma tentativa de "reconstrução" de uma religiosidade ancestral, porém com bases modernas. Muitos admitem prontamente que as fontes mitológicas e rituais da *Wicca* são as obras de Frazer, Murray e Leland, bem como a magia cerimonial. E poucos são os que ainda defendem sua ligação com as bruxas queimadas pela Inquisição[226].

---

[226] Vale dizer que esse tipo de posicionamento é comum entre bruxas e bruxos do Reino Unido e dos EUA, segundo levantamentos que podem ser averiguados nas obras citadas de Hutton, Magliocco e Clifton. Em países como o Brasil, onde a *Wicca* possui um número expressivo de adeptos, mas onde ela chegou tardiamente, pude constatar a

Essa postura parece apontar um amadurecimento nas bases conceituais da *Wicca*. Se os mitos da “Origem Paleolítica” e do “Tempo das Fogueiras” não são mais necessários como atrativo ou como elementos formadores de identidade, acho razoável afirmar que os pouco mais de cinqüenta anos de existência da religião solidificaram sua doutrina e sua prática como válidas *por si*. Por enquanto, o número crescente de *covens*, organizações, festivais, *sites* e publicações dedicados ao assunto, parece confirmar essa afirmação.

No entanto, não podemos deixar de lembrar que lançamos os olhos sobre os primeiros anos de uma religião, e de uma religião cuja estruturação é, por princípio, nuclear e fragmentada, o que tem impedido qualquer tentativa séria de centralização ou mesmo de estabelecimento de uma “crença comum” a todos os diversos grupos que a formam. Em 1974, um “Conselho das Bruxas Americanas” reuniu-se em Minneapolis e elaborou um documento contendo treze “princípios da crença *Wiccana*”[227]. Embora bastante genéricos, esses princípios são geralmente considerados válidos, embora a autoridade do Conselho para elaborá-los ou mesmo para se expressar em nome de todos os *Wiccanos* tenha sido veementemente contestada. Talvez essa característica – a autonomia absoluta e ciosamente guardada dos diversos *covens* e tradições – tenha sido o que possibilitou que a *Wicca* se transformasse e se adaptasse, resistindo a tempos de profundas mudanças, como as últimas décadas do século XX.

Embora não tão radical em sua descentralização, o congregacionalismo das igrejas protestantes é, sem dúvida, um exemplo de sucesso nos mesmos moldes, durando já quase

---

predominância, ainda, de um posicionamento mais “romântico” a respeito das origens da religião entre seus praticantes.

[227] Adler. Op. cit., pp.97-99.

400 anos. Não cabe ao historiador, no entanto, fazer previsões. Busquei retratar e analisar o nascimento de uma religião, suas origens imediatas e alguns fatores que possivelmente influenciaram no seu rápido crescimento. O futuro da *Wicca* e das diversas religiões neopagãs que, de uma forma ou de outra, surgiram a partir dela, será provavelmente o assunto de historiadores também futuros.

Bibliografia

ADLER, Margot. *Drawing Down the Moon*. New York: Penguin Books, 1986.

BARING, Anne e CASHFORD, Jules. *The Myth of the Goddess*. London: Penguin Books, 1993.

BARROS, Maria Nazareth Alvim de. *As deusas, as bruxas e a Igreja*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.

BAZÁN, Francisco G. *Aspectos incomuns do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996

BRACELIN, Jack. *Gerald Gardner, Witch*. London: Octagon Press, 1960.

BRESCIANI, Maria Stella M. *Metrópoles: as faces do monstro urbano* in Revista Brasileira de História, vol. 5, nº 8/9, set. 84/abr. 85.

CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus: mitologia ocidental*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

______. *As máscaras de Deus: mitologia primitiva*. São Paulo: Palas Athena, 1992.

______. *Mitologia na vida moderna*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

______. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CHARROUX, Robert. *A história desconhecida dos homens*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

CLARK, Stuart. *Pensando com demônios*. São Paulo: EDUSP, 2006.

CLIFTON, Chas S. *Her Hidden Children: The Rise of Wicca and Paganism in América*. Lanham: Rowman Altamira, 2006.

CROWLEY, Aleister. *Os livros sagrados de Thelema*. São Paulo: Anúbis, 1998.

CUNLIFFE, Barry. *The Ancient Celts*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

CUNNINGHAN, Scott. *Guia essencial da bruxa solitária*. São Paulo: Gaia, 1998.

DREW, A. J. *Wicca for Men*. Secaucus: Citadel Press, 2000.

DUNWICH, Gerina. *Wicca: a feitiçaria moderna*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

______. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

______. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

______. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FARRAR, Janet e Stewart. *The Witche's Way*. Washington: Phoenix Publishing, 1984.

______. *Oito sabás para bruxas*. São Paulo: Anúbis Editores, 1999.

FORTUNE, Dion. *A sacerdotisa da lua*. São Paulo: Pensamento, 1988.

FRAZER, Sir James G. *The Golden Bough: a Study in Magic and Religion*. London: McMillan & Co., 1922.

GADDIS, Jonh Lewis. *História da Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

GARDNER, Gerald B. *A bruxaria hoje*. São Paulo: Madras, 2003.

______. *O significado da bruxaria*. São Paulo: Madras, 2004.

______. *High Magic's Aid*. Essex: I-H-O Books, 1999.

______. *A Goddess Arrives*. Essex: I-H-O Books, 2000.

GEARY, Patrick J. *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

GIDLOW, Chistopher. *O reinado de Arthur*. São Paulo: Madras, 2005.

GIMBUTAS, Marija. *The Living Goddesses*. London: University of California Press, 1999.

GINZBURG, Carlo. *História noturna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

______. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

______. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

______. *Os andarilhos do bem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GLEISER, Marcelo. *A dança do universo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *The Occult Roots of Nazism: the Ariosophists of Austria and Germany, 1890-1935*. Dartford: Aquarian Press, 1985.

GRAVES, Robert. *A deusa branca*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GRIMASSI, Raven. *Os mistérios wiccanos*. São Paulo: Gaia, 2000.

HARRISON, Jane Ellen. *Prolegomena to the Study of Greek Religion*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

______. *Themis: A Study of the Social Origins of Greek Religion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1912

HESELTON, Philip. *Gerald Gardner and the Cauldron of Inspiration*. Milverton: Capall Bann, 2003.

______. *Wiccan Roots*. Chieveley: Capall Bann, 2000.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998.

HUTTON, Ronald. *The Triumph of the Moon*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

JACOB, Margaret C. *Living the Enlightenment: Freemansonry and Politics in Eighteenth Century Europe*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

JENKINS, Richard. *The Victorians and Ancient Greece*. Oxford: Blackwell, 1980.

JONES, Evan J. e VALIENTE, Doreen. *Feitiçaria: a tradição renovada*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

LELAND, Charles G. *Aradia: o evangelho das bruxas*. São Paulo: Outras Palavras, 2002.

LEVACK, Brian P. *A caça às bruxas na Europa moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LEVI, Eliphas. *Dogma e ritual de alta magia*. São Paulo: Madras, 1996.

LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. New York: Cambridge University Press, 1985.

LYRA, Alberto. *A magia e o diabo no século XX*. São Paulo: IBRASA, 1983.

MAGLIOCCO, Sabina. *Witching Culture: Folklore and Neo-Paganism in América*. Philadelfia: University of Pennsylvania Press, 2004.

MICHELET, Jules. *A feiticeira*. São Paulo: Aquariana, 2003.

MURRAY, Margaret A. *O culto das bruxas na Europa ocidental*. São Paulo: Madras, 2003.

______. *O deus das feiticeiras*. São Paulo: Gaia, 2002.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. *Bruxaria e História.* Bauru: EDUSC, 2004.

______. *O nascimento da bruxaria.* São Paulo: Editora Imaginário, 1995.

PALOU, Jean. *A feitiçaria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

PAUWELS, Louis e BERGIER, Jacques. *O despertar dos mágicos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

PIETIKAINEN, Petteri. *The Volk and Its Unconscious: Jung, Hauer and the 'German Revolution'* in *Journal of Contemporary History* 35.4, October 2000.

RAVENWOLF, Silver. *To Ride a Silver Broomstick*. St. Paul: Llewellyn, 2000.

REIS FILHO, Daniel A., FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste (orgs.). *O século XX: o tempo das certezas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

______. *O século XX: o tempo das crises*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

______. *O século XX: O tempo das dúvidas.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

RUSSELL, Jeffrey B. *História da feitiçaria*. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

______. *Lúcifer: o diabo na Idade Média*. São Paulo: Madras, 2003.

______. *O diabo: as percepções do mal da antiguidade ao cristianismo primitivo*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SALLMANN, Jean-Michel. *As bruxas: noivas de Satã*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). *O século sombrio*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

STARHAWK. *A dança cósmica das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

STEVENSON, David. *The Origins of Freemansonry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

TARADE, Guy. *Os arquivos do insólito*. São Paulo: DIFEL, 1976.

THOMSON, Oliver. *A assustadora história da maldade*. São Paulo: Ediouro, 2002.

TURNER, Frederick. *O espírito ocidental contra a natureza*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WAITE, Arthur Edward. *As ciências ocultas*. São Paulo: Ediouro, 1985.

WANW, Andrew. *The Viking Revival*. 2001: BBC History, disponível em <http://www.bbc.co.uk/history/ancient/vikings/ revival_01.shtml>, acessado em 12/12/2007.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

WILLIAMS, Rev. John (ed.). *Barddas; or, a Collection of Original Documents, Illustrative of the Theology, Wisdom, and Usages of the Bardo-Druidic System of the Isle of Britain*. London: Longman & Co.,1862.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual* in SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Além das obras relacionadas, foram utilizados na elaboração deste trabalho extratos de jornais e revistas britânicos das décadas de 1950 e 1960. Tais extratos pertencem à coleção pessoal de Melissa Seims, que gentilmente os enviou por meio eletrônico para este autor. Dessa maneira, alguns dos artigos listados a seguir possuem pouca ou nenhuma referência bibliográfica, uma vez que disponho apenas do seu registro fotográfico. São eles:

ANDREWS, Allen. *Witchcraft in Britain*. London: Illustrated, 27/09/1952, pp.19-20 e 41-42.

A Witch's View of Witchcraft. Psychic News, 09/04/1955.

Britain's Chief Witch dies at Sea. London: News of the

World, 23/02/1964.

ELLIS, Alan J. *Witchcraft – The Facts*. London: Fate Magazine, setembro de 1965, pp.41-45.

HAWKINS, Peter. *No Witchcraft is Fun*. London: Sunday Pictorial, 17/06/1955, pp.7-8.

HOELER, Ver. Stephan A. *Occultism throught the Eyes os Religion*. Exploring the Unknown, fevereiro de 1963, pp.89-95.

MACAULAY, Jean. *Day I met a Witch….* Artigo na coluna intitulada “Women’s View” de um jornal escocês de 1961.

MANNIX, Daniel P. *Witchcraft’s Inner Sanctun*. London: True Magazine, 1960.

STABLER, Barbara. *I’m a Witch*. London: Weekend Magazine, 24/061957.

Still casting Spells. Artigo em um jornal escocês de 1961.

VALIENTE, Doreen. *A Witch answers back*. London: Fate Magazine, dezembro de 1965, PP.39-43.

Yes, I am a Witch. London: Daily Dispatch, 05/08/1954.